



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA (PPGS)
MESTRADO ACADÊMICO EM SOCIOLOGIA

ANDERSON DA SILVA SOUSA

**TRADIÇÃO E RUPTURA: A ascensão da RCC em Imperatriz e as
disputas por poder no interior do catolicismo**

IMPERATRIZ – MA

2024

ANDERSON DA SILVA SOUSA

**TRADIÇÃO E RUPTURA: “A ascensão da RCC em Imperatriz
e as disputas por poder no interior do catolicismo”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Instituições, construção e reprodução social das diferenças: educação, poder, sociabilidades, ações coletivas e representações sociais.

Orientador: Dr. Gamaliel da Silva Carreiro

IMPERATRIZ – MA

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

da Silva Sousa, Anderson.

TRADIÇÃO E RUPTURA: : a ascensão da RCC em Imperatriz e
as disputas por poder no interior do catolicismo /
Anderson da Silva Sousa. - 2024.

104 p.

Orientador(a): Gamaliel da Silva Carreiro.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Sociologia/ccim, Universidade Federal do Maranhão,
Imperatriz, 2024.

1. Rcc. 2. Igreja Católica. 3. Imperatriz. 4.
Conflitos. 5. Tensões. I. da Silva Carreiro, Gamaliel.
II. Título.

ANDERSON DA SILVA SOUSA

**TRADIÇÃO E RUPTURA: A ascensão da RCC em Imperatriz e as
disputas por poder no interior do catolicismo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Instituições, construção e reprodução social das diferenças: educação, poder, sociabilidades, ações coletivas e representações sociais.

Orientador: Dr. Gamaliel da Silva Carreiro

Aprovada em: ____/____/2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Gamaliel Carreiro (Orientador)

Prof. Dr. Juarez Lopez de Carvalho Filho

Prof. Dr. Agnaldo José da Silva

DEDICATÓRIA

Aos meus avós, José Avelino de Sousa e Maria Alice do Nascimento Sousa, que mesmo sem conhecer o universo acadêmico, me incentivaram a nunca desistir dos estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por me permitir chegar até aqui.

Agradeço à minha família, que sempre me apoiou e incentivou a continuar no caminho dos estudos. Em especial, à minha esposa, M^a da Conceição, que me acompanha e divide comigo as dores e os prazeres da vida, ajudando-me e acolhendo-me em todos os momentos felizes e difíceis até agora.

Agradeço aos entrevistados que contribuíram de forma substancial ao trabalho, enriquecendo e aprimorando a produção da pesquisa.

Agradeço ao meu orientador, Gamaliel da Silva Carreiro, que, com dedicação e sabedoria, me orientou e estimulou a produzir e concluir este trabalho.

Agradeço à Universidade Federal do Maranhão (UFMA), representada por todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS-UFMA), que, com dedicação e paciência, foram fundamentais na partilha do conhecimento.

Agradeço ao Grupo de Estudo e Pesquisa MensMemini: Religião, Memória e Trajetória, liderado pelo professor Dr. Rogério Carvalho Verás, pelas oportunidades de diálogos que levaram ao aprimoramento do trabalho.

A todos que me ajudaram de forma direta e/ou indiretamente na pesquisa e na produção do trabalho, minha mais sublime gratidão.

RESUMO

A pesquisa objetivou identificar as tensões e conflitos existentes no campo religioso católico na cidade de Imperatriz-MA. Baseando-se nas contribuições de Pierre Bourdieu nos estudos das religiões, realizamos uma análise sócio-histórica, observando as transformações causadas no cenário católico brasileiro e suas implicações no catolicismo da cidade de Imperatriz e consequente conflitos, tensões e as conclusões resultantes. Estes conflitos são observados a partir do surgimento e expansão da Renovação Carismática Católica (Rcc) e sua acomodação no campo religioso. Este movimento religioso, com práticas semelhantes aos pentecostais, transformaram e continuam a transformar o campo religioso católico através de estratégias que podem ser observadas apoiado nas categorias bourdieusianas como campo, habitus e capital. Com a realização de entrevistas foi buscado entender as motivações das divergências e conflitos existentes no campo. Através de concessões e cobranças por parte da Igreja Católica, a RCC segue expandindo no catolicismo imperatrizense abrangendo leigos e padres em seu seio e obrigando outros grupos e movimentos católicos a se adaptarem a ela ou encerrar seus trabalhos.

Palavras-chaves: Rcc. Igreja Católica. Imperatriz. Conflitos. Tensões.

ABSTRACT

The research aimed to identify the tensions and conflicts existing in the catholic religious field in the city of Imperatriz-MA. Based on Pierre Bourdieu's contributions to religious studies, we conducted a socio-historical analysis, observing the transformations in the brazilian catholic scenario and their implications for catholicism in the city of Imperatriz, as well as the resulting conflicts, tensions, and conclusions. These conflicts are observed from the emergence and expansion of the Catholic Charismatic Renewal (RCC) and its accommodation in the religious field. This religious movement, with practices similar to those of Pentecostals, has transformed and continues to transform the catholic religious field through strategies that can be observed using Bourdieusian categories such as field, habitus, and capital. Through interviews, we sought to understand the motivations for the divergences and conflicts existing in the field. Through concessions and demands from the Catholic Church, the RCC continues to expand within catholicism in Imperatriz, encompassing laypeople and priests within its fold and forcing other catholic groups and movements to adapt to it or cease their activities.

Keywords: Rcc. Catholic Church. Imperatriz. Conflicts. Tensions.

.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACB	Ação Católica Brasileira
ACE	Ação Católica Especializada
CASF	Comunidade de Aliança Sagrada Família
CCSM	Comunidade Católica Sim de Maria
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	Conselho Episcopal Latino Americano
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COMIC	Comunidade Missionária Católica Sagrado Coração de Jesus e
Maria	
DSI	Doutrina Social da Igreja
FMVTS	Festival Minha Vida Tem Sentido
G.O	Grupo de Oração
HAC	Homens da Ação Católica
JCB	Juventude Católica Brasileira
JEC	Juventude Estudantil Católica
JFC	Juventude Feminina Católica
LFAC	Liga Feminina da Ação Católica
MCC	Movimento de Cursilhos de Cristandade
MJ	Ministério Jovem da Rcc
PJ	Pastoral da Juventude
Rcc	Renovação Carismática Católica
TdL	Teologia da Libertação
TLC	Treinamento de Lideranças Cristãs

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Esquema do Campo Religioso	25
Figura 2 Posições sociais e Espaços dos Estilos de Vida;	30
Figura 3 Padre Eduardo Dougherty	46
Figura 4 Padre Haroldo Rahn	46
Figura 5 Hierarquia RCC	49
Figura 6 Mapa da Diocese de Imperatriz.....	67
Figura 7 Hierarquia diocesana da RCC	69
Figura 8 - Arca do Cerco de Jericó	88
Figura 9 - Campanha N. Sr. ^a de Caná.....	89
Figura 10 Campanha das Santas Chagas.....	90
Figura 11 Pregação de Lucas Santos.....	93
Figura 12 Festival Minha Vida tem Sentido	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A CONTRIBUIÇÃO DE PIERRE BOURDIEU NOS ESTUDOS DAS RELIGIÕES 19	
1.1 CAMPOS SOCIAIS	20
1.2 CAMPO RELIGIOSO	21
1.3 A COMPOSIÇÃO DO CAMPO RELIGIOSO	24
1.4 O CAMPO ECONÔMICO E SUA INFLUÊNCIA NO CAMPO RELIGIOSO	27
1.5 CONCEITO DE CAPITAL	31
1.6 HABITUS	35
2 CAMPO RELIGIOSO CATÓLICO NO BRASIL	38
2.1 RCC NO BRASIL	40
2.1.1 <i>A estratégia de expansão da RCC</i>	51
2.2 CRESCIMENTO DO PENTECOSTALISMO E A PRESSÃO NO INTERIOR CATÓLICO	52
2.3 RCC E CEBS	55
2.3.1 <i>Contexto Político E Religioso No Surgimento Das Ceps</i>	56
2.4 CEBS UM SETOR PROGRESSISTA	58
2.5 RCC: UMA ALTERNATIVA AO CATOLICISMO DE ESQUERDA	63
3 A FORMAÇÃO DO CAMPO RELIGIOSO CATÓLICO EM IMPERATRIZ E SUAS TRANSFORMAÇÕES	66
3.1 FUNDAÇÃO E EXPANSÃO DA RCC DENTRO DA ÁREA DA DIOCESE DE IMPERATRIZ	69
4 A RELAÇÃO DE PODER ENTRE RCC E A DIOCESE (CONFLITOS E CONCESSÕES)	77
4.1 A TENSÃO ENTRE AS NOVAS COMUNIDADES E A RCC	78
4.2 A PERSONALIZAÇÃO DOS RITOS NAS MISSAS	81
4.3 A CATEQUESE E ENCONTROS DOMÉSTICOS COMO FORMA DE RECRUTAMENTO	84
4.4 AS CAMPANHAS DE ORAÇÃO	87

4.5	AS LIDERANÇAS DA RCC EM IMPERATRIZ	91
4.6	O RECRUTAMENTO DE NOVOS MEMBROS	92
4.7	ANÁLISE DA PARÓQUIA MODELO.....	94
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102

INTRODUÇÃO

O cristianismo constitui a principal religião do Brasil, tanto em termos de número de adeptos quanto em influência política e econômica. Dentro desse panorama, o catolicismo permanece como a principal denominação religiosa, exercendo um papel preeminente no campo religioso. Desde a chegada dos portugueses, a Igreja Católica tem sido uma força constante e determinante na sociedade brasileira.

Nas últimas décadas observa-se uma crescente preocupação da Igreja Católica com o surgimento e a expansão de outras vertentes cristãs, que também disputam a hegemonia no campo religioso. Esta competição manifesta-se em diversos âmbitos, desde a atração de fiéis até a influência sociopolítica, evidenciando um cenário de crescente pluralidade e dinamismo religioso no Brasil.

Nesta conjuntura, cresci em uma família católica, vindo de uma cidade do interior do Maranhão, chamada de Graça Aranha. Naquela região o catolicismo é quase como uma regra, e não havia ali quem se apresentasse como um não católico. Desde cedo catequizado, cresci ouvindo as doutrinas católicas e a luta da igreja contra os evangélicos e sua “falsa doutrina espiritual”.

Vim para a Imperatriz em 2006 aos 16 anos para terminar o ensino médio e entrar na faculdade. Na nova cidade, continuei indo às missas, em quase todos os domingos acompanhado de meu avô na paróquia de Santa Cruz, localizada no bairro vila lobão. Lá conheci um grupo de oração que para mim era muito diferente do que eu estava acostumado na minha vivência como católico. Havia louvor, músicas emotivas, clamores coletivos, orações em línguas, repouso no Espírito. Tudo era muito diferente para mim. Com o tempo, naquela comunidade, entendi que na Igreja havia vários tipos de movimentos, cada um com suas características e práticas. O grupo aqui citado era parte da Renovação Carismática (doravante RCC, renovação ou renovação carismática).

Acabei participando fielmente de um grupo de jovens que tinha um jeito de rezar bem parecido com a igreja da minha antiga cidade, e se identificavam como um grupo da Pastoral da Juventude (PJ), no qual participei ativamente sendo líder de grupo e coordenações, o que me abriu portas para conhecer a igreja além das missas nos domingos. Em reuniões de conselhos, conheci a diversidade de grupos dentro da

paróquia e da diocese, suas formas também distintas de ser católicos, seus interesses e seus líderes.

Meu interesse pela RCC como objeto de pesquisa surgiu em 2015 na graduação em Licenciatura em História, na Universidade Estadual do Maranhão. Observando a RCC como um movimento que crescia cada vez mais na cidade e motivava conflitos com outros grupos, me interessei pela sua história na cidade de Imperatriz. Nas pesquisas anteriores, observamos os conflitos entre a RCC e a Diocese de Imperatriz, e entre a RCC e alguns grupos católicos. Vale ressaltar que quando é utilizado a palavra diocese, é indicada a todo o corpo eclesiástico do território diocesano, e não somente a pessoa do Bispo.

Uma diocese é uma circunscrição territorial da Igreja Católica, administrada por um bispo, que atua como a autoridade eclesiástica local. A organização do poder dentro de uma diocese segue uma estrutura hierárquica bem definida, onde o bispo, nomeado pelo Papa, exerce autoridade suprema em questões doutrinárias, litúrgicas e administrativas.

Abaixo do bispo estão os vigários gerais e episcopais, que auxiliam na governança pastoral e na implementação das diretrizes diocesanas. As paróquias, unidades menores dentro da diocese, são conduzidas por párocos que reportam diretamente ao bispo. Além disso, a diocese conta com diversos conselhos e comissões, compostos por clérigos e leigos, que colaboram na gestão de assuntos específicos como educação religiosa, caridade e liturgia. Esta estrutura organiza a administração pastoral e assegura a unidade e a coesão da fé católica no território diocesano.

Este movimento tem aspectos que atraem a atenção de vários pesquisadores e surge décadas depois do movimento mundial do pentecostalismo, trazendo um novo avivamento do cristianismo nas sociedades modernas. Alguns estudiosos como Reginaldo Prandi¹ e Ari Pedro Oro², apontam a RCC como uma resposta do catolicismo a evasão de fiéis de suas igrejas em todo o mundo, inclusive no Brasil.

A chegada da renovação carismática no Brasil no início dos anos 70, causou o prelúdio de um novo catolicismo. Com aspectos que se assemelham a igrejas

¹ Ler: Um Sopro do Espírito Santo, 1997.

² Ler: A Renovação Carismática Católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo?

evangélicas pentecostais como a Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, entre outras que surgiram após estas, a RCC levou para dentro da igreja católica, um novo avivamento da fé, uma nova forma de ser católico com repercussões em muitos aspectos da vida religiosa.

Este avivamento contribuiu de forma positiva para o catolicismo manter sua hegemonia no campo religioso brasileiro, já que as CEBs³ não surtiam efeito nas regiões metropolitanas e o catolicismo perdia cada vez mais espaço para outras denominações religiosas. Sem uma tendência política, ou de pensamento coletivo, a “espiritualidade carismática” se preocupa com o indivíduo e seu interior, seus comportamentos, suas ações, sua ética e moralidade e bons costumes. Segundo Prandi:

Os carismáticos, ao contrário dos católicos de CEBs, centram a vida religiosa na esfera da intimidade, desenvolvem acentuado controle moral no âmbito da família, dos costumes e da sexualidade, desinteressam-se completamente dos problemas de caráter coletivo, e, por conseguinte, da militância política⁴ (Prandi, 1997. p. 28).

Existem então três movimentos importantes dentro do catolicismo brasileiro a partir da década de 1970: o catolicismo tradicional que está perdendo fiéis para o pentecostalismo; as CEBs que é um movimento político/teológico, uma corrente dentro do catolicismo fortemente ligada as causas sociais e não ao proselitismo; e agora a RCC que se propõe ser um movimento de “refidelização” dos fiéis católicos. Não mais o catolicismo nominal⁵, mas um novo católico, fortemente motivado e fiel a um certo padrão moral cristão.

A RCC chegou no Maranhão primeiramente na cidade de Imperatriz na década de 1970, e rapidamente se expandiu na região e pelo estado. Atualmente⁶ permanecem cerca de 364 grupos de orações cadastrados em seu site, dos quais 44 estão em Imperatriz, atrás apenas da capital São Luís com 73 grupos cadastrados.

A Renovação Carismática em Imperatriz, é o movimento mais bem articulado dentro da diocese, com grupos que têm instrumentos musicais modernos como

³ Comunidades Eclesiais de Base

⁴ Apesar desta afirmação de Prandi de décadas atrás, atualmente a RCC tem participação ativa dentro da política, eles criaram o ministério Fé e Política, onde elaboram um plano de campanha para o candidato do movimento em sua região de atuação.

⁵ São aqueles que apesar de não ter uma vida religiosa, se consideram católicos.

⁶ Dados da secretaria da RCC em Imperatriz no ano de 2021.

baterias, guitarras, violões etc. Além de organizar eventos que comportam milhares de pessoas. Todo esse aparato não é doado pela Igreja católica, mas adquirido pelos grupos com a ajuda de seus membros e da contribuição mensal arrecadada pelos Grupos de Oração (G.O).

Atualmente, todas as paróquias da cidade de Imperatriz têm um grupo de oração da renovação carismática ou um que seja influenciado por ela. O que nos faz entender que a dimensão do movimento carismático na cidade é bem maior que os números oficiais da secretaria ou encontrados na nossa pesquisa anterior e que foi desdobrada nesse trabalho.

A Renovação Carismática, embora seja um movimento com rituais específicos, tem a capacidade de influenciar membros de outros grupos dentro da Igreja. Seus hábitos e práticas ritualísticas acabam sendo adotados por alguns membros de outros movimentos, que, ao longo do tempo, podem migrar para a Renovação Carismática. Essa migração pode resultar no enfraquecimento ou até no encerramento de atividades dos grupos originais devido à falta de participantes.

A justificativa para tal pesquisa é a perceptível influência da RCC dentro da Igreja Católica em Imperatriz-MA, e os conflitos internos, especialmente com a Diocese gerados por essa influência, se tornando um objeto de estudo promissor para a sociologia, em especial para a sociologia das religiões. Além da escassez de trabalhos desta área na região, fazendo ainda mais necessário um estudo deste fenômeno que aumenta a cada ano sua participação nas paróquias da cidade.

O objetivo principal desta reflexão é: Analisar a ascensão da RCC em Imperatriz e as tensões entre ela e o catolicismo tradicional, especialmente com as lideranças da diocese de Imperatriz. E como objetivos específicos: a) Traçar um histórico da chegada da RCC em Imperatriz, destacando sua ascensão e influência no catolicismo local, incluindo seu crescimento, poder econômico e capital político; b) Analisar as rupturas e/ou acomodações da RCC dentro da Igreja Católica, bem como as estratégias adotadas pela Igreja para evitar cismas internos; c) Investigar as dinâmicas de poder e as tensões entre a RCC e o catolicismo tradicional em Imperatriz, com foco especial nas interações e conflitos com as lideranças da diocese.

Em busca de adquirir um conhecimento minucioso sobre a Renovação Carismática Católica em Imperatriz, buscou-se realizar pesquisas bibliográficas, e

revisão da literatura além de catalogação e análise de documentos da igreja emitidos pelo Vaticano, CNBB⁷, e estatuto do movimento.

Além de observar o comportamento, estratégia e funções de alguns grupos, aplicamos entrevistas semiestruturadas e observações participantes. Esse tipo de abordagem, conforme Godoy (1995, p. 21), “não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques”. Os nomes dos entrevistados foram omitidos, sendo usado pseudônimos para preservar suas identidades e se sentirem mais à vontade durante a entrevista.

Paugam (2015, p.22), ressalta que “o sociólogo deve ser capaz de neutralizar seus sentimentos e rechaçar suas paixões, urge-lhe tomar consciência das próprias preferências ao delimitar o campo de suas investigações”. A partir das observações de Paugam, e mesmo conscientes de que a neutralidade científica não existe, optamos por fazer pesquisas qualitativas. Durante os últimos anos temos transitado de forma amistosa e fomos bem recebidos pelos grupos carismáticos de Imperatriz. O que rendeu bons e confiáveis interlocutores.

Para garantir a qualidade da pesquisa, utilizamos o método qualitativo. As técnicas de coleta de dados qualitativos incluíram: 1) Observação participante em grupos de oração, 2) Fichamento detalhado das observações realizadas, 3) Entrevistas semiestruturadas com lideranças da Renovação Carismática e padres da Igreja Católica, e 4) Identificação de lideranças que possam influenciar direta ou indiretamente a Diocese de Imperatriz ou as paróquias locais.

Através da interdisciplinaridade, realizaremos um trabalho socio-histórico do objeto de pesquisa. Em diálogo com a disciplina de História, empregamos a história oral como estratégia metodológica complementar, visando compreender as experiências e narrativas dos entrevistados de maneira mais profunda e contextualizada.

A dissertação está disposta em quatro capítulos mais as considerações finais. O primeiro capítulo intitulado A Contribuição de Pierre Bourdieu nos Estudos das Religiões busca, de forma coesa, explicar a teoria do campo de Pierre Bourdieu,

⁷ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

abordando conceitos como capital, habitus e campo, analisando o campo religioso e a influência do campo econômico no campo religioso.

O segundo capítulo, intitulado Campo Religioso Católico do Brasil é o capítulo incumbido de analisar o surgimento da RCC e sua chegada no país, além de fazer uma análise das semelhanças e diferenças deste movimento ainda hegemônico na igreja católica do Brasil, as CEBs, e suas posições ideológicas dentro do catolicismo. Ademais, as semelhanças e diferenças com o pentecostalismo evangélico.

O terceiro capítulo A Formação do Campo Religioso Católico em Imperatriz propõe analisar o impacto de conflitos entre RCC e catolicismo, observando a história, formação e expansão da RCC em Imperatriz, e a acomodação da RCC dentro da Igreja Católica.

No quarto capítulo, A Relação de Poder entre a RCC e a Diocese, é estudado os conflitos e concessões observados por mim durante a pesquisa e apontados por membros do movimento e de representantes da Igreja, as tensões causadas na cidade pela presença e permanência do movimento com outros grupos e com o clero. Além da acomodação institucional da RCC dentro da Igreja Católica através da promoção do movimento a “corrente de graça”, uma nova forma de tratamento da Igreja à Renovação Carismática, dando a ela uma posição de dom divino.

Em seguida, encerro com as minhas considerações finais, apontando minhas observações principais e conclusões sobre o subcampo religioso católico na cidade de Imperatriz-MA e a posição dos atores pesquisados neste campo.

1 A CONTRIBUIÇÃO DE PIERRE BOURDIEU NOS ESTUDOS DAS RELIGIÕES

Pierre Bourdieu é um sociólogo francês que se inspira nos principais teóricos da sociologia para repensar e reformular as bases dessa disciplina. Entre esses teóricos, conhecidos como pensadores clássicos da sociologia, estão Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx. Refletindo sobre as teorias de cada um, Bourdieu estuda suas principais contribuições e as reformula de maneira única, desenvolvendo suas próprias teorias e colaborando para a sociologia com um sistema de conceitos próprios, como *habitus*, *campo*, *poder* e *dominação*. Suas ideias são aplicadas em diversos campos do conhecimento, incluindo educação, ciências da religião, ciência política e sociologia, entre outras variações. Segundo Patrice Bonnewitz (2003), entre as principais concepções, são duas que concorrem entre si:

A primeira, de inspiração marxista, considera que a sociedade está dividida em classes sociais antagônicas a partir de um critério econômico. A segunda, no prolongamento das obras de Weber, analisa a sociedade em termos de estratos constituídos a partir de três princípios de classificação: *poder*, *prestígio* e *riqueza*. Na sua recusa de inscrever-se nessas dicotomias tradicionais, P. Bourdieu visa superá-las, sintetizando-as. Propor uma abordagem em termos de *espaço social* e de *campos sociais* é dotar-se de conceitos e instrumentos que permitem não apenas analisar a posição dos grupos e suas relações, mas também compreender a tendência à reprodução da ordem social (Bonnewitz, 2003, p.51).

Bourdieu faz uma releitura dos escritos do sociólogo francês Émile Durkheim. Para Bourdieu, é notável a forma como Durkheim procura transformar a sociologia em uma ciência legítima. Além de conceituar detalhadamente as estruturas sociais e a subjetividade, Bourdieu utiliza as teorias de Durkheim para fundamentar e aprimorar suas próprias teorias.

Para os propósitos da presente investigação, alguns conceitos e categorias bourdieusianas constituem importantes ferramentas de análise, fornecendo subsídios para interpretações que aparecerão ao longo do presente texto. Destaque para os conceitos de *campos sociais*, *capital* e *habitus*, que passamos a explorar neste capítulo.

1.1 CAMPOS SOCIAIS

A teoria do campo de Pierre Bourdieu é uma forma de abordar as relações sociais categorizando cada campo da sociedade. “O campo se define como o locus onde se trava uma luta concorrencial entre os atores em torno de interesses específicos que caracterizam a área em questão” (Bourdieu, 1983, p. 19).

O espaço social contém hierarquias, distribuídas desigualmente através do monopólio de capital. Com essa afirmação, percebemos que para Bourdieu a sociedade não se divide em um esquema piramidal, mas em diversos espaços sociais semiautônomos que compõem a mesma. O autor utiliza o conceito de campo para se referir a este espaço social. No interior de cada campo há hierarquias que são configuradas de acordo com o domínio de capital no campo:

Pode-se descrever o espaço social como um espaço multidimensional de posições tal que toda posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas, cujos valores correspondem aos valores de diferentes variáveis pertinentes. Assim, os agentes se distribuem nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda, segundo a composição do seu capital – isto é, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto de suas possessões (Bourdieu, 1989, p. 135).

Para o autor, cada campo é como um microcosmo que compõe um grande universo, a sociedade. Ele acredita que apesar da sociedade ter suas regras e implicações gerais, o campo é capaz de ter uma “relativa autonomia” sobre tais implicações. Esse espaço social em questão fará uma releitura das manifestações externas para que adentre nele com outro significado.

De fato, as pressões externas, sejam de que natureza forem, só se exercem por intermédio do campo, são mediatizadas pela lógica do campo. Uma das manifestações mais visíveis da autonomia do campo é sua capacidade de refratar, retraduzindo sob uma forma específica as pressões ou as demandas externas (Bourdieu, 2004, p. 21).

O que rege as regras do campo são os interesses objetivos dos agentes, esses interesses funcionam como uma estrutura que predispõe subjetivamente a ação desses atores e que de uma forma complexa, mantém o campo social semiautônomo

com seus habitus e capital e a luta contínua pela dominação do campo pelos agentes detentores de capital acumulado.

1.2 CAMPO RELIGIOSO

Pierre Bourdieu afirma no artigo *Gênese e Estrutura do Campo Religioso* (2007), que o “desenvolvimento das grandes religiões universais estão associados à aparição e ao desenvolvimento da cidade”. Com o desenvolvimento das cidades, se desenvolveu também os conjuntos tecnológicos, econômicos e sociais da mesma, exigindo uma especialização de bens e de consumo em todas as áreas.

Com o surgimento das cidades e a especialização de bens e serviços, a oposição entre campo e cidade foi fundamental para o desenvolvimento das grandes religiões e as suas racionalizações de práticas e crenças:

O conjunto das transformações tecnológicas, econômicas e sociais, correlatas ao nascimento e ao desenvolvimento das cidades e, em particular, aos progressos da divisão do trabalho e à aparição da separação do trabalho intelectual e do trabalho material, constituem a condição comum de dois processos que só podem realizar-se no âmbito de uma relação de interdependência e de reforço recíproco, a saber, a constituição de um campo religioso relativamente autônomo e o desenvolvimento de uma necessidade de “moralização” e de “sistematização” das práticas e crenças religiosas. (Bourdieu, 2007, p.34).

O campo religioso é relativamente autônomo pois, seus agentes estão presentes em outros campos, podendo trazer a influência de outros campos sociais, como por exemplo, do campo econômico, e influenciar outros como o campo da ciência. A divisão do trabalho e a distinção entre trabalho manual e intelectual suscita na especialização dos agentes em suas áreas, e exige deles um acúmulo de recursos tecnológicos e intelectual na área em que se especializa, aumentando o seu capital.

Essa especialização de agentes religiosos origina também a racionalização da religião e de um corpo de sacerdotes. Esse grupo de especialistas são responsáveis por manter os seus interesses e do grupo, em prol da instituição religiosa ou divindade. Bourdieu (2007) cita o exemplo dos judeus que julgaram insatisfatórios as várias formas de culto, “até que se fez sentir a necessidade de métodos mais racionais para conhecer a vontade divina e de sacerdotes capazes de praticá-los”.

A gênese e a estrutura do campo religioso são observadas no processo de sistematização e de moralização das práticas e das representações religiosas. Segundo o autor, os surgimentos de instâncias especializadas na produção e reprodução dos bens religiosos, bem como o sistema deste conjunto de instâncias, realizam a racionalização das práticas religiosas, mudando a ideologia religiosa “como (quase) sistema expressamente sistematizado e, paralelamente, do *tabu* e da contaminação mágica ao pecado ou do *mana*, do ‘numinoso’ e do Deus primitivo, [...], ao Deus justo e bom” Bourdieu (2007).

O grupo de especialistas, ou seja, os sacerdotes, são responsáveis pela manutenção das crenças e dos bens religiosos de acordo com a realidade dos destinatários, passando a noção de certo ou errado, vontade ou não vontade divina, profano ou sagrado.

O corpo de sacerdotes tem a ver diretamente com a racionalização da religião e deriva o princípio de sua legitimidade de uma teologia erigida em dogma cuja validade e perpetuação ele garante. O trabalho de exegese que lhe é imposto pelo confronto ou pelo conflito de tradições mítico-rituais diferentes, desde logo justapostas no mesmo espaço urbano, ou pela necessidade de conferir a ritos ou mitos tornados obscuros um sentido mais ajustado às normas éticas e à visão do mundo dos destinatários de sua prédica, bem como a seus valores e a seus interesses próprios do grupo letrado, tende a substituir a sistematicidade objetiva das mitologias pela coerência intencional das teologias, e até por filosofias (Bourdieu, 2007, p. 38).

O discurso passa a ser instrumento importante para os detentores do capital religioso. A constituição de um corpo de especialistas está interligada com o processo de desapropriação dos bens religiosos, o resultado disto é uma monopolização de um grupo específico, reconhecidos socialmente como competentes ao trabalho de produção e reprodução desses bens. Contudo, a desapropriação é legitimada quando os próprios leigos desconhecem essa exclusão. É gerado também um conflito pela monopolização da gerência desses bens entre os especialistas.

Enquanto resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação por um corpo de especialistas religiosos socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um corpus deliberadamente organizado de conhecimentos secretos (e portanto raros), a constituição do campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por esta razão em leigos (ou profanos, no duplo sentido do termo) destituídos de capital religioso (enquanto trabalho acumulado) e

reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem enquanto tal (Bourdieu, 2007, p.39).

O campo religioso tem uma importante atividade dentro da sociedade. Desde os tempos mais antigos, é possível observar que as instituições religiosas fazem parte da vida das sociedades, e sua especialização ficara mais complexa à medida que os grandes centros urbanos foram surgindo. Com a modernidade e a racionalização das práticas, foi pensado por alguns estudiosos no desencantamento do mundo ou declínio da religião (Weber, 2004; Berger, 2017;).

Atualmente, as religiões continuam mantendo sua influência na sociedade, como uma estrutura carregada de capital simbólico, a religião de forma geral é capaz de alicerçar as estruturas da sociedade com seu domínio, mesmo que simbólico:

Tanto pelo fato de que os sistemas simbólicos derivam sua estrutura, o que é tão evidente no caso da religião, da aplicação sistemática de um único e mesmo princípio de divisão e, assim, só podem organizar o mundo natural e social recortando nele classes antagônicas, como pelo fato de que engendram o sentido e o consenso em torno do sentido por meio da lógica da inclusão e da exclusão, estão propensos por sua própria estrutura a servirem simultaneamente a funções de inclusão e exclusão, de associação e dissociação, de integração e distinção” (Bourdieu, 2007, p. 30).

De forma perspicaz, Bourdieu elabora sua teoria do campo religioso levando em consideração o sistema de estrutura da sociedade atual nos moldes da divisão com princípios religiosos, grupos da sociedade e hierarquizando-os.

Levando em consideração o capital acumulado de grupos da sociedade, Bourdieu elaborou a teoria dos campos. Ele constatou no campo religioso, uma influência da religião de estruturar historicamente a sociedade e naturalizar a estrutura de dominação vigente. Segundo Bourdieu, as “funções sociais” da religião também são “funções políticas” “na medida em que a função lógica de ordenação do mundo que o mito preenchia de maneira socialmente indiferenciada, operando uma diacrisis ao mesmo tempo arbitrária e sistemática no universo das coisas”⁸.

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes

⁸ *Ibidem*.

dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. Este efeito ideológico, produ-lo a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante (Bourdieu 1989, p.10-11).

Deste modo, a religião, acaba por reforçar a divisão social existente nos mais diversos grupos. Os campos sociais são relativamente autônomos, isto implica na influência da religião nos demais campos e ao mesmo tempo sua capacidade de refração ao ser influenciada por outros campos como o econômico que, dentre outras características, impulsiona o mundo nos dias atuais.

1.3 A Composição do Campo Religioso

O campo religioso está estruturado em uma constante relação de conflitos entre seus agentes especializados: o sacerdote, o profeta e sua seita. Esses conflitos que são motivados pelo monopólio do poder religioso no campo e os bens de salvação estão historicamente embocados na manutenção e destituição de poder dos grupos dominantes.

A igreja tem como seus agentes os sacerdotes, que pretendem monopolizar o campo religioso e manter a conservação da ordem estabelecida. Os profetas, por sua vez, são agentes que questionam a ordem vigente que predomina no campo, oferecendo um discurso alternativo que deslegitima o poder do dominante.

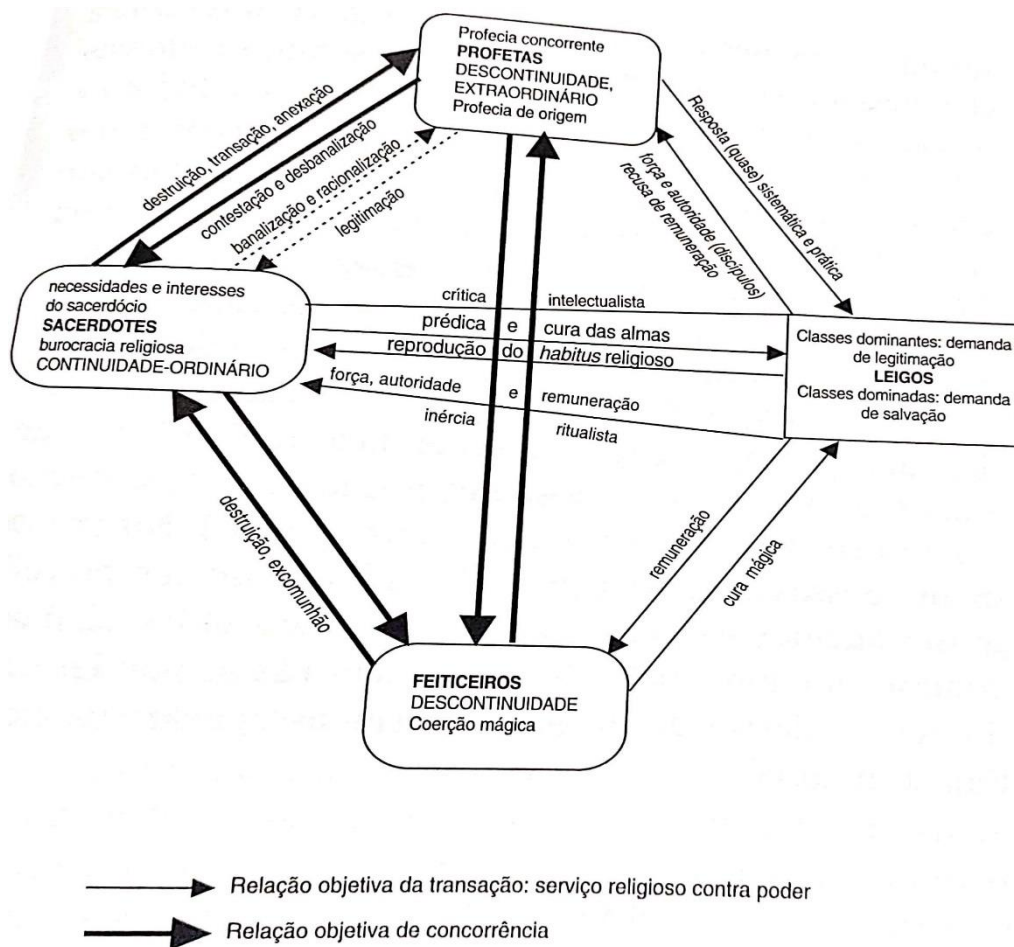
Contudo, os agentes precisam de um discurso que legitime a sua dominação sobre os leigos, ou seja, o discurso precisa ser naturalizado, tornando-se imprescindível comprovar que o contexto em que os leigos se encontram é fruto da vontade divina, isso dá credibilidade ao grupo dominante e dá manutenção da dominação. Segundo Oliveira, “Em outras palavras, a religião só é socialmente eficaz quando seus esquemas de pensamento se inscrevem nas consciências individuais e nelas se incorporam como se fossem naturais, transformando-se então em hábitos” (Oliveira, 2011, p. 181).

No campo, há estruturas estruturadas de formas objetivas e duradouras, e o habitus é uma estrutura estruturada que reproduz a estrutura estruturante, ou seja,

sem que o indivíduo perceba, ele reproduz e legitima a dominação do grupo dominante através de suas práticas e comportamentos já previstos e organizados pelo dominante.

Pierre Bourdieu utiliza a tipologia weberiana, que especifica os agentes religiosos em três: sacerdotes, profetas e magos. O seguinte esquema representado na figura 1, será utilizado para explicar a composição do campo religioso:

Figura 1 Esquema do Campo Religioso



Fonte: Oliveira 2011. p. 189.

Analisando o esquema, é possível compreender as posições, influências e interações de cada agente, com os dominados e entre eles mesmos (relações de concorrência).

O sacerdote é por excelência, o agente da religião estabelecida, aquele que reproduz e pereniza um sistema de crenças e ritos sagrados, inserindo-os na rotina social, de modo que a religião se incorpore a cada membro dessa

sociedade e torne-se um hábito que ninguém questiona (Oliveira, 2011, p.187).

O sacerdote detém o monopólio legítimo do sagrado. Eles são os representantes oficiais das religiões institucionalizadas e burocratizadas, a exemplo da Igreja Católica, que tem uma estrutura hierárquica e uma doutrina definida. Os sacerdotes são os agentes dominantes no campo religioso, pois têm o reconhecimento e a autoridade para definir o que é religião e o que não é (Guidotti, 2015). Concorre diretamente com o profeta, a fim de neutralizar seu discurso ou anexá-lo na estrutura burocrática da instituição com o propósito de trazer determinado discurso para sua estrutura.

O profeta, por sua vez, “é o agente religioso que, em situações extraordinárias, de crise, ou a partir de grupos marginais, produz seu discurso ou sua prática uma nova concepção religiosa” (Oliveira 2011). Este agente, não possui uma instituição religiosa que lhe legitime, essa legitimação é adquirida através do carisma, que contesta a ordem religiosa vigente e é combatido por ela, Weber vai definir o profeta como o portador de uma verdade revelada, ele só deve obediência, portanto, a divindade. em oposição ao sacerdote que é um funcionário de uma empresa religiosa e está preso a uma doutrina e subordinado a uma instituição.

Para Oliveira (2011), O paradoxo do processo é que, com a morte do profeta, os discípulos mais próximos procuram apropriar-se de seu carisma e transmiti-lo a novos discípulos, institucionalizando-o e assim se constituem novos sacerdotes, que sistematizaram novos rituais. Assim, a seita de origem transforma-se em igreja, que no futuro será objeto da contestação de novos profetas, num processo infundável. (ibid., p.188).⁹

Os magos são aqueles que praticam a manipulação do sagrado de forma “profana ou profanadora”. Eles são os agentes de formas de religiosidade popular, marginal ou alternativa, como a magia, a feitiçaria, o esoterismo, etc. Os magos são os agentes dominados no campo religioso, pois sofrem a rejeição e a perseguição dos sacerdotes e dos profetas, que os consideram como falsos ou perigosos.

⁹ É importante ressaltar que não é necessariamente só com a morte do profeta que o processo de rotinização e institucionalização das crenças e ritos da seita seja iniciado, ele ocorre durante a vida do profeta e não somente após sua morte.

O mago ou feiticeiro, é o agente religioso autônomo, como um free-lancer do sagrado, (Weber o chama de profissional liberal) que se utiliza dos bens simbólicos produzidos pelos profetas e sacerdotes, para atender interesses imediatos e utilitários de sua clientela. Não se vincula nem a uma igreja nem a uma seita, por que seu trabalho religioso se dá em forma de prestação de serviços a quem procura, sem criar uma comunidade de fiéis, mas uma clientela.

O campo religioso é complexo, não só pela composição interna hermética, mas também pelas influências que recebe de outros campos. Os agentes presentes na religião são indivíduos com necessidades e objetivos mesclados em vários outros campos e que se utilizam do capital simbólico, principalmente, para intervir a seu favor ou do grupo a que pertence dentro do campo religioso.

1.4 O Campo Econômico e sua Influência no Campo Religioso

Não é nosso objetivo tratar do complexo mercado religioso e seus teóricos neste tópico, mas sim, de entender as intersecções entre o campo econômico e o campo religioso e suas implicações. Visto que os agentes são livres e perpassam em vários campos sociais inerentes a sociedade que vivem.

Como já enunciado, os capitais são utilizados pelos sujeitos para ocuparem posições privilegiadas nos espaços sociais como poder efetivo de dominação. O acúmulo de capital pode ser conquistado através da especialização do agente dentro do campo, contudo, os campos podem influenciarem entre si, já que o ator social do campo tem em sua rotina social, um percurso por vários campos diferentes. Segundo Bourdieu (2008), esses campos são espaços sociais de concorrência entre agentes sociais, “é um microcosmo autônomo no interior do macrocosmo social”. De acordo com Renato Ortiz:

O campo se particulariza, pois, como um espaço onde se manifestam relações de poder, o que implica afirmar que ele se estrutura a partir da distribuição desigual de um quantum social que determina a posição que um agente específico ocupa em seu seio. Bourdieu denomina esse quantum de ‘capital social’ (Ortiz 1983, p. 21).

Percebemos que para Bourdieu, toda relação social é uma relação de poder e dominação entre os agentes, quanto mais capital um indivíduo possui, maior é a

probabilidade de conseguir ocupar uma posição social privilegiada em determinado campo onde esse capital é valorizado. Isto é melhor observado quando examinamos o campo religioso na ótica de Bourdieu. O campo religioso é um espaço com suas próprias regras, onde as instituições religiosas, líderes e leigos se relacionam. Ele envolve disputas pelo monopólio da administração dos bens de salvação, como crenças, rituais e valores religiosos.

O campo econômico por sua vez também é um espaço com regras próprias, onde os agentes comerciais, empresas, empresários e consumidores, trocam mercadorias, produção e distribuição de bens materiais e ocorre a disputa entre seus agentes por recursos e posições no campo. Para Bourdieu (2005), a concorrência e os cálculos de lucros individuais são as principais regras para a captação de capital econômico: riqueza e propriedade.

O campo econômico e o campo religioso possuem uma intersecção que faz com que seus agentes atuem de forma a manterem posições privilegiadas. Assim como no campo econômico as empresas ou empresários são os agentes que batalham entre si pela hegemonia do campo, igrejas ou líderes religiosos batalham entre si para também manterem ou conquistarem sua hegemonia.

Deste modo, observamos também que um agente com posição privilegiada no campo econômico pode usufruir de regalias ou vantagens nos demais campos, afinal, a intersecção entre esses é causada pelo trânsito do agente em vários outros, como o campo religioso, por exemplo. Entretanto, o acúmulo de riqueza não pode ser o único critério para que o agente tenha seus benefícios no campo específico, será preciso um mínimo de outros capitais para que isto se legitime, como capital cultural e político. Com a racionalização do mundo e teologias como a da prosperidade e um contingente de outras que apontam o sofrimento como afastamento da presença de Deus no indivíduo, e quando levamos em consideração em alguns exemplos de pentecostalismos, ter capital econômico se tornou um modelo de cristão abençoado.

O campo econômico se distingue dos outros campos pelo fato de que as sanções são especialmente brutais e que as condutas podem se atribuir publicamente como fim a busca aberta da maximização do lucro material individual. Mas a emergência de um tal universo não implica de modo algum a extensão a todas as esferas da existência da lógica de troca mercantil que, através do commercialization effect e do pricing, fundamentalmente excluída pela lógica da troca de dádivas, tende a reduzir qualquer coisa ao estado de mercadoria comprável e a destruir todos os valores (Bourdieu, 2005, p. 22).

Como Bourdieu aponta no campo econômico, a busca pelo lucro máximo é primordial. Assim como a pessoa com capital econômico tem, quando participa de uma religião, um acúmulo de capital simbólico com a instituição e/ou com o agente religioso, promovendo reconhecimento por parte dos atores do campo.

Esta constatação não é regra no campo, pois como já falamos antes, o campo é um espaço de combate, ou seja, também há conflitos de ideologias antagônicas e atores que estão aquém da luta por hegemonia. Isto fica claro quando entendemos que a posição dos agentes depende do volume de capital que possui e de sua localização no espaço social mais amplo e na estrutura específica do campo.

Entre as diferentes formas de capital, é o capital econômico e o capital cultural que fornecem os critérios de diferenciação mais pertinentes para construir o espaço social das sociedades desenvolvidas. Assim, os agentes sociais se distribuem segundo uma dupla lógica, uma dupla dimensão (Bonnewitz, 2003, p. 54).

Esta disposição fica um pouco mais clara quando observamos o Esquema 2. Nela, Bourdieu distribui os agentes de capitais cultural e econômico de duas dimensões distintas, segundo Bonnewitz (2003): a primeira vertical, nesta dimensão, ele pretende demonstrar e hierarquizar os grupos sociais de acordo com o volume de capital. Já a segunda na horizontal, “opera uma distinção segundo a *estrutura do capital*,”.

Figura 2 Posições sociais e Espaços dos Estilos de Vida;



Fonte: Bourdieu 2008

Podemos observar na imagem como Pierre Bourdieu entende a disposição dos grupos sociais no campo. Podemos observar que os agentes da parte de cima do esquema, possuem maior capital acumulado o econômico e cultural, e estão igualmente hierarquizados, são patrões, os membros das profissões liberais e os professores universitários. Os da parte de baixo, são os mais carecidos de capital econômico e cultural, são os operários, assalariados agrícolas, professores primários entre outros. Observando o esquema 2 da esquerda para a direita, percebe-se que há uma diferenciação da importância das duas formas de capital.

Assim, podem-se opor os agentes sociais, para os quais o capital econômico predomina em relação ao capital cultural, àqueles que apresentam propriedades contrárias. Diferenciações secundárias permitem assim explicar clivagens internas no seio de grupos que ocupam estruturalmente a mesma posição na dimensão vertical do espaço social. Sob este ângulo, os padrões da indústria e do comércio se opõem aos professores: os primeiros são mais fortemente dotados de capital econômico relativamente ao capital cultural, ao passo que os segundos são mais fortemente dotados de capital cultural, comparativamente ao capital econômico (Bonnevitz 2003, p.55).

Desse modo, o campo econômico e o campo religioso estão entrelaçados, afinal os agentes religiosos podem acumular capital econômico por meio de doações, propriedades ou investimentos. Além disso, a ética religiosa pode moldar práticas econômicas. É importante entender neste momento que conhecemos o campo, para que possamos compreender o microcosmo do campo religioso católico no Brasil. Através da empiria, observamos que há um conflito neste microcosmo, influenciada pela confluência com o campo econômico, assim como Bourdieu afirma acima uma “dupla dimensão”.

1.5 Conceito de Capital

Bourdieu entende os campos como uma desigual luta de poderes, esses poderes são denominados de capital. Ele afirma que há vários tipos de capitais. Diferente de Karl Marx, Bourdieu não vê o capital exclusivamente pertencente à dimensão econômica. O autor está se referindo a outro tipo de capital. Pierre Bourdieu, portanto, distingue quatro tipos dele: econômico, cultural, social e simbólico.

A posição de um determinado agente no espaço social pode ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição dos poderes que atuam em cada um deles, seja, sobretudo, o capital econômico – nas suas diferentes espécies -, o capital cultural e o capital social e também o capital simbólico, geralmente chamado prestígio, reputação, fama, etc. que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital (Bourdieu 2010, p. 135).

Para o autor, capital não é somente acúmulo financeiro, mas também de outros tipos de recursos, tão valiosos quanto o financeiro. Como foi comentado anteriormente, o acúmulo de capital fornece a posição social dentro do campo a quem o possuir mais.

O capital econômico concerne aos diferentes fatores de produção, são os elementos que tornam possível a existência de produção como o capital financeiro, o trabalho da terra ou os recursos naturais. E segundo o conjunto de bens econômicos como bens materiais, renda e patrimônio. Bourdieu concorda com a teoria marxista de que o capital é determinante na vida social e na diferença de classes. Através do capital econômico, o agente social tem a possibilidade de atuar de forma dominante em outros campos sociais que não seja exclusivamente da área econômica. Um elemento importante para o entendimento da riqueza como capital, é relacionar seu valor de acordo com o campo específico.

A utilização da influência através do capital econômico para obter posição privilegiada é para o autor, uma forma de utilizar a riqueza como um símbolo de poder e posição social, porém “a riqueza não pode funcionar como capital senão em relação com o campo propriamente econômico, que supõe um conjunto de instituições econômicas e um corpo de agentes especializados, dotados de interesses e de modos de pensamento específicos” (Bourdieu 2009, 205).

No capital cultural, a teoria da dominação de Bourdieu tem a cultura como substancial para a dominação e manutenção do domínio pelos dominantes do campo. Segundo Patrice Bonnewitz (2003) este capital pode ser entendido como “um sistema de significações hierarquizadas: a cultura se torna um móvel de lutas entre grupos sociais cuja finalidade é manter os distanciamentos distintivos entre classes sociais”, esse sistema de significações é complexo e duradouro:

[...] o capital cultural apresenta-se sob três formas: no estágio incorporado, no estágio objetivado e no estágio institucionalizado, sendo, em todas essas manifestações, resultante, a priori, do conjunto de qualidades intelectuais transmitidas pela família ou adquiridas junto ao sistema escolar (Sant’anna 2017, p.40).

Capital Cultural Incorporado é o que está relacionado à disposição duradoura do corpo de uma pessoa, como sua forma de falar, de se vestir, de se comportar, etc. Esse tipo de capital cultural é adquirido principalmente através da socialização familiar e escolar, e requer um investimento de tempo e esforço para ser desenvolvido, por isso, não pode ser instantaneamente transmitido, é repassado principalmente de geração em geração:

Esse capital "pessoal" não pode ser transmitido instantaneamente (diferentemente do dinheiro, do título de propriedade ou mesmo do título de nobreza) por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca. Pode ser adquirido, no essencial, de maneira totalmente dissimulada e inconsciente, e permanece marcado por suas condições primitivas de aquisição. Não pode ser acumulado para além das capacidades de apropriação de um agente singular; depaupera e morre com seu portador (com suas capacidades biológicas, sua memória, etc.). Pelo fato de estar ligado, de múltiplas formas, à pessoa em sua singularidade biológica e ser objeto de uma transmissão hereditária que é sempre altamente dissimulada, e até mesmo invisível[...]. (Bourdieu 1999, p.2).

Já o capital cultural objetivado é o que está relacionado aos bens culturais que uma pessoa possui ou consome, como livros, obras de arte, instrumentos musicais, etc. Esse tipo de capital cultural requer um investimento econômico para ser adquirido, mas também depende do capital cultural incorporado para ser apreciado e utilizado. Segundo Bourdieu:

O capital cultural no estado objetivado detém um certo número de propriedades que se definem apenas em sua relação com o capital cultural em sua forma incorporada. O capital cultural objetivado em suportes materiais, tais como escritos, pinturas, monumentos etc., é transmissível em sua materialidade. Uma coleção de quadros, por exemplo, transmite-se tão bem (senão melhor, porque num grau de eufemização superior) quanto o capital econômico [...] assim, os bens culturais podem ser objeto de uma apropriação material, que pressupõe o capital econômico, e de uma apropriação simbólica, que pressupõe o capital cultural. Por consequência, o proprietário dos instrumentos de produção deve encontrar meios para se apropriar ou do capital incorporado que é a condição da apropriação específica, ou dos serviços dos detentores desse capital. (Bourdieu 1999, p.77).

Capital cultural institucionalizado é o que está relacionado aos títulos e diplomas que uma pessoa obtém através do sistema educacional ou de outras instituições reconhecidas. Esse tipo de capital cultural confere uma certificação oficial e uma garantia de competência a uma pessoa, e pode ser convertido em capital econômico no mercado de trabalho, e estabelecer sua predominância no campo.

Ao conferir ao capital cultural possuído por determinado agente um reconhecimento institucional, o certificado escolar permite, além disso, a comparação entre os diplomados e, até mesmo, sua "permuta" (substituindo-os uns pelos outros na sucessão); permite também estabelecer taxas de convertibilidade entre o capital cultural e o capital econômico, garantindo o valor em dinheiro de determinado capital escolar. Produto da conversão de capital econômico em capital cultural, ele estabelece o valor, no plano do capital cultural, do detentor de determinado diploma em relação aos outros

detentores de diplomas e, inseparavelmente, o valor em dinheiro pelo qual pode ser trocado no mercado de trabalho. (Bourdieu 1999, p. 79).

O capital social: A concepção de capital social de Pierre Bourdieu se dá na tentativa do autor de compreender os benefícios que os agentes sociais têm de acordo com sua rede de relações sociais. Segundo ele:

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. (Bourdieu 1980, p.1).

O agente em suas relações sociais, sejam elas amizades, familiares ou de obrigações, consegue se beneficiar por seu reconhecimento pelos outros agentes do campo, ainda segundo o autor, a noção de capital social é fundamental para explicar esses efeitos sociais. Eles são observáveis quando agentes individuais obtêm rendimentos muito desiguais a partir de um capital similar. Esses efeitos não podem ser reduzidos ao conjunto das propriedades individuais que cada agente possui. O capital social não se limita às características individuais, mas sim à rede de relações, conexões e interações que um indivíduo possui. Ele não se resume às propriedades pessoais e influencia o acesso a oportunidades, recursos e posições na sociedade.

O capital simbólico é o quarto tipo de capital da teoria de Bourdieu e que não se baseia apenas em recursos materiais, mas também em recursos simbólicos, como a honra, a reputação, o prestígio, a autoridade, o reconhecimento, etc. O capital simbólico só terá valor quando for reconhecido dentro do campo em questão e associado a outros tipos de capitais. Portanto, capital simbólico é “a forma que o capital assume quando é percebido e reconhecido como legítimo” (Bourdieu 1987, p. 164).

Esta forma de capital é essencial para a dominação e reprodução do domínio sobre os dominados. Na sociedade, os grupos - ou classes - que têm poder de dominação, se valem deste capital para legitimar sua posição no campo. É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição

ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) (Bourdieu 2010. p. 11).

Portanto, entendemos o capital simbólico como o reconhecimento social que não está obrigatoriamente relacionado ao capital econômico ou cultural, mas que é utilizado pela classe dominante como um recurso de manutenção dos processos da dominação vigente. Como já enunciado, o conceito de capital de Bourdieu não se limita a dimensão econômica, de riqueza ou de bens, mas de todos os elementos que o agente utiliza para se manter em uma posição privilegiada no campo. Cada capital será mais valorizado dentro de seu próprio campo, contudo, não deixa de ter valor nos demais. Como os campos estão interligados, e possuem a transição de agentes de um para o outro, estes, podem possuir capital tanto em um, quanto no outro.

1.6 HABITUS

A socialização é um conjunto de elementos que os indivíduos realizam para aprender as relações sociais de um determinado grupo, o primeiro é o familiar. É na família que o indivíduo desde que nasce é submetido aos costumes e crenças da sua família. É provável que cresça e siga tais costumes, assim como também pode, com passar do tempo, criar uma consciência diferente e querer mudar os costumes nos quais foi submetido.

Segundo Oliveira, “Em outras palavras, a religião só é socialmente eficaz quando seus esquemas de pensamento se inscrevem nas consciências individuais e nelas se incorporam como se fossem naturais, transformando-se então em hábitos” (Oliveira 2011, p. 181).

Para Bourdieu, todo o sistema implícito dentro do indivíduo, que o faz agir dentro da sociedade, com práticas que parecem estar naturalizadas pela sociedade, são chamados de habitus, “uma estrutura estruturante”:

[...] sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação combinadas de um maestro (Bourdieu 2007, p. XLI).

Para o autor, há estruturas estruturadas de formas objetivas e duradouras, e o *habitus* é uma estrutura estruturada que reproduz a estrutura estruturante, ou seja, sem que o indivíduo perceba, ele reproduz e legitima a dominação do grupo dominante através de suas práticas e comportamentos já previstos e organizados pelo dominante, essas disposições inconscientes são um princípio de “ação, percepção e reflexão”.

O *habitus* possui dois esquemas de percepção: o *ethos* e a *hexis*. O primeiro, se refere a noção de moral, interiorizada inconscientemente e que o indivíduo tem suas condutas reguladas sem que perceba. O segundo corresponde “às posturas, disposições do corpo, relações ao corpo, interiorizadas inconscientemente pelo indivíduo ao longo de sua história” (Bonnewitz 2003, p. 77).

O agente ou grupo dominante do campo, dispõe do capital simbólico para a manutenção do seu domínio, regulando as regras do campo em que é detentor hegemônico, e garantir sua permanência Segundo Setton 2002:

Habitus surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades. *Habitus* é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano (Setton 2002, p. 63).

Como já abordado, Bourdieu explica no artigo sobre a gênese e estrutura do campo religioso que este campo em específico possui três agentes principais, são eles: o sacerdote, o profeta e o mago. Estes estão em constante disputa no campo.

Assim, analisando o campo religioso segundo a perspectiva bourdieusiana, percebemos que, o sacerdote tem posição privilegiada como dominador e detentor da ordem no campo, colocando sempre o profeta em uma posição inferior e desnecessária para o campo, uma ameaça concorrente. Esse por sua vez, busca questionar esta dominação, propondo uma mudança na estrutura social e consequentemente de *habitus*. O mago sofre violência simbólica dos outros dois agentes e sobrevive no campo ofertando “serviços mágicos” para clientes e não para fiéis ou seguidores como no caso desses citados anteriormente.

O dominante do campo religioso é o principal especialista dos bens religiosos e de salvação. Ele terá, a priori, uma vantagem substancial sobre as regras do conflito no campo, influenciando os costumes e as práticas dos fiéis, para que mantenham sua posição predominante e façam a manutenção da mesma. O profeta, porém, ao refutar essa especialidade hegemônica, apresenta novas propostas sobre a utilização desses bens de salvação e religiosos, trazendo assim, novas regras sobre os costumes e práticas dos fiéis. “a legitimidade dessa inovação não é dada por uma instituição (como no caso do sacerdote), mas pelo carisma¹⁰ que lhe é socialmente atribuído” (Oliveira 2011, p. 187).

O conceito de *habitus* é importante em nossa pesquisa para a compreensão das mudanças de *ethos* que surge dentro do catolicismo, não no sentido de nova religião, mas de novas práticas de catolicismo que era isolada no início, e com o passar das décadas essas novas práticas ganham forma com o crescimento da cidade e a formação de lideranças cada vez “mais sensíveis ao Espírito Santo”. Essa proposta que surge é analisada como um discurso de um agente na posição que assemelha a do profeta, tal qual as análises weberianas e bourdieusianas de profeta para o campo religioso em Imperatriz-MA, a Renovação Carismática Católica – RCC, transformando velhos hábitos em novos mais entusiasmantes e cativantes aos leigos.

Um clérigo com um *habitus* fortemente ortodoxo pode promover práticas litúrgicas tradicionais e resistir a inovações carismáticas. Esse *habitus*, formado por sua educação e socialização dentro do campo religioso, reforça a hierarquia e a legitimidade das práticas estabelecidas.

Por outro lado, um fiel com um *habitus* carismático pode preferir formas de adoração mais emocionais e espontâneas, influenciando assim a demanda por tais práticas dentro do campo religioso. Essa interação pode levar a tensões e negociações sobre o que é considerado legítimo ou inovador.

¹⁰ O carisma para Pierre Bourdieu tem conceito diferente de weber. Enquanto Weber acredita que o carisma é um dom extraordinário, e revolucionário intrínseco do profeta, para Bourdieu o profeta é um intérprete de situações extraordinárias e se torna uma voz carismática para os grupos marginais de uma sociedade.

2 CAMPO RELIGIOSO CATÓLICO NO BRASIL

O universo religioso católico é multifacetado, assim como a diversidade dinâmica das crenças no Brasil. O panorama religioso nacional abrange uma ampla gama de expressões de fé e práticas religiosas. Devido à falta de dados censitários atualizados, recorreremos aos dados do censo do IBGE de 2010 para obter uma visão ampla desse contexto.

No Brasil, o cristianismo é a religião predominante e divide-se em várias vertentes, a maior delas é o catolicismo, seguida pelo protestantismo que também tem importante influência no campo religioso brasileiro.

Além do catolicismo e protestantismo, no Brasil há várias outras manifestações religiosas, entre elas estão: a Igreja Católica Brasileira; Católica Ortodoxa; Espírita; Espiritualista; Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos dias; Testemunhas de Jeová; entre outras religiões cristãs. Paralelos ao cristianismo, existem ainda religiões que buscam espaço no campo religioso brasileiro como: Budismo; Hinduísmo; Islamismo; Judaísmo; outras religiões orientais; tradições indígenas, religiões de matriz africanas e outras religiões orientais.

Em 2010, cerca de 65% da população brasileira se declarava católica. Outras 23% se declararam evangélicas¹¹, cerca de 8% da população correspondiam aos sem religião e 2% aos espíritas, enquanto 0,31% da população eram representados pelas religiões de matriz africana como Candomblé, Umbanda e outros.

A Igreja Católica é a instituição religiosa mais antiga no Brasil. Ela está no país desde a época da colonização. O país foi colonizado por católicos e catequizados pela Igreja através dos padres jesuítas. Foram mais de 500 anos de dominação católica no país, mas que no último século, passou por transformações.

Assim como a sociedade sofre impactos durante as transformações temporais dos valores e conceitos, a igreja não ficou de fora, ela também teve que se readaptar para manter seu status quo. A Igreja Católica no Brasil passa por uma fase de diminuição percentual de membros no país, enquanto o número de evangélicos cresce

¹¹ Importante ressaltar que a categoria “Evangélica” está dividida em três subcategorias: Evangélicas de Missão: Igreja Evangélica Luterana, Presbiteriana Metodista Batista Congregacional Adventista Outras Evangélicas de Missão; Evangélicas de origem pentecostal: Igreja Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Igreja o Brasil para Cristo, Evangelho Quadrangular, Igreja Universal do Reino de Deus, Casa da Benção, Deus é Amor, Igreja Maranata, Igreja Nova Vida, e outras; Evangélica não determinada.(IBGE, 2010).

a cada ano. Segundo Alves (2017) os números das pesquisas apontam a continuação desta dinâmica para ambos os grupos religiosos. No censo de 2010 foi constatada que em 73 cidades brasileiras a população evangélica já supera a de católicos.

O número de fiéis nas igrejas evangélicas, especialmente no pentecostalismo e neopentecostalismo, tem aumentado significativamente no Brasil. Esse crescimento tem gerado uma competição crescente com o catolicismo, levantando preocupações entre o clero católico em todo o país devido à redução no número de pessoas que se identificam como católicas¹². Na tabela a seguir, é apresentada informações do crescimento do número de católicos e evangélicos de acordo com os censos de 1991, 2000 e 2010:

Tabela 1 Número de Católico e Evangélicos nos três últimos censos

Número Absoluto de Católicos e Evangélicos, Taxa de Crescimento Anual				
Anos	Católicos		Evangélicos	
	População	Crescimento médio anual	População	Crescimento medio anual
1991	121 812 771		13 157 383	
2000	124 980 132	0,29	26 184 941	7,95
2010	123 280 172	-0,14	42 275 440	4,91

Fonte: IBGE

Através de uma comparação entre os dados do IBGE de 2010 e os resultados de anos anteriores, conseguimos perceber significativa diferença. Constata-se uma mudança notável na proporção de católicos no Brasil em comparação com os evangélicos, eles cresceram de maneira absoluta, pode-se constatar que a razão entre os números de evangélicos e os de católicos subiu de 10,8% em 1991 e chegou a 34,3% em 2010. Seguindo as informações do IBGE desses três últimos censos, o

¹² Acessar: <https://arquidiocesejuizdefora.org.br/evasao-de-fieis-catolicos-preocupa-a-cnbb/>

número de católicos diminuiu de 83,3% em 1991, para 64% no censo de 2010. Enquanto o número de evangélicos em 1991 era de 9% passou a ser 22,2% em 2010.

Na busca por uma proposta mais atrativa e abrangente para todas as faixas etárias, há na Igreja Católica um movimento que propõe suprir essas necessidades e reduzir, ou até mesmo impedir, a migração de fiéis católicos para outras tradições religiosas. Esse movimento é a Renovação Carismática Católica.

É importante notar que o surgimento e crescimento da RCC não são uma resposta planejada da Igreja Católica ao avanço dos evangélicos no Brasil. Esta é uma interpretação sociológica que fazemos da realidade brasileira e do papel desempenhado pela RCC. Este movimento dentro do catolicismo tem sua própria história e dinâmica. Analisá-lo à luz da competição no mercado religioso entre católicos e evangélicos é uma estratégia sociológica para compreender as transformações mais amplas dentro do campo religioso brasileiro.

2.1 RCC NO BRASIL

Para um melhor entendimento da chegada da RCC no Brasil, é preciso entender o contexto do catolicismo brasileiro da época. A Igreja Católica no Brasil, no início da segunda metade do século XX, vivia um momento de crise em sua identidade. Uma igreja que até então era hegemônica no país, não era mais suficiente para atender ao anseio do indivíduo religioso.

Essa crise de identidade surge como consequência da modernidade e urbanização dos grandes centros (Prandi 1997). A racionalização da sociedade e a estagnação da igreja frente ao avanço tecnológico e econômico do mundo moderno não deixou a igreja no Brasil perceber que estava mais preocupada com seu interior e sua estrutura e com “mudanças internas, mais voltada para o próprio umbigo. Enquanto os pentecostais convertiam e a umbanda proliferava, a igreja continuava sem rumos.” (Prandi 1997, p. 28).

Com o avanço dos evangélicos sobretudo nos grandes centros urbanos, mesmo que concentrados nas periferias, encontravam-se em crescimento enquanto a Igreja Católica foi perdendo espaço e adeptos.

Os dados de composição religiosa demonstram que a velha pobreza brasileira (áreas rurais do Nordeste mais assistida por programas sociais) continua católica, enquanto a nova pobreza (periferia das grandes cidades mais desassistidas) estaria migrando para as novas igrejas pentecostais e para os chamados segmentos sem-religião (Neri 2007, p.1).

Os evangélicos, aqui colocados de forma mais ampla como pentecostais, avançam nas grandes cidades e nas periferias de modo a chamar a atenção dos estudiosos das ciências sociais para esse fenômeno (Oro 1996; Machado 1996; Pierucci e Prandi 1996; Prandi 1997).

Neste cenário, a Igreja Católica tem enfrentado uma diminuição de adeptos. De acordo com dados do censo do IBGE de 2010, o número de católicos no Brasil caiu de 73,6% em 2000 para 64,6% em 2010. Com o advento da sociedade moderna e urbana, o Brasil testemunhou um aumento na diversidade de necessidades religiosas entre os cidadãos. Essa mudança exigiu das igrejas desde os anos 90 um novo modelo de oferta de serviços para atender a essa demanda variada, em 1996 Miranda afirmava:

A multiplicidade das religiões, tão antiga como a própria humanidade, constitui um dado histórico que, somente em nossos dias, atinge realmente o nosso País. De fato, num passado não muito remoto, a hegemonia do catolicismo, frequentemente apoiada nos governantes, anulava a incidência social das outras religiões minoritárias, mantendo os católicos, de certo modo, imunes à sua influência. Hoje, contudo, a moderna sociedade pluralista é tolerante com relação às crenças religiosas e o Estado dispensa a legitimação religiosa para garantir sua aceitação e estabilidade. O catolicismo se vê então rodeado de 'concorrentes', numa incômoda situação já caracterizada como a de um 'mercado de bens religiosos' (Miranda 1996, p.10).

Na década de 1960, o Brasil viveu o início da ditadura militar, um momento crucial na história do país e da Igreja Católica. Desde os anos 1920, a Igreja Católica vinha promovendo a conscientização política e social de seus fiéis. Esse esforço se intensificou com a fundação da Ação Católica Brasileira em 1935, que buscava engajar os leigos na vida pública e social. Nos anos 1950 e 1960, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) também desempenhou um papel ativo, apoiando movimentos sociais e se posicionando contra as injustiças sociais e políticas. Segundo estudos históricos¹³, a CNBB e outras organizações católicas

¹³ Maria Helena Moreira Alves em "State and Opposition in Military Brazil" (1985) e de Scott Mainwaring em "The Catholic Church and Politics in Brazil, 1916-1985" (1986) Ambos os autores destacam a

foram fundamentais na formação de uma consciência crítica entre os brasileiros, contribuindo para a resistência contra o regime militar. Manobra que durante a ditadura, dividiu os fiéis católicos entre os que apoiavam e financiavam e os que eram contra e combatiam.

Uma ala importante da Igreja Católica, particularmente a Ação Católica e setores conservadores, apoiou a ditadura militar em seu início. No entanto, com as denúncias de sequestros, torturas e ações desumanas por parte dos militares, a Igreja começou a se posicionar contra o regime, o que desagradou parte de seus fiéis. Segundo Laci Maria Araújo Alves:

A clandestinidade possibilitava um trabalho aparentemente silencioso, de articulação entre as diversas facções que resistiam à ditadura e acreditavam na possibilidade de um novo regime político no Brasil, a exemplo do que acontecera em Cuba. O inimigo comum era a ditadura militar que tolhia a liberdade das pessoas, perseguia, prendia e matava os que resistiam, inclusive a Igreja Católica que começava a ser duramente perseguida. Dom Paulo Evaristo Arns denunciou, em 1975, os maus tratos, a forma brutal e selvagem com a qual os órgãos de segurança tratam os presos, dentre eles, padres e leigos, além de pastores de outras denominações religiosas (Alves 2013, p. 190).

A perseguição que chegou a ocorrer contra lideranças católicas durante a ditadura, como denuncia Dom Paulo Evaristo Arns, ocorria até mesmo dentro das paróquias e comunidades, que eram invadidas por agentes da ditadura. Em seu livro 'Brasil: Nunca Mais' (1985), Dom Paulo Evaristo Arns e seus coautores documentam diversos casos de padres, freiras e leigos que foram presos, torturados e mortos pelo regime militar. Além disso, relatos de invasões a paróquias¹⁴ e centros comunitários são apresentados no relatório final da Comissão Nacional da Verdade (2014), que detalha a repressão sofrida por membros da Igreja Católica que se opuseram ao regime.

importância da Igreja Católica, especialmente através da CNBB, na promoção de uma conscientização política e social que ajudou a sustentar a oposição ao regime militar no Brasil.

¹⁴ A paróquia foi a unidade comunitária cristã quase hegemônica, em praticamente toda a cristandade. Além da paróquia, a cristandade apresentou apenas as “comunidades religiosas”, na forma de ordens ou congregações contemplativas ou ativas, como possibilidade de engajamento comunitário. Grande parte dessas instituições, sobretudo as femininas, foi absorvida como colaboradoras das paróquias. (Sousa 2019, p.13). A paróquia é onde os fiéis se encontram e celebram a missa presidida por um padre ou autoridade religiosa maior, como um bispo ou cardeal; e nas suas “comunidades” ou “capelas” que se distribuem dentro do território de jurisdição da paróquia e são lideradas por leigos que sob obediência a autoridade do padre, gerenciam e planejam estratégias de missões, festivais católicos etc.

Essas capelas se espalharam pelo país a partir da década de 60, admitindo cada vez mais, leigos católicos como lideranças e também responsáveis pela igreja, como planejava o Concílio Vaticano II. Essas capelas logo foram chamadas de Comunidades Eclesiais de Base – CEBs.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) já estavam estabelecidas em várias regiões do país, contudo, sua forma particular de vivenciar a fé não era plenamente acolhida em todos os segmentos religiosos. Este modelo de 'catolicismo popular, essencialmente familiar e comunitário', era prevalente nas áreas rurais e se preocupava não apenas com a administração dos sacramentos, mas também com o bem-estar pastoral e social de seus membros.

Esses agrupamentos católicos mantinham estreitas relações com partidos e movimentos de esquerda no Brasil. A orientação política da esquerda católica, inspirada pela Teologia da Libertação (TdL)¹⁵, denunciava os abusos perpetrados pela ditadura e contava com membros que participaram de ações contra os militares em diversas regiões do país. Analisaremos esse movimento em maior detalhe posteriormente.

A Igreja Católica no Brasil, no início da segunda metade do século XX, atravessa um momento de crise paroquial e identitária. A urbanização da sociedade brasileira é apontada por estudiosos como um dos fatores responsáveis por essa crise, (Prandi 1997); (Mariano 2013), Mariano afirma:

Entre 1980 e 2010, os católicos declinaram de 89,2% para 64,6% da população, queda de 24,6 pontos percentuais, os evangélicos saltaram de 6,6% para 22,2%, acréscimo de 15,6 pontos, enquanto os sem religião expandiram-se num ritmo ainda mais espetacular: quintuplicaram de tamanho, indo de 1,6% para 8,1%, aumento de 6,5 pontos. (2013, p.119).

Com a impreterível crise católica no campo religioso brasileiro, há então uma busca por um tipo ideal de católico verdadeiro. Este tipo ideal também era buscado

¹⁵ A Teologia da Libertação é uma teologia que denuncia as injustiças sociais como um elemento de distanciamento de Cristo. Tem por prática convergir o evangelho de Jesus com os problemas sociais e políticos da sociedade, denunciando a exploração do capitalismo e desigualdade social criada por ele. Seus pensadores tem proximidade com o socialismo e comunismo. Principais pensadores: [...] Hugo Assman, Frei Betto, Maria Clara Lucchetti Bingemer, Clodovis Boff, Leonardo Boff, Jose Míguez Bonino, Pedro Casaldáliga, Enrique Dussel, Ignacio Ellacuría, Ivone Gebara, Gustavo Gutiérrez, Franz Hinkelammert, María Pilar Aquino, Pablo Richard, Oscar Arnulfo Romero, Samuel Ruiz García, Juan Luis Segundo, Jon Sobrino, Paulo Suess, Elsa Tamez, Ana Maria Tepedino e Aiban Wagua. (NORONHA, 2012 p. 185).

não só no Brasil, mas na Igreja em todo o mundo e tinha como objetivo suprir as necessidades do indivíduo religioso em meio às transformações que ocorriam na época.

Enquanto esses eventos ocorriam no Brasil, nos EUA um grupo de jovens católicos se interessam em participar de um retiro em 18 de fevereiro de 1967, na Universidade de Duquesne, na cidade de Pittsburg. Esses jovens buscavam o “Batismo no Espírito Santo”

[...] e ao desenvolvimento dos dons carismáticos, a partir de leituras das publicações pentecostais e da participação em encontros interdenominacionais. Chamado no início de Movimento Pentecostal na Igreja Católica, este movimento expressou a assimilação de algumas “atitudes retóricas e religiosas que são os concomitantes clássicos da teoria pentecostal da conversão. (Machado 1996, p. 46).

Foi o primeiro encontro carismático católico, e é conhecido entre os adeptos do movimento de “a semana de Duquesne”. O encontro foi organizado pelos docentes da universidade, eles eram católicos e dias antes tiveram uma experiência descrita como “transcendental” em uma igreja evangélica¹⁶. Esse dia foi o marco histórico para a Renovação Carismática e também para a Igreja Católica. Uma das participantes, a jovem Patty Gallagher Mansfield relata:

Naquela noite, o Senhor levou todo o grupo para a capela. [...] Os professores então impuseram as mãos sobre alguns estudantes, porém a maioria recebeu o batismo no Espírito enquanto estava de joelhos diante do bendito sacramento, em oração. Alguns de nós começaram a falar em línguas outros receberam dons de discernimento, profecia e sabedoria. No entanto, o mais importante foi o fruto de amor de toda a comunidade reunida. No Espírito do Senhor, encontramos uma unidade que havia muito tempo tentávamos encontrar por nós mesmos. (Synan 2009, p. 288).

Como afirma Synan (2009, p.289) “Esse evento foi a primeira reunião de oração católica carismática e desencadeou uma sequência de eventos que logo se

¹⁶Os organizadores eram quatro docentes da Universidade de Duquesne, todos católicos, influenciados por um encontro presbiteriano que participaram a algumas semanas ministrado pela líder Florence Dodge. Além de pedir que os alunos orassem a Deus pelos dons do Espírito Santo, também orientaram a leitura do livro “A Cruz e o Punhal” que conta a história de David Wilkerson, um missionário de Philipsburg na Pensilvânia, que através de seu testemunho encorajou os leitores a deixarem ser guiados pela vontade do Espírito Santo de Deus. Portanto, pode-se observar que a experiência com o sagrado, vivenciada por aqueles jovens foi muito influenciada pelo pentecostais.

provou uma das principais vias de movimento carismático do século XX”. Ele chamou tanta atenção que várias pessoas queriam participar dos encontros de oração.

O crescimento da RCC em âmbito internacional em poucos anos depois do avivamento em Duquesne, contribuiu para que o movimento fizesse seu primeiro encontro internacional. Para a rápida expansão foi necessário que pessoas de forte influência dentro da igreja assumisse a causa, uma delas foi o cardeal Léon-Joseph Suenens, “não por ser um cardeal, mas porque era respeitado como uma das mais importantes figuras do Concílio Vaticano II” (Synan, 2009 p. 296).

Declarado adepto do movimento, Suenens escreveu documentos, fez conferências, viagens e declarações em favor da Renovação Carismática. O então papa Paulo VI, também via com bons olhos a renovação que o movimento prometia trazer para dentro da Igreja. Na primeira conferência internacional da RCC, Paulo VI diz: “a igreja e o mundo precisam, mais do que nunca, de que o milagre do Pentecoste se repita continuamente na História” (Synan, 2009 p. 297).

A Renovação Carismática Católica chega no Brasil neste cenário, no final da década de 60¹⁷ no interior de São Paulo e se expande nas paróquias e cidades adjacentes e gradativamente para todo o Brasil, mudando de forma radical, a forma da maioria dos católicos praticarem seus ritos religiosos:

No Brasil, a Renovação Carismática chega em 1969 através do padre Harold Joseph Rahm ou padre Haroldo que foi como ficou conhecido, ajudado pelo padre Edward Dougherty, ou padre Eduardo como é carinhosamente chamado aqui no Brasil, que chegou um ano depois, em 1970. Padre Haroldo chega em Campinas em 1969 como dissemos, e dali expande o carisma da RCC de forma incrível para todo o território brasileiro em parceria com padre Eduardo. Através de retiros chamados de primeira experiência no Espírito Santo, a nova forma de rezar dentro da igreja católica no Brasil se alterava de forma exorbitante (Sousa 2016, p.33).

A RCC é aceita progressivamente no seio católico brasileiro, e através dos encontros promovidos pelos padres Haroldo (Figura 3) e Eduardo (Figura 4), foi conquistando adeptos em campinas e nas cidades vizinhas, até expandir para outros estados e regiões.

¹⁷Em 1969 a RCC é fundada oficialmente no Brasil durante o encontro chamado de Retiro de Primeira Experiência que ocorrera entre 15 e 17 de agosto daquele ano.

Figura 4 Padre Haroldo Rahn



Fonte: <https://www.padreharoldo.blogspot.com>

Figura 3 Padre Eduardo Dougherty



Fonte: <<https://www.facebook.com/padreeduardo/>>

A Renovação se implantou na América Latina e seguiu 3 fases distintas, segundo Oro (2013), houve primeiramente sua “fase fundacional” que é o período de estruturação do movimento e se estende entre as décadas de 60 e 70. Em seguida sua “fase social e cultural” entre as décadas de 80 e 90, refere-se ao período em que a RCC potencializa seu modo de evangelização, com música pop sacra, lazer, oração e uma rotinização do seu carisma; consolidando-se na terceira fase chamada de “fase midiática” a partir dos anos 2000, optando por uma evangelização por meios de comunicações, é quando ela passa a ter altos índices de audiência.

Neste momento de inserção da RCC no Brasil, Sales (2006), afirma que ela teve duas raízes principais: a TLC (Treinamento de Lideranças Cristãs)¹⁸ e o Movimento de Cursilhos de Cristandade - MCC. Uma voltada para a juventude e outra para os adultos, respectivamente.

A primeira raiz, o TLC, foi liderado pelo padre Haroldo, que tentou juntar características da espiritualidade jesuíta da JEC - Juventude estudantil Católica, e

¹⁸Movimento da Igreja Católica direcionado para a juventude que nasceu em Campinas, em 1967, com Pe. Haroldo Rahm. Em 1966 Padre Haroldo e Maria Lamego escreveram o Manual do TLC, criando sua metodologia com referências nos Cursilhos de Cristandade ideias e ideais surgiram. Reuniram uma equipe de leigos que organizou o primeiro de muitos encontros. O TLC nasceu em 1966 e foi um impulsionador da criação do Instituto Padre Haroldo e promove intercâmbio entre grupos de TLC do Brasil inteiro. **(TREINAMENTO DE LIDERANÇAS CRISTÃS)**. Disponível em: <<https://www.padreharoldo.org.br/tlc/>>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

JOC – Juventude Operária Católica – ambas surgidas na ação católica especializada de 1950 a 1960.¹⁹

A segunda raiz, o Movimento de Cursilho de Cristandade²⁰ surgiu na Espanha através da Juventude de Ação Católica Espanhola em 1948. No Brasil, o primeiro retiro de cursilho foi realizado em 1962, na cidade de Valinhos, diocese²¹ de Campinas. Também com intuito de incentivar a experiência espiritual, ele ajuda de certa forma a preparar o caminho para a Renovação Carismática aqui no Brasil.

A RCC então se expande pelo Brasil com a ajuda de outros padres como o Monsenhor Jonas Abib (Fundador da Comunidade de Vida e Aliança Canção Nova, principal comunidade carismática no Brasil e principal meio de comunicação). Ele teve papel fundamental na expansão do movimento através da Comunidade Canção Nova. Também escreveu livros, gravou músicas, além de ser considerado como um forte avivador do Espírito Santo.

Um perfil está se desenvolvendo para os católicos carismáticos. Esse perfil é caracterizado por uma personalidade alegre e simpática, uma forte influência sociopsicológica em seus membros, um carisma envolvente e afirmações frequentes de identidade católica.

A RCC é um movimento com novas características no interior da Igreja Católica. Distancia-se da experiência de movimentos leigos que a Igreja conheceu no decorrer deste século. Sua organização também difere bastante do estilo de organização vivido pelas pastorais; seguindo um estilo próprio desde o princípio, sua organização central é basicamente laica, mesmo sediando em Roma sua direção máxima, onde um escritório internacional funciona como uma agência de missões (Prandi 1997, p. 34-35).

¹⁹São grupos específicos como: JAC – Juventude Agrária Católica; JEC – Juventude Estudantil Católica; JOC – Juventude Operária Católica; e JUC – Juventude Universitária Católica, voltados para a evangelização e participação do leigo jovem na igreja em determinadas esferas de convivência do jovem como o mundo do trabalho, da educação, meio rural entre outros.

²⁰O Movimento de Cursilhos de Cristandade “é um Movimento eclesial que, mediante um método próprio, possibilita a vivência e a convivência do fundamental cristão, ajuda a descobrir e a realizar a vocação pessoal, criando núcleos de cristãos, que irão fermentar de Evangelho os ambientes.” SÁNCHEZ, Clemente e SUÁREZ, Francisco (coord.) Ideário. Secretariado Nacional dos Cursilhos de Cristandade da Espanha. Tradução: Luiz João Gaio. São Paulo: Edições Loyola, 1972, p. 20.

²¹Segundo o Código do Direito Canônico, “A diocese é a porção do povo de Deus que é confiada ao Bispo para ser apascentada com a cooperação do presbitério, de tal modo que, aderindo ao seu pastor e por esta congregada no Espírito Santo, mediante o Evangelho e a Eucaristia, constitua a Igreja particular, onde verdadeiramente se encontra e atua a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica” Cânone 369, Livro II, Parte II, Capítulo I, “Das Igrejas Particulares”, in: Código de Direito Canônico. Promulgado por S.S. João Paulo II. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa, 4ª edição revista, versão portuguesa, 1983.

O escritório internacional da RCC foi promovido em 2017 de movimento a uma “corrente de graça da igreja para igreja”²², através de uma ação da Santa Sé de transformar o movimento que era uma associação internacional de leigos carismáticos em “uma entidade erigida pela Santa Sé, através do dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, tendo personalidade jurídica pública” (CHARIS INTERNACIONAL 2023, p. 6).

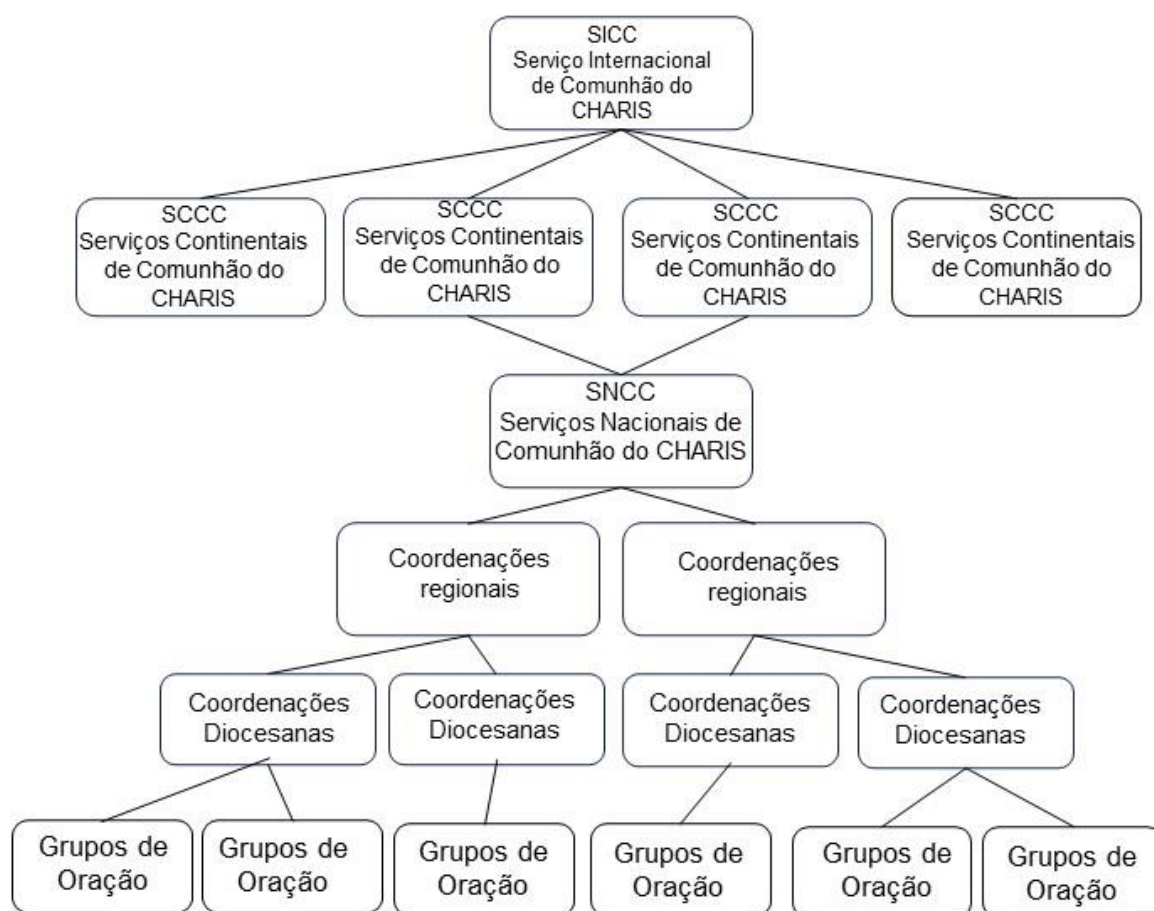
Esta foi uma ação de efetuada pela Igreja não só como uma forma de legitimação oficial da renovação carismática como sinal de Deus, mas também de acomodação do movimento em suas estruturas, se auto afirmando como sinal de Deus e também detentora e gestora desse sinal de Deus para a sociedade.

Dependente deste escritório internacional está o escritório continental, a função deste se resume principalmente em coordenar encontros com líderes de 2 em 2 anos. No Brasil há um conselho nacional que trabalha na avaliação e definição de projetos e tarefas administrativas. Além do escritório nacional há também equipes regionais e diocesanas que acompanham os grupos de oração, são responsáveis pela assessoria e formação desses grupos.

A seguir a Figura 5 serve para ilustrar a pirâmide hierárquica da CHARIS, é válido observar que em todas as instâncias da hierarquia católica também há uma instância organizada pela RCC, acompanhando e sendo acompanhada nos níveis organizacionais católicos desde seu escritório em Roma até os grupos de oração em Imperatriz-MA por exemplo, assessorando, acompanhando e expandindo o carisma do movimento:

²²chamado de CHARIS (Catholic Charismatic Renewal International Service) que é a sigla para o: Serviço Internacional para Renovação Carismática Católica. A palavra é grega e significa “graça” e “carisma”

Figura 5 Hierarquia RCC



Fonte: Acervo próprio, 2024.

No âmbito diocesano, a proximidade é maior entre os membros da equipe diocesana e também entre os grupos de orações. De forma geral, os membros do conselho diocesano participam de seu “grupo de origem” (grupo de oração que participa desde que se tornou fiel ao movimento), mas isso não é uma regra em todas as dioceses.

O movimento carismático (RCC) tem características próprias que o distingue de outros movimentos católicos e pastorais que vai conquistando cada vez mais adeptos no Brasil. Além da estrutura internacional com secretarias em várias instâncias, seus principais elementos são:

Os elementos carismáticos da RCC eram os mesmos presentes entre os protestantes: a experiência básica do batismo no Espírito Santo, a manifestação e o exercício dos dons espirituais de 1Coríntios 12. 8-10, o

louvor exuberante, a exaltação a Cristo como o Rei que vive, a evangelização, testemunhos e a atenção à voz do Senhor. No contexto católico, porém, havia significativas diferenças na forma, no estilo e no tempo de celebração [...] Os católicos carismáticos demonstram interesse em integrar a dimensão carismática à vida litúrgica da igreja. Isso acontece especialmente por meio de celebração da eucaristia carismática, com criativa mistura de estruturação e espontaneidade. Liturgias carismáticas dessa espécie constituem uma característica marcante das conferências e retiros da RCC. [...] A RCC desenvolveu-se particularmente no ministério de cura interior e hoje muitos sacerdotes, freiras e leigos se dedicam à cura divina em tempo integral (Synan, 2009, p. 295-296).

Nos grupos de oração, a reunião era pautada no louvor, petição do Espírito Santo e meditação da Palavra de Deus, reunia principalmente jovens católicos em suas próprias casas (forma de reunião que é usada até os dias de hoje, porém, as reuniões são em paróquias ou comunidades/capelas da paróquia). Em 1972, padre Haroldo escreve o livro “Sereis Batizados no Espírito Santo”, este livro é um dos primeiros publicados no Brasil sobre a Renovação Carismática, e contém orientações sobre o que era o pentecostalismo católico (primeira nomenclatura do movimento), e sobre a experiência de oração no Espírito Santo, acontecia em retiros com católicos de diversas faixas etárias e recrutavam novos membros.

Entre os anos de 1969 a 1972, a RCC já estava presente em vários estados brasileiros, inicialmente através dos retiros de primeira experiência do Padre Haroldo, e posteriormente a implementação de um grupo de oração.

Essa rápida expansão foi o que motivou a realização do primeiro Congresso Nacional da Renovação Carismática, organizado pelos seus precursores, padre Haroldo e padre Eduardo e também com a Irmã Juliette Schuckenbrock, no ano de 1973, para decidir o futuro do movimento. O segundo aconteceu no ano seguinte, em 1974. Atualmente, o referido Congresso acontece a cada 2 anos, e recebe milhares de inscritos.

Sobre o primeiro congresso nacional da RCC no Brasil há uma controvérsia sobre qual ano aconteceu tal evento. Segundo Sales (2006), a primeira edição do congresso foi em 1974, na cidade de Itaci-SP. Já a informação que é dada no site oficial da RCC no Brasil é de que a primeira edição do evento foi realizada em meados de 1973, e em janeiro de 1974 o segundo congresso. Mas enfim, o que importa dizer é que a partir deste ano, 1974, a expansão do movimento carismático chega nas regiões do Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul de Minas (Sousa 2016, p.35).

Parte dos primeiros líderes da RCC saíram de outros movimentos ou pastorais que os mesmos já lideravam, ou seja, a Renovação Carismática surge como uma força que atrai as pessoas através de seu carisma para seus grupos de oração e eventos, fascinando o indivíduo que buscava por uma experiência metafísica com Deus. Para solidificar a sua presença no campo religioso católico, a renovação carismática precisou rever seus discursos e reafirmar sua identidade, Maria dos Santos Pimentel Neta afirma que:

[...] esse pentecostalismo católico avançou pela geografia cristã, criando atritos dentro da própria Igreja Católica. O termo pentecostalismo católico com o tempo foi sendo substituído pelo termo Renovação Carismática Católica. A ressignificação do termo significou o distanciamento da abertura ecumênica que a RCC desejava alcançar e atualmente dificulta o diálogo entre o pentecostalismo evangélico e a RCC (Santos Pimentel Neta, 2019, p.62).

A RCC reforça seu catolicismo para não ser confundida com os pentecostais evangélicos, a mudança do nome de pentecostalismo católico para Renovação Carismática Católica e a utilização da imagem de Maria como intercessora se torna fundamental para a definição de sua identidade.

Com discursos de permanência na igreja e demasiada devoção a Maria, os grupos de oração negavam qualquer ideia de protestantismo. Com a frequente associação do movimento às igrejas pentecostais, isso fomentava ainda mais a renovação carismática a se institucionalizar e ter uma identidade própria que a não confundisse com outras denominações.

2.1.1 A estratégia de expansão da RCC

No ano de 1978 surge a Canção Nova – como já dissemos, fundada pelo Mons. Jonas Abib – em 1980 ela adquire uma rádio e em menos de dez anos, em 1989, adquire uma concessão de TV.

Em pouco tempo mais de 60% do território brasileiro assistia as programações carismáticas: missas, formações, programas de entrevistas, etc. A evangelização através da mídia foi uma estratégia de recrutamento e expansão do movimento que ajudou a multiplicar o número de adeptos e grupos de oração no Brasil. Havendo uma consolidação de um estilo de evangelização a partir da oração, música e do lazer.

Segundo Ari Pedro Oro, os sociólogos Pierucci e Prandi afirmam que: “A RCC possuía um duplo objetivo: enfrentar, dentro da Igreja, o crescimento dos setores mais progressistas (como a Teologia da Libertação, as Comunidades Eclesiais de Base) e, fora dela, a expansão do pentecostalismo” (Pierucci e Prandi 1996 *apud* Oro, 2013, p. 124).

Com o apoio crescente de padres aderentes ao movimento, a RCC foi se consolidando e atraindo cada vez mais adeptos, mostrando-se eficiente para interromper a evasão de fiéis para outras denominações como as igrejas pentecostais, que doravante a terceira onda do pentecostalismo, recebia muitos fiéis católicos em suas igrejas com ofertas de curas e milagres, uma crescente “busca de serviços mágico-religiosos” (Mariano 2008). Com a renovação carismática surge um “tipo ideal” de “católico modelo” de adorador a Deus e de intimidade com Ele e a Igreja.

2.2 Crescimento do Pentecostalismo e a Pressão no interior Católico

Para um melhor entendimento das convergências e divergências entre a RCC e o pentecostalismo, faremos uma breve explanação sobre o surgimento do movimento evangélico no Brasil.

O Pentecostalismo no sentido moderno da palavra é um movimento avivalista iniciado nos primeiros anos do século XX, nos Estados Unidos, marcado pelas fortes expressões de dons e carismas descritos em Atos dos Apóstolos (At 2,1-12). Por alguns anos ficou sem ser notado no âmbito internacional até o avivamento da rua Azusa, em abril de 1906 em Los Angeles nos EUA.

No Brasil chegou através de um missionário italiano, Luigi Francescon, em 1910, fundador da Congregação Cristã do Brasil, e de dois suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren, que passando pelos Estados Unidos, um deles, Vingren, diz ter recebido o chamado de Deus para evangelizar no estado do Pará. Chegando em Belém foram recebidos pelo pastor da Igreja Batista em sua própria casa. Quando Berg e Vingren começaram a pregar o batismo no Espírito Santo foram expulsos, mas conseguiram levar 18 membros e fundaram uma igreja própria, a Assembleia de Deus.

Mariano (1999, p.29) propõe uma divisão histórica dos pentecostais no Brasil. Na divisão nem sempre as formas são homogêneas, elas são divididas em três fases. A tipologia das formações pentecostais é analisada por Ricardo Mariano em uma linha

temporal onde ele analisa as mudanças ocorridas através dos discursos e comportamentos entre uma ruptura e outra.

Desde o início as diferenças já eram perceptivas. A Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil, as duas que surgiram logo depois do avivamento no EUA, “sempre apresentaram claras distinções eclesiais e doutrinárias que, com o passar do tempo, geraram formas e estratégias evangelísticas e de inserção social bem distintas. O autor divide a formação pentecostal utilizando a teoria das ondas pentecostais de Paul Freston (1993) com três momentos distintos: Pentecostalismo Clássico, Deuteropentecostalismo e Neopentecostalismo.

No primeiro momento surge o Pentecostalismo Clássico: Oriundas do avivamento norte americano, as duas instituições: Assembleia de Deus e Congregação Cristã no Brasil – como citamos acima – são fundadas no Brasil, a primeira em 1910, e a segunda em 1911. São consideradas clássicas pelos historiadores por serem originadas logo após o avivamento nos EUA, e pelas exigências morais e tradicionais presentes nos discursos.

O segundo momento teve início no meio do século XX, surge então o Deuteropentecostalismo: mais precisamente com a Igreja do Evangelho Quadrangular em 1953 em São Paulo. Ela traz uma nova forma de discurso, massivo e “midiático” (levando em consideração os meios de comunicação da época) usufruindo do rádio, algo que a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil não faziam por achar esses meios de comunicação impuros e mundanos. Sempre centrados na mensagem da cura divina, chamaram a atenção de muitos fiéis e pastores de outras denominações. Outras que surgiram ao mesmo tempo que a Igreja do Evangelho Quadrangular foram as igrejas Brasil para Cristo (São Paulo 1955), Deus é Amor (São Paulo 1962), Casa da Benção (Belo Horizonte 1964).

No terceiro momento Ricardo Mariano classifica como Neopentecostalismo: surge na década de 70, a mais velha relacionada por Freston (1993) é a Igreja da Nova Vida fundada em 1960, porém, pela sua teologia, é considerada como advinda da terceira onda, seguida pela:

Igreja Universal do Reino de Deus (Rio 1977), Internacional da Graça de Deus (Rio 1980), e Cristo Vive (Rio, 1986). Estas três do lado de Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (Goiás, 1976), Comunidade da Graça (São Paulo, 1979), Renascer em Cristo (São Paulo, 1986), e Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (São Paulo, 1994) (Mariano 1999, p.32).

No Brasil, o crescimento do número de igrejas evangélicas pentecostais causou no final do século XX, uma mudança do cenário do campo religioso brasileiro. Neste momento de ascensão evangélica, a igreja católica precisa, segundo alguns autores da RCC uma estratégia de contra ofensiva frente ao avanço pentecostal e o fortalecimento da identidade católica (Carranza 2009; Machado 1996; Oro 1996; Pierucci & Prandi 1996; Prandi 1997).

Em termos de semelhanças entre RCC e pentecostalismo estão as práticas realizadas pela renovação carismática e os pentecostais são muito semelhantes. A começar pelo batismo no Espírito Santo e o Avivamento no Espírito Santo, essas expressões são comuns nos dois movimentos, e que as práticas e objetivos a serem alcançados também são as mesmas.

Os dois movimentos se aproximam a cada ano, as práticas compartilhadas são de certa forma, um laço que une mesmo sem um aceitar a igreja do outro. Características como a forma de orar, louvar, profetizar, orar em línguas, mostram a semelhança com ambos os lados vivem o mesmo carisma. Tavares (2016, p.57) diz:

A docilidade ao Espírito Santo, característica pentecostal que já foi mencionada, significa não resistir ao desejo de realizar ações para Deus, e é uma semelhança entre pentecostais protestantes e católicos. Nos momentos de oração, os fiéis são encorajados a cederem ao desejo de orar em línguas, de cantar em voz alta, erguer as mãos para o alto e movimentar-se, de transmitir revelações e mensagens de amor ao grupo, ou mesmo de chorar. Significa não resistir a alguns impulsos que parecem inexplicáveis, de falar com determinadas pessoas sem razão aparente, de fazer um ato de caridade inesperado.

Ainda segundo Tavares (2016), outro aspecto semelhante entre os modelos pentecostais “é o forte teor emocional das orações carismáticas”, que foi bastante criticada no início da renovação, como sendo desnecessária e irracional, por lideranças e padres da época. Com relatos de alguns fiéis católicos que dizem se sentirem em um culto evangélico dentro da igreja católica.

No âmbito político, as pautas não só se assemelham como formam a bancada cristã no Congresso, onde a maioria dos católicos que fazem parte dela, já participaram da RCC ou simpatizam com ela, e se unem para combater projetos de Leis que vão contra os princípios cristãos como a descriminalização do aborto por exemplo.

Além dos elementos que aproximam os dois movimentos, também existem diferenças. Uma das especificidades da RCC e que não é encontrada no interior do pentecostalismo é a devoção mariana que a renovação carismática pratica, ainda é muito criticada pelos evangélicos. Porém, essa devoção é o resultado da institucionalização da RCC dentro da igreja católica:

Havia, na época, um duplo temor por parte da hierarquia: de que a RCC se tornasse um movimento religioso à margem da Igreja e de que ele se aproximasse demais das práticas e dos conteúdos do pentecostalismo. Por isso mesmo, para evitar a concretização deste último temor, e deixar clara a separação com o pentecostalismo, a hierarquia católica passou a acolher os carismáticos, à condição de que participassem dos sacramentos e de que nos grupos de oração fosse constantemente externado o reconhecimento da autoridade papal e a devoção à Virgem Maria (Oro 2013, p.124).

De todas estas condições exigidas pela igreja católica, a devoção à Maria constitui “o divisor de águas, a fronteira, e se esta não for reforçada não há por que ficar no universo católico” (Mariz e Machado 1994. p.30).

Prandi (1997) destaca ainda dois elementos que separam a RCC e o pentecostalismo: dinheiro e demônio. Enquanto o tema dinheiro tem principalmente forte ênfase no meio neopentecostal²³, devido a teologia da prosperidade, na renovação carismática o tema é colocado em segundo plano e respeitando as distinções de classes.

Quanto ao tema demônio, segundo Prandi, também é visto de forma diferente. Na perspectiva neopentecostal, eventos e fatos específicos são observados a partir da ação do demônio, como causa e razão fundamental dos acontecimentos; já na visão da RCC, embora também se mencione o demônio, se sobressai a noção de livre-arbítrio e de responsabilidade individual (Prandi 1997, p.134).

2.3 RCC E CEBS

O início e desenvolvimento da Renovação Carismática no Brasil foi um pouco tardio, porém paralelo e menos intenso que o início e desenvolvimento das chamadas

²³O bispo Edir Macedo fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), em 1977, é quem implementa a teologia da prosperidade, esta por sua vez tem raízes norte-americanas de Essek William Kenyon

Comunidades Eclesiais de Base – CEBs. Não conseguimos até aqui, encontrar na literatura, um marco temporal da fundação ou de um idealizador das CEBs, mas podemos afirmar, segundo Frei Betto, que seu início é na década de 1960 na arquidiocese de Natal ou em Volta Redonda.²⁴ A definição de CEBs neste trabalho terá o conceito utilizado por Frei Betto:

As comunidades eclesiais de base (CEBs) são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos. [...] São comunidades, porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma igreja e moram na mesma região. Motivadas pela fé, essas pessoas vivem uma comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras. São eclesiais, porque congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. São de base, porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares) (Betto 1986. p. 7).

As CEBs surgem em um complexo contexto político-religioso brasileiro, não só nacional, mas na Igreja mundial. A explanação deste contexto no Brasil a seguir, nos ajudará a compreender a preferência social das CEBs e a preferência sacramental pela Renovação Carismática.

2.3.1 Contexto Político E Religioso No Surgimento Das Ceb

O contexto religioso do surgimento das comunidades eclesiais de base remete ao momento de adaptação da igreja católica no Brasil ao encerramento do Concílio Vaticano II, a crescente influência da teologia da libertação – TdL e crise institucional. Segundo Paulo Célio Soares:

Estabelecer com precisão o momento exato do surgimento da primeira Ceb no Brasil é uma tarefa difícil. Caramuru afirma que por volta de 1967, já existia uma dezena dessas comunidades espalhadas pelo país. Em linhas gerais, o contexto eclesial brasileiro e universal contribuiu para a eclosão do fenômeno das Ceb. No caso brasileiro, vivia-se uma crise na instituição Igreja, expressa principalmente pela falta de padres, a chamada “crise da paróquia”. Havia uma grande necessidade de renovação desta instituição, que acabou contribuindo para valorizar timidamente o leigo nos trabalhos pastorais (Soares 2010, p.73).

²⁴Betto, Frei. **O que é comunidade eclesial de base**. 6° ed. Brasiliense, São Paulo, 1986.

Devido à crise paroquial, a falta de padres deixava um caminho livre, não só para a concorrência de outras denominações religiosas em busca do fiel desassistido pela igreja, como um espaço cada vez maior na participação do fiel que se faz protagonista na vida da Igreja.²⁵“O contexto eclesial brasileiro não fornece, porém, todos os dados da complexa questão do nascimento das Cebis. É necessário ajustar com as mudanças que se delineavam na estrutura da Igreja Universal” (Soares 2010, p.75). Podemos apontar a fundação do CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano) e principalmente a convocação do Concílio Vaticano II e sua proposta de “modernização” da Igreja.

Vale ressaltar que desde o início do século XX já havia vários movimentos de reforma ou renovação da igreja que culminaram no concílio Vaticano II.²⁶

No contexto político, pode-se observar a opção pelo regime liberal burguês no pós-segunda guerra mundial, a ditadura militar, a guerra fria e a ideia de iminente ataque comunista ao ocidente e uma rápida modernização e investimento estrangeiro na economia industrial. “Delineou-se um novo papel do Estado em matéria econômica, voltado para a afirmação do pólo urbano-industrial enquanto eixo central da economia.” (Soares 2010, p.76).

O ex-presidente Juscelino Kubitschek, foi o grande propulsor do investimento internacional no país, entretanto, toda a modernização nacional expôs a desigualdade social no Brasil.

Sob o signo de seu projeto desenvolvimentista, expresso no Plano de Metas, o país ingressou em sua fase de economia industrial avançada, concretizando-se uma estrutura monopolista específica que articulou, de modo peculiar e com sucesso, o capital multinacional, a empresa privada nacional e a empresa pública. Este processo mostrou seu lado cruel e sinais de cansaço no final dos anos JK apresentando consequências nefastas para a grande maioria da população, revelando-se desigual e excludente, agudizando as tensões sociais, com as classes trabalhadoras pressionando o governo a adotar políticas que revertissem o quadro social. Todo esse processo moldou a democracia burguesa de modo que ela assumiu cada vez mais a feição do populismo. Este processo político foi marcado, sobretudo, pela ascensão dos setores populares ao cenário político, resultando numa politização maior dos sindicatos urbanos e rurais e num crescimento da mobilização popular. Exerceram grande influência nesse período a pedagogia de Paulo Freire e as iniciativas sociais da Igreja. Também crescia

²⁵<https://catedralnf.com.br/2020/08/11/o-plano-salvifico-de-deus/>

²⁶O Vaticano II é certamente o emblema do que existe de mais significativo na vida da igreja contemporânea. Encontrar nele raízes é, para cada movimento, fonte de prestígio e legitimidade. (PRANDI, 1997, p. 30).

a insatisfação intelectual e estudantil contra a situação social do país, porém, esta crescente mobilização foi barrada pelas forças conservadoras apoiadas pela política e financiamento norte americano, feito que se traduziu no golpe militar de 1964 (Soares 2010, p.76).

A convergência destes dois cenários, político e religioso no Brasil, propiciou a multiplicação de CEBs pelo país, em 1994, dado mais atual encontrado por nós até a escrita deste texto, eram cerca de 70 mil núcleos eclesiais por todo o Brasil.²⁷

A perseguição da ala progressista da igreja causava entre seus membros o sentimento de estar do lado certo do povo de Deus. As músicas de resistência e de luta motivavam os adeptos a permanecerem no movimento. Martírio, assim como na igreja primitiva, é uma ideia difundida dentro dos movimentos inspirados pela TdL, entre elas, as CEBs.

2.4 CEBs UM SETOR PROGRESSISTA

As influências progressistas do catolicismo brasileiro surgem antes do século XX, faremos uma retomada histórica para compreender como essa ideologia se instalou em toda a América Latina, encontrou intelectuais e sacerdotes dispostos a alimentarem esta doutrina.

O setor progressista da Igreja no século XX tem suas raízes na segunda metade do sec. XIX. Através de uma série de dispositivos foram instituídos para combater o avanço da modernidade sobre a política, cultura e ciência (Henry & Serry 2004, pp. 7-8). Com a publicação da encíclica *Aeterni Patris* (1879) (sobre a filosofia cristã), o Papa Leão XIII buscava criar a sociologia católica, incorporando a ela a doutrina tomista que faz uso da razão e da fé como aliadas para o bem do homem. Sobre este fato, o Sociólogo Juarez Lopes Carvalho Filho escreve:

Para tanto, vários dispositivos são estabelecidos em colaboração de seus agentes qualificados religiosa e simbolicamente: a Igreja refunda seu sistema eclesiológico (fundado sobre a teologia), cujas instâncias de decisão se encontram sob a autoridade direta do Papa (proclamado infalível em 1870) e de sua administração. No centro desse dispositivo é preciso situar a Encíclica *Aeterni Patris* (A filosofia cristã), publicada em 1879, na qual Leão XIII recomendava, aos clérigos e aos seus intelectuais católicos, incorporar à

²⁷Pedro de Oliveira, chega a um número próximo de 70.000 comunidades de base no Brasil. Cf. Oliveira, Pedro Ribeiro de. Um Perfil Sociológico da Diocese de Volta Redonda, Pesquisa ISER - Diocese VR/BP, 1994.

doutrina tomista os resultados conquistados pela pesquisa científica contemporânea. Esses dispositivos intelectuais e administrativos são as condições objetivas do catolicismo social, fundadas na *Rerum Novarum*, proclamada por Leão XIII, em 1891. É nessa Encíclica que Leão XIII impõe uma redefinição das práticas e de intervenções do Magistério católico no mundo social laicizado, pressionado por inúmeras transformações sociais, econômicas e culturais (Serry, 2004b, p. 30) (Lopes Carvalho Filho, 2021, p.204).

Por meio da sociologia católica, Leão XIII buscava confrontar a sociologia Durkheimiana que crescia nas universidades em todo o mundo e que não atribuía a religião, uma criação divina, mas do homem como uma força integradora da sociedade mantendo a ordem e a estabilidade social (Durkheim, 2002).

Esta busca por se reestabelecer no campo científico, político e cultural, limitado pela nova república, a Igreja Católica no Brasil insere a nova doutrina neotomista através de intelectuais leigos sobre a jurisdição do clero.

Esse pensamento serviu de base teórica aos católicos para assimilarem as instituições republicanas e estabelecerem um diálogo com outras concepções políticas, superando o dogmatismo ultramontano no qual a Igreja católica se estabeleceu após a Proclamação da República em 1889. [...] Para enfrentar a consolidação do poder republicano, a Igreja católica, apoiada por certos filósofos e intelectuais, implementou alguns dispositivos institucionais necessários. Isso significou uma estratégia de reconversão social e simbólica para aumentar o poder político institucional na divisão do trabalho de dominação, constituindo uma rede de organização gerada por intelectuais leigos sob o controle do clero (*ibidem*, p.212).

Um intelectual imbuído de fama e prestígio que se tornou personagem importante para a Igreja na implementação da ciência cristã foi Alceu Amoroso Lima, também conhecido como Tristão de Ataíde após sua conversão ao catolicismo²⁸. Possuidor de bom capital cultural e religioso (após sua conversão), ele se torna um importante articulador do catolicismo no meio político e acadêmico.

Através de Dom Sebastião Leme, auxiliar da Diocese do Rio de Janeiro na década de 1920, foi articulada a criação do Centro Dom Vital. O centro foi fundamental para o crescimento da influência do catolicismo no campo político²⁹. Dom Leme

²⁸“[...] foi graças à conversão que ele assumiu a condução dos interesses terrenos da Igreja Católica no Brasil, participando da vida pública no país com uma intensidade inédita” (Arduini 2009, p.39).

²⁹“No caso brasileiro, a inclusão dos leigos na vida eclesial possuía um significado especial, pois representava a coroação de um processo de reconstrução da influência católica no cenário político nacional iniciado com o fim do padroado em 1891” (Arduini 2009, p.40).

recebia prestígio por parte do Vaticano por se aproximar dos pensamentos do Papa Pio XI, conhecido como o “Papa da Ação Católica”.

Influenciadas pela teologia da libertação, as CEBs carregam um forte espírito político atuante não só dentro da igreja, mas também na sociedade. A TdL forma uma ideologia progressista que já era conhecida pelos católicos no Brasil. Era o movimento chamado Ação Católica Brasileira – ACB, este movimento deixou um caminho pronto, que foi percorrido pela TdL para se fixar nas CEBs.

O papel inicial da Ação Católica Brasileira foi a defesa dos valores e princípios cristãos por parte dos leigos católicos no campo da atuação política. Tendo o intelectual Alceu Amoroso Lima como principal colaborador leigo do Cardeal do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme (1882 -1942) efetivamente surge em 1933 a Liga Eleitoral Católica e em 1935 a Ação Católica Brasileira tendo com Alceu como primeiro presidente (Souza 2006, p.48).

Os primeiros anos da ACB (Ação Católica Brasileira) foram de muita formação teológica e missionária, ela era passada para pessoas da mesma esfera de convívio, por exemplo, colegas da mesma profissão (operários das fábricas) ou do mesmo gênero (grupo de homens ou grupos de mulheres). Os estudos sobre a Doutrina Social da Igreja – DSI³⁰, fez com que a vida democrática e exercício pleno da cidadania, fossem aspectos defendidos pela Ação Católica no Brasil.

Em 1942, Plínio Corrêa de Oliveira escreveu um livro denunciando a influência do socialismo dentro do movimento, influenciando os conservadores a fazerem uma crítica severa à ACB. D. Hélder Câmara, assume o movimento tendendo-o para as atividades políticas e sociais, “A fundação da própria CNBB está amparada por um grande apoio e influência da Ação Católica” (Souza 2006, p. 50).

A Ação Católica Brasileira pode ser dividida em dois momentos distintos, o primeiro como Ação Católica Geral, de 1932 a 1950 e como Ação Católica Especializada – ACE de 1950 a 1960.

Essa última tem grupos específicos como: JAC – Juventude Agrária Católica; JEC – Juventude Estudantil Católica; JOC – Juventude Operária Católica; e JUC –

³⁰O que é a Doutrina Social da Igreja? – É o ensinamento dos Pastores da Igreja acerca da vida do homem e da sociedade, que tem origem na reflexão ao se articular o conhecimento das ciências humanas e os ensinamentos do Evangelho e da Tradição da Igreja. Assim sendo, a Doutrina Social da Igreja (DSI) não se caracteriza como ideologia, mas como teologia moral, ou seja, como reflexão de fé sobre o comportamento do homem em sociedade. [...] “visa, pois, orientar o comportamento cristão em suas relações sociais” (cf. João Paulo II, Sollicitudo rei socialis, n. 41). Cf. www.cnbb.org.br

Juventude Universitária Católica, voltados para a evangelização e participação do leigo jovem na igreja³¹. Esse foi um dos principais modos de evangelização da ACB neste período da história no país. “Os leigos passam a se organizar por grupos de atividades específicas: mundo do trabalho, operários, estudantes, camponeses, entre outros”. (Souza 2006, p. 53).

A Ação Católica Brasileira não era preocupada somente com a juventude, ela tinha planos de evangelização em todas as esferas da vida do indivíduo. Estes são alguns dos outros movimentos especializados da Ação Católica criados para evangelizar o leigo e fazer com que ele participe também do meio de salvação. HAC: Homens da Ação Católica – para os homens maiores de 30 anos e os casados de qualquer idade; LFAC: Liga Feminina da Ação Católica – para as mulheres maiores de 30 anos e as casadas de qualquer idade; JCB: Juventude Católica Brasileira – para jovens do sexo masculino de 14 a 30 anos; - JFC: Juventude Feminina Católica – para jovens do sexo feminino de 14 a 30 anos.

Uma ramificação mais radical da ACB surge decepcionada com a igreja e a ineficácia da sua Doutrina social, surge a Ação Popular – AP. Este movimento era mais radicalizado, acreditando que não precisava da tutela da Igreja.

Os militantes constatarem a defasagem entre a necessidade urgente de transformação da sociedade a partir da fé e a ineficiência da Doutrina Social da Igreja, como mediação adequada para realizar esta mudança. Com isso, parte do episcopado e da hierarquia expressa sua preocupação com o que parecia uma “marxização” da juventude brasileira. Sem opções, parte dos militantes da JUC irá agrupar-se na Ação Popular (AP), fundada em 1962, como base latino-americana da prática cristã revolucionária. Um movimento político ambíguo, pois, de um lado está a consciência política inspirada na visão histórico-filosófica do ser humano de E. Mounier e Teilhard de Chardin e, de outro, a prática política atrelada à teoria de K. Marx, baseada na luta de classes. (Brighenti 2016, p. 9).

Um dos militantes de destaque é Cosme Alves. Ele e sua esposa foram presos e torturados por ajudarem o então ex-Cabo Anselmo a fugir da prisão, logo após o Golpe de 64. Eles foram noticiados em jornais³² da época por esse episódio,

³¹É válido lembrar que a RCC surgiu de alguns desses grupos específicos.

³²Jornal Correio da Manhã. Ano 1964/Edição 21947. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_07&pagfis=56640&url=http://memoria.bn.br/docreader#

solidificando ainda mais a imagem das CEBs à política de esquerda, já que os movimentos eram formados em sua maioria, por católicos ligados a ela.

Nesse cenário, algumas das lideranças católicas se filiavam em partidos políticos³³ para realizar a ação necessária que acreditavam que a igreja oficial evitava dar, se envolver definitivamente na política do país. Em busca de partidos que lutavam pelos pobres, eram contra a burguesia e liberalismo capitalista, alguns partidos receberam tais lideranças católicas:

[...] o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), a Ação Popular (AP), o Partido Operário Revolucionário (Port) e a Política Operária (Polop). Essas forças políticas, e as que delas se originaram, foram protagonistas de grandes lutas contra a ditadura. Os partidos de esquerda marxista se dividiram entre a opção pela luta armada e pela resistência civil (MEMORIAS DA DITADURA, 2024).

Com o fim iminente da ditadura militar em 1985, surgiam partidos políticos ainda no início da década de 80, destaca-se o Partido dos Trabalhadores, reunindo grande parte de lideranças da esquerda nacional, artistas, lideranças católicas e intelectuais, que tiveram importância nos anos seguintes dentro do campo político. Hoje é o maior partido de esquerda do Brasil, ganhando a eleição para presidente cinco vezes, elegendo Luiz Inácio Lula da Silva por três vezes.

Em constante luta por um mundo melhor, os adeptos das CEBs se colocavam no dever de denunciar as injustiças sociais, reafirmavam a preferência pelos pobres, como pede a Doutrina Social da Igreja – DSI, e propunham uma reforma nas estruturas da Igreja, e rapidamente se espalhavam pelo país com uma inspiração socialista. Essa postura foi vista com maus olhos pelos conservadores católicos, como já afirmamos, era necessária uma contrapartida interna, essa contrapartida foi a RCC.

Seria a luta pelo zelo do Reino de Deus. Aliás, esta posição do Arcebispo de Goiânia serviu e serve para mostrar, mais uma vez, como é sempre perigosa, e até mesmo espúria, a aliança entre o poder religioso e o poder civil, por melhores que possam parecer as intenções. O religioso acaba sendo instrumentalizado pelo civil. Diante da ameaça da esquerda, do comunismo socialista, materialista e ateu, a extrema direita, autoproclamando-se defensora dos valores cristãos da Civilização Ocidental, estruturou toda uma política de resistência pró-capitalismo, dentro da qual a Igreja haveria de

³³Ressaltamos aqui, que ter uma ideia generalizada de que todos as lideranças se filiavam em partidos de esquerda, é um erro grave para o entendimento do papel católico dentro do campo político. Aliás, haviam partidos de direita que acomodavam católicos em seu interior.

exercer papel primordial de mediadora dos conflitos sociais (Toscano, 2001, p. 22).

De forma inconsciente, ou não, o problema político do país foi transferido para dentro do campo religioso o que exigiu dos atores do campo de ambas concepções políticas se pronunciarem de forma aberta e clara sobre suas posições.

2.5 RCC: UMA ALTERNATIVA AO CATOLICISMO DE ESQUERDA

Com o sistema de CEBs implementado em praticamente quase todas as paróquias do país na segunda metade do século XX, o alcance desse movimento aos números de católicos era bastante grande para a época. De fato, as CEBs podem ter influenciado parte dos fiéis católicos, mas gradativamente seu discurso perdia ouvintes, Pierucci observa isso no número de católicos convertidos gradativamente a outras expressões religiosas nos anos 60 a 2000 no Brasil. (Pierucci 2004).

Com uma vertente social, a Igreja Católica ajudou na qualificação de muitos católicos marginalizados. Porém, isto não quer dizer que agradava a todos os católicos. Alguns eram mais conservadores, outros simplesmente só iam à missa por costume. Para esses, o surgimento da RCC no Brasil foi de grande importância.

Com um discurso conservador e de experiência individual com Deus, a RCC deu a esses católicos uma possibilidade de se sentirem animados para a vida comunitária dentro da igreja. “Distancia-se da experiência de movimentos leigos que a igreja conheceu no decorrer do século” (Prandi 1997, p.34), com uma organização laica e sede em Roma, demonstrou ser uma ótima opção para esses católicos mais conservadores.

No seu prelúdio, o movimento carismático achou por bem não se envolver em questões políticas, nem em discussões temporais. Demonstrou para a igreja tradicional que ele era fiel a Santa Sé, obedecendo as instruções dos documentos católicos, principalmente das cartas papais que chegaram no Brasil censurando a Igreja Popular:

Na década de 70, a Igreja Católica brasileira mostrou-se como a mais progressista de toda a América Latina. Foi aqui que as CEBs se tornaram modelo para a Igreja dos países do Terceiro Mundo. Aqui se formou, sob a tutela da Igreja, toda uma militância política de esquerda. Nos dois primeiros

anos do pontificado de João Paulo II houve um relacionamento amistoso do Vaticano com a Igreja popular; depois disso muita coisa mudou. Em carta apostólica endereçada aos bispos brasileiros em dezembro de 1980, prega que a igreja não deve se envolver em questões sociais em detrimento de sua missão especificamente religiosa” (Higuet, 1984). O Papa, de fato, tomou muitas medidas contrárias ao movimento da Igreja Popular (Prandi 1997, p. 31).

Analisando a conjuntura religiosa católica a nível internacional e América latina/Brasil, e o antagonismo dentro da Igreja no Brasil, arriscamos uma explicação: pode ser percebido que a renovação carismática católica teve vantagem para ser escolhida pela igreja tradicional como uma melhor opção de evangelização na América Latina, a) devido sua postura não política, o que era um pedido do Papa João Paulo II em toda a América Latina; b) o “avivamento” de uma pratica religiosa subjetiva e menos racional; c) forte influência na juventude; d) se preocupa com as coisas do paraíso e não com os problemas do mundo.

Como um movimento que surgiu fora do Brasil, não tem em sua gênese as preocupações da sociedade latina como: pobreza, neocolonização, ditaduras, reformas agrárias entre outros. Porém, tem em sua gênese a perspicácia de uma sociedade tida como desenvolvida, superior e sem preocupações com problemas sociais, apontando o capitalismo como solução para todos os problemas contido nela, a sociedade Norte-Americana. Simultaneamente, reivindica ser a mudança na igreja prometida pelo Concílio Vaticano II, uma igreja europeia que segundo alguns autores, é a causa dos males sociais do Novo Mundo.

Pensando assim, o entendimento de movimento de direita fica mais claro, a renovação carismática quer conservar os privilégios existentes da instituição, pensando no campo religioso, acumulando em forma inicial, capital religioso, se colocando a favor da instituição dominante no campo, para depois poder disputar por direitos e/ou concepções. É importante perceber que enquanto as Cebes são uma “igreja” de pobre e de camponês, a RCC possui um outro perfil: é uma “igreja” urbana direcionada a atingir a classe média alta. Existe um abismo em termos de habitus, práticas e visão de mundo (Bourdieu 2007) entre os dois perfis sociais. Elas são o que são (progressista e conservadoras) porque refletem em grande parte o imaginário social de seus membros comungantes.

Apesar de se abster no primeiro momento da participação política no Brasil, a RCC no início do século XXI avançou de forma sistêmica e eficiente no campo

religioso brasileiro como forma de reação a ascensão evangélica na política e consequentemente acumulando capital.

Seu primeiro candidato eleito foi Diego Garcia – Republicanos. “Diego Garcia foi eleito para a Câmara dos Deputados. Foi a primeira vez que um representante do movimento sem nenhum histórico na vida pública, nem fama artística, conseguiu ocupar o posto de Deputado Federal.” (GAZETA DO POVO, 2016).

Portanto, com política e religiosidade concomitantes em um único discurso, a RCC compete no meio político conservador, defendendo a religião e a Igreja. Isto não elimina a possibilidade de os candidatos católicos de esquerda não enfatizarem esses temas, mas como sempre estão ligados ao socialismo e ao marxismo, eles perdem simbolicamente o direito de usá-la, conferindo a renovação carismática, a legitimidade de discurso sobre Deus e igreja.

3 A FORMAÇÃO DO CAMPO RELIGIOSO CATÓLICO EM IMPERATRIZ E SUAS TRANSFORMAÇÕES

Como falamos anteriormente, este trabalho se debruça sobre o subcampo religioso católico, além desta delimitação no interior do campo, também faremos um afinilamento geográfico, mais precisamente o subcampo religioso católico na cidade de Imperatriz. É fundamental ter um conhecimento do perfil socioeconômico e histórico da região para entendermos as mudanças vividas pelos imperatrizenses, seja no campo religioso ou socioeconômico.

A cidade de Imperatriz é a segunda maior cidade do estado do Maranhão, com o total de 273.110 habitantes³⁴, localizada na região sudoeste do estado, é também conhecida como a Princesa do Tocantins, Portal da Amazônia, Capital Brasileira de Energia e Metrópole da Integração Nacional³⁵.

Imperatriz passou por várias mudanças socioeconômicas durante a sua história devido a ciclos econômicos e, principalmente, na segunda metade do século XX com a construção da BR Belém-Brasília conhecida também como BR-010, que desencadeou uma explosão demográfica na região, atraindo pessoas de várias partes do país. Ressalta-se que, estas pessoas que chegam, trazem consigo uma variedade cultural que ao chegar na região, atraídos pelo progresso da cidade, influenciam e são influenciadas pela cultura local. Com a religião não é diferente.

Atualmente, o campo religioso da cidade é composto por diferentes agentes, entre os principais estão: as igrejas cristãs, espíritas e religiões de matrizes africanas. Logo mais, faremos um breve comentário sobre os agentes do campo para uma melhor compreensão dos concorrentes do catolicismo.

A Igreja Católica é dominante no campo com quase 60% da população que se declaram católicos³⁶. Ela está na cidade desde sua fundação em 16 de julho de 1852 com a chegada do Frei Manoel Procópio do Coração de Maria, e a instalação da primeira capela, a capela de Santa Tereza D'Ávila, que tinha sua imagem trazida pelo Frei, e que é considerada cofundadora e padroeira da cidade.

³⁴Censo IBGE 2022.

³⁵Disponível em: <http://servicos.imperatriz.ma.gov.br/cidade/> acessado em 10/01/2024.

³⁶Ver <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/pesquisa/23/22107>. Até a conclusão deste trabalho, os dados do IBGE de 2010 são os mais atualizados sobre os números de religião.

As igrejas evangélicas chegaram na região por volta da década de 1950, através da denominação Assembleia de Deus, doravante AD, “Os fundadores das ADs em Imperatriz eram migrantes vindos do Estado do Piauí, que fugiam da seca em busca de melhores condições de vida no Maranhão” (Costa 2017, p.169). Atualmente, corresponde por grande parte da parcela pentecostal da cidade, dividindo o campo com outras denominações pentecostais e disputando o campo em três frentes distintas, ainda segundo o historiador Moab Costa (2017):

A primeira – a mais acirrada – contra os neopentecostais, principalmente os autóctones, igrejas e comunidades locais (Comunidade Evangélica Shalom, Igreja Nova Aliança, Igreja Nova Vida e inúmeras outras de menor expressão), que arrebanharam muitos membros das ADs; enquanto isso, as igrejas IURD, IIGD e IMPD duelavam umas com as outras e arrebanhavam parcelas de católicos e membros de outras tradições. A segunda frente, de menor intensidade, contra o grande trânsito entre os inúmeros ministérios das ADs implantados na cidade. A terceira frente, contra os protestantes de missão, que, para continuar crescendo no campo religioso, iniciaram um processo de mudança de suas estratégias e táticas de evangelismo, como a adoção de pequenos grupos e a modernização de suas práticas litúrgicas. (Costa 2017, p. 173).

A cidade de Imperatriz é a sede da Diocese que leva seu nome. Composta por 34 paróquias de 13 cidades da região (Figura 6). O total de habitantes deste território é de 571.029 pessoas. Esses dados e eventos católicos realizados em seu território fazem da diocese de Imperatriz uma das mais importantes do estado. Apesar destes dados populacionais serem de 2022, até a defesa desta dissertação ainda não foram divulgados os números no que tange a religião da população nas cidades que compõem a diocese neste último censo.

Figura 6 Mapa da Diocese de Imperatriz



Fonte: Diocese de Imperatriz

Até o ano de 1987, Imperatriz era competência da diocese de Carolina - MA, comandada pelo bispo Dom Alcimar Caldas Magalhães. Em 29 de julho daquele mesmo ano o então Papa João Paulo II desmembrou a diocese de Carolina, criando a Diocese de Imperatriz através da Bula Quae Maiori Christifidelium Spirituali Bono. Atualmente, a cidade conta com 17 paróquias, além das comunidades.

Além da diversidade cultural que permeia a composição social da cidade e dos grupos religiosos que competem pela influência local, a Igreja Católica enfrenta um intrincado campo religioso interno. Nesse cenário, os conflitos transcendem meras desavenças pessoais ou disputas territoriais, configurando-se como embates entre elas que, de maneira velada ou manifesta, rivalizam pelo controle dos bens de salvação e pela legitimidade.

A Igreja na cidade é multifacetada, refletindo a diversidade de suas expressões em nível nacional. No município, encontram-se várias manifestações do catolicismo, abrangendo desde as pastorais, como a Pastoral da Juventude, Pastoral da Terra, Pastoral da Criança, Pastoral do Povo de Rua, e Pastoral Social, entre muitas outras, até expressões consideradas "carismáticas" no sentido pentecostal da palavra. Essas expressões carismáticas incluem movimentos como a Renovação Carismática Católica (RCC), novas comunidades e grupos campistas, caracterizados por práticas de culto mais entusiasmadas, ênfase na experiência pessoal do Espírito Santo, e o uso de dons espirituais, como a glossolalia (falar em línguas). Devido a essa diversidade de expressões, a possibilidade de conflitos internos é significativamente maior.

Os conflitos observados são motivados por diversos fatores, incluindo a indiferença em relação às diferentes formas de se comunicar com Deus, disputas políticas internas, problemas pessoais entre as lideranças e, principalmente, a rivalidade entre líderes pelo controle dos bens de salvação e pela posição de verdadeiro especialista.

Nossas pesquisas de campo identificaram que em algumas paróquias há um questionamento da autoridade dos padres por lideranças leigas. Estas lideranças, segundo certos grupos, se consideram mais próximas de Deus simplesmente por pertencerem a movimentos como A ou B. No entanto, por questões metodológicas, focalizaremos os conflitos entre agentes específicos: RCC, Diocese (clero e pastorais)

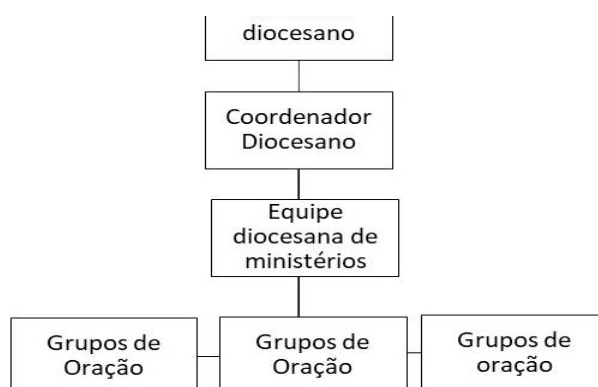
e outros movimentos carismáticos. Isso nos permitirá analisar de forma mais eficaz os conflitos gerados e entender melhor nosso objeto de pesquisa.

A Renovação Carismática Católica (RCC) teve seu início em Imperatriz, no Maranhão, na década de 1970, na paróquia que viria a se tornar a Catedral Nossa Senhora de Fátima, localizada na praça com mesmo nome, tem uma localização privilegiada, no centro da cidade e próximo do comércio varejista. o local também recebe eventos e manifestações de vários grupos sociais. Não temos informações precisas da chegada em outras cidades do Maranhão, é preciso fazer um trabalho histórico com fontes orais pois pouco se tem documentado desse tempo. Porém sabe-se que depois de Imperatriz, a cidade seguinte a receber a RCC foi a capital São Luís.

3.1 FUNDAÇÃO E EXPANSÃO DA RCC DENTRO DA ÁREA DA DIOCESE DE IMPERATRIZ.

A Renovação Carismática na Diocese de Imperatriz tem uma estrutura semelhante às demais instâncias como: comissões deliberativas e consultivas, presidente (coordenador) diocesano, ministérios, coordenadores de grupos de oração – G.O, podemos ver a hierarquia da RCC na diocese na Figura 7. Através de assembleias, são decididos os rumos diocesanos que a RCC percorrerá no biênio. Seguindo as diretrizes do estatuto do movimento na diocese, as assembleias planejam e deliberam atividades que serão realizadas no período.

Figura 7 Hierarquia diocesana da RCC



Fonte: Acervo Próprio

Esta estrutura hierárquica própria com coordenações nacionais, estaduais e diocesanas, lhe confere uma certa autonomia na organização de eventos, retiros e programas de formação para os adeptos do seguimento.

O Conselho Diocesano Carismático tem como principal função monitorar os trabalhos e decisões da coordenação diocesana, com poderes extraordinários estabelecidos em assembleia para consultoria e até mesmo destituição do coordenador em exercício. Esse Conselho busca orientar a coordenação ao caminho a ser trilhado. É formado pelo coordenador diocesano, líderes de ministérios e coordenadores de grupos de oração, ou seja, todas as lideranças envolvidas na hierarquia fazem parte do conselho diocesano.

O Coordenador Diocesano Carismático também chamado de presidente, possui como principal função realizar e coordenar a execução das atividades anuais da RCC na diocese juntamente com a equipe de ministérios escolhidas por ele, além de promover formações temáticas sobre evangelização, coordenação e afins, acompanhamento a grupos de oração, intermediar conflitos internos ou entre grupos.

A Equipe Diocesana de Ministérios carismática é a equipe escolhida pelo coordenador diocesano com o objetivo de fomentar e promover atividades relacionadas a cada ministério. Os ministérios podem variar de diocese para diocese, de acordo com a necessidade e disponibilidade de pessoas com os devidos dons necessários para conduzir a tarefa, por exemplo: para o ministério da palavra é necessário que uma pessoa com o dom da palavra assuma a tarefa; ministério de música e arte, precisa de pessoas com esses dons e com disponibilidade para assumir o cargo.

Os Grupos de Oração são grupos que se reúnem em paróquias ou capelas, variam de quantidade de membros podendo chegar de 20 a 80 participantes, estes grupos deveriam participar da vida comunitária do seu local de atuação, participando das missas, festejos, campanhas, novenas etc., porém nem sempre isso ocorre, as causas são diversas, desde desacordo com padres ou coordenadores de capelas até calendário próprio com atividades no dia de atividades da comunidade.

Durante a pesquisa, foi identificada duas paróquias com reclamações neste sentido sobre grupos de oração, estas reclamações são uma ilustração do conflito existente com a RCC, alguns grupos não ajudam na vida comunitária por acharem que a comunidade segue a Teologia da Libertação ou o padre não é devidamente

apropriado para conduzir a paróquia. Eles se limitam em participar da missa, com equipes de coral e leitura bíblica ou como catequistas. Acreditamos que o motivo destes grupos não serem admoestados pelos padres é justamente pela dependência da paróquia desses grupos em duas atividades tão importantes como essas que eles ajudam.

O movimento não tem números exatos da quantidade de grupos que existem atualmente na região, mas, sabe-se que são aproximadamente setenta G.O na diocese e mais ou menos 40 na cidade de Imperatriz. Estes grupos estão presentes em paróquias e comunidades por toda a cidade e atingem um grande público. Seus líderes e membros, compõem agentes de outros movimentos, pastorais e ministérios que fazem parte da Igreja Católica na cidade.

A Renovação Carismática Católica (RCC) chegou à cidade de Imperatriz no início da década de 1970, enfrentando resistência e gerando conflitos desde sua chegada e durante sua permanência devido a novidade que o movimento apresentava para os católicos. Uma das fundadoras da RCC em Imperatriz Dona Itália Guerra dos Mártires nos relata: "era uma coisa difícil, porque o povo não aceitava né, os padres, os padres não aceitavam não! sofri muito³⁷". Por ser um movimento com práticas desconhecidas pelo católico imperatrizense, e mais semelhante aos cultos evangélicos, os participantes da RCC não encontraram espaço nos templos para realizarem seus trabalhos e precisavam se reunir nas casas dos membros. Porém, em pouco tempo conseguiram, apesar da indiferença das autoridades religiosas da cidade, se reunir em capelas ou salas paroquiais.

[...] a Irmã Hermínia, ajudada pela irmã Neves, motivou a criação de um grupo de oração no salão da igreja de Fátima (atual catedral da diocese) no início dos anos 70, foi uma grande novidade na cidade, houve uma participação maior na liturgia e nas celebrações. Foi um grupo pequeno voltado para os jovens, mas que foi chamando a atenção e crescendo rapidamente. As irmãs resolveram levar para a paróquia de São Francisco, pois já realizavam trabalhos por lá. Os frades Capuchinhos (responsáveis pela paróquia), puseram resistência ao movimento, Dom. Marcelino orientava que os padres tinham que aproveitar o que a renovação tinha de melhor, apesar de ter suas observações e apoderamento ao movimento. Esse foi considerado o ponto inicial para o movimento, nos encontros buscava-se a adoração ao santíssimo, músicas de louvores e pregações. Houve muita resistência ao novo carisma, já existia na paróquia de São Francisco um grupo de jovens chamado JUC, da pastoral da juventude (grupo passou a se chamar Javé

³⁷ Entrevista concedida em 20 de outubro de 2016.

Chammá, depois da maioria dos membros terem sido batizados no Espírito Santo) (Sousa 2016, p.43).

Ao longo das décadas seguintes, a Renovação Carismática Católica (RCC) foi se consolidando e crescendo em Imperatriz, apesar da desconfiança e, muitas vezes, da oposição da diocese os bispos procuravam acolher mesmo que fazendo ressalvas às práticas. Nos meados dos anos 90 e no início do século XXI, a RCC já era uma força significativa dentro da diocese de Imperatriz. Recrutava centenas de fiéis, possuía lideranças fortes e era economicamente poderosa, com missas e celebrações que geravam importantes arrecadações para a igreja.

Além disso, a RCC conseguiu atrair um público novo com sua proposta de catolicismo. Suas celebrações e liturgias, assim como ocorreu no restante do país, atraíam jovens, adolescentes, casais novos e uma classe média emergente. A RCC valoriza experiências pessoais de fé e a atuação direta do Espírito Santo, o que pode divergir do enfoque mais formal e estruturado da liturgia tradicional.

À medida que a RCC crescia e se fortalecia, outros grupos católicos, como as CEBs, começaram a perder espaço e poder. Grupos e pastorais que eram simbolicamente poderosos se sentiram ameaçados pela força crescente da RCC. Agora, apresentarei algumas situações que ilustram as tensões e conflitos que identificamos a partir do trabalho de campo e das entrevistas realizadas.

A RCC começou a incomodar não apenas os grupos religiosos concorrentes da Igreja Católica, como os evangélicos pentecostais, mas também outros grupos católicos. Utilizando uma linguagem econômica, parece que disputam o mesmo nicho de mercado. Um exemplo disso é a rivalidade entre a RCC e a Pastoral da Juventude.

O primeiro conflito observado foi em relação ao público jovem da cidade. O Ministério Jovem da RCC (MJ) tem um “conflito histórico” com a Pastoral da Juventude (PJ) na região. Ambos buscam recrutar jovens para a igreja e seus grupos, usando metodologias e estratégias distintas, competindo pelo mesmo público dentro da igreja. Em alguns momentos, fazem comentários depreciativos um sobre o outro.

Um exemplo ocorreu em 2011, quando Jorge Wallison, um jovem membro do MJ de uma paróquia, fez o seguinte comentário em um encontro de crismandos (estudantes do Crisma, última etapa do catecismo católico): “Ao contrário deles, nós rezamos e louvamos verdadeiramente a Deus e à mãe de nosso Senhor, e não a lemanjá, que nem católica é.” Esse comentário buscava aviltar a imagem do grupo da

PJ, causando um alvoroço com membros da pastoral respondendo com ofensas a Jorge Wallison.

Por trás desse conflito, há uma luta ideológica entre diferentes alas católicas, um fenômeno que não é novidade dentro do catolicismo. Essas alas podem ser vistas, como discutido no capítulo anterior, como agentes dentro de um campo religioso, especificamente no campo católico da cidade de Imperatriz. Ambos os agentes buscam acumular capital religioso, não apenas entre os jovens, mas também entre os adultos, que legitimam cada movimento enviando seus filhos para participar daquele que mais lhes agrada. É importante destacar que a vontade dos pais nem sempre é seguida pelos filhos, que podem se sentir atraídos pelo movimento oposto.

Essa rivalidade se manifestou de maneira mais acentuada em 2014, quando uma paróquia empreendeu a organização da Pastoral Juvenil Paroquial, uma comissão destinada a congregar todas as expressões juvenis da paróquia em um esforço conjunto de evangelização e atividades formativas. A única expressão que se recusou a participar foi o Ministério Jovem (MJ). Este movimento recusava-se terminantemente a colaborar com outros grupos. Alguns membros, movidos por iniciativa própria, compareciam às reuniões, mas eram proibidos pelo coordenador de mencionar sua afiliação ao MJ, evidenciando uma clara resistência à união com outras entidades juvenis.

O exemplo é ilustrativo dos conflitos e tensões dentro do catolicismo. É ilustrativo ainda das disputas por fiéis entre dois dos agentes que expressam de forma clara, sua identidade e aversão ao outro, o identificando como concorrente. Pierre Bourdieu afirma que a concorrência dentro do campo é permanente, ou seja, enquanto existir o outro, a concorrência existirá. A expansão dos ditos carismáticos, se deu de forma conflituosa no seu início, atualmente em algumas paróquias, sua presença é tolerada ou desejada por algumas pessoas. Em outras, no entanto, ainda é observado resistência, especialmente por parte de algumas lideranças e padres que não aceitam a RCC. No momento atual, as novas paróquias da cidade já iniciam suas atividades com a presença da RCC, mesmo que de forma não oficial, ou seja, por mais que não tenham grupos já oficializados como rege o estatuto do movimento, os membros que ajudam o padre na administração da nova igreja são envolvidos diretamente com o movimento.

Ao voltarmos o olhar para a expansão da Igreja Católica dentro da cidade desde que se tornou independente da diocese de Carolina, observamos que o *ethos* de igreja popular, que discursava sobre problemas sociais como pobreza, terra e trabalho e Doutrina Social da Igreja, vem se alterando para um novo modelo de igreja. Podemos ilustrar através da fala do Sr. Max³⁸, os anseios dos jovens carismáticos no final dos anos 80 e início da década de 90:

[...] nós também queríamos que os padres também tivessem o batismo no Espírito Santo, [...] queríamos que eles tivessem esse fogo, que se tornassem santos, vendo o padre Jonas (Abib) com aquele fogo, nós queríamos que também tivesse nos nossos padres, que as homilias fossem diferentes e não falassem sobre terra[...] (Entrevista concedida em 30 de novembro de 2016) acervo próprio.

Com o passar dos anos, esse anseio que Max cita foi alcançado. Ao observar a expansão carismática, percebemos o que alguns católicos afirmam: “A Igreja era mais missionária na década de 80 e 90; hoje em dia, ela é mais carismática”. Esta fala se refere a este *ethos* que domina atualmente a forma de ser Igreja em Imperatriz. Atualmente, o *ethos* católico na cidade é observado como carismático pois, entre o clero, poucos usam em sua homilia (explicação das leituras bíblicas durante a missa), discursos sobre temas sociais. Geralmente as homilias são sobre o plano espiritual, emocional ou quando muito, se fala vagamente sobre política de forma superficial. Ressalta-se, os discursos com apelo emocional também durante as missas.

A missa para o católico é o clímax da fé, entre outros motivos a missa inclui a liturgia da palavra e a liturgia eucarística. Na liturgia da palavra, os fiéis são nutridos pelas escrituras, e na liturgia eucarística, segundo o catolicismo, participam do banquete celestial. Juntas, essas partes formam para o católico, um rito completo de adoração e comunhão com Deus.

O ato de concentrar-se exclusivamente no plano espiritual durante a missa, muitas vezes omitindo temas da realidade social do indivíduo, como pobreza, violência, políticas públicas e crises sociais, é considerado mais nobre e congruente pelos carismáticos e leigos que frequentam a igreja apenas durante esse momento.

³⁸ Informação Fornecida por Max Franklin, uma das principais lideranças da RCC em Imperatriz na década de 90 – Em entrevista concedida a este pesquisador em 30 de novembro de 2016. Acervo próprio.

Tais temas são frequentemente abordados em homilias por padres que se inspiram na Doutrina Social da Igreja e na Teologia da Libertação.

Isso indica que há padres que abordam diretamente esses temas. Os estudos de campo revelam a existência de grupos de líderes religiosos com formações e visões diversas sobre a liturgia da missa, o significado do catolicismo e a identidade católica. Em alguns casos, surge um conflito geracional que influencia a dinâmica das práticas católicas. Esses elementos têm exacerbado as tensões entre a RCC e a diocese, bem como entre a RCC e outros grupos católicos.

Durante as décadas de 70, 80 e 90, haviam frequentes missões a partir das paróquias do centro, seus membros iam para as capelas nas periferias da cidade que crescia desordenadamente, para evangelizar, fazer uma tarde de formação com lideranças, juventude, famílias etc. A maioria dos missionários eram membros de movimentos ou grupos como Pastoral da Juventude, Centro de Estudos Bíblicos - CEBI, grupo de rua, Apostolado da Oração, Legião de Maria entre outros. Estes eram os missionários católicos de imperatriz e tinham como objetivo principal a criação de Comunidades Eclesiais e onde iam, levavam além dos ensinamentos bíblicos e da doutrina católica também as metodologias e espiritualidades de seus grupos, em alguns casos fomentando a criação de um novo grupo do seguimento no local.

Enquanto isso, os grupos da RCC, ainda concentrados nas paróquias do centro da cidade, não se envolviam tanto em missões externas. Esse comportamento suscitou as primeiras críticas ao movimento na cidade, argumentando que "o movimento apenas reza e não age". Essa percepção gerou considerável resistência por parte dos grupos já estabelecidos. No entanto, a RCC continuava a expandir, atraindo participantes de diversas partes da cidade para seus grupos de oração, especialmente na Paróquia São Francisco. O público da RCC é predominantemente urbano, com uma parte significativa vindo da classe média.

Mas a expansão da RCC não ficou restrita apenas aos bairros mais elitizados da cidade, ela avançou rumo a periferia onde outros grupos católicos já estavam instalados e dominavam a preferência pelo dinamismo, embora tivessem que concorrer com as igrejas pentecostais. Assim, casais de capelas das periferias da cidade iam para formações da RCC e voltavam com novas experiências adquiridas para suas comunidades eclesiais, deixando de lado ou alterando parte das práticas religiosas implantada pelos grupos de missionários que ajudavam naquela região,

causando desavenças entre líderes do viés mais missionário da igreja contra o novo movimento.

Na década de 90, a RCC já estava presente nas principais paróquias da cidade e tinha como membros pessoas importantes do meio social e político da região fazendo do campo religioso, um canteiro de trocas de experiências com famílias ricas e políticos importantes com a nova forma de celebrar que a RCC apresentava. Esta novidade fez com que a renovação recebesse investimentos destas personalidades, tornando o movimento, um viés bem organizado e estruturado, o que rendeu doações de vários tipos, desde instrumentos para os grupos de oração, a patrocínios de pessoas mais abastadas das paróquias.

Além da expansão da RCC pelas paróquias da cidade, a mudança de ethos é observada de outras formas como o fomento de um caminho para surgimento de novas comunidades, mudanças nas missas, catequese, campanhas de oração e festivais para recrutamento de novos membros. Ressaltamos ainda, a necessidade que a Igreja Católica tem de disponibilizar novos padres para o acompanhamento dos grupos de oração que geralmente são escolhidos os que tem mais intimidade com o movimento carismático, como forma de otimizar o acompanhamento pastoral.

4 A RELAÇÃO DE PODER ENTRE RCC E A DIOCESE (CONFLITOS E CONCESSÕES)

A RCC conseguiu, desde sua chegada em Imperatriz, espaço nas paróquias para realização de seus ritos e também aceitação por parte da população que não a conhecia, transformando o *habitus* católico que um dia foi missionário e mais ligado às causas sociais. Atualmente está fortemente ligado às causas espirituais dos fiéis, aumentando a demanda de padres que acompanhem esta tendência.

As práticas que um dia foram novidades na cidade, hoje são rotineiras e ocorrem praticamente em quase todas as paróquias. Esta é a ilustração da mudança de *habitus* do campo, a ritualística que um dia foi considerada não católica por se aproximar da forma de celebração dos evangélicos, agora é utilizada por uma parte considerável de católicos na cidade.

Esta mudança causou e causa conflitos no campo entre os agentes. A Igreja Católica historicamente tem experiência na solução de tais conflitos, o que ajuda a manter a ordem e evita um cisma em sua estrutura. Através de admoestamento e concessões, controla e conduz a vida das paróquias e a participação dos leigos através de grupos de pastorais e movimentos. Raramente um conflito entre grupos é levado ao padre, ainda muito mais raro ser levado ao Bispo. Geralmente estes conflitos são resolvidos entre os grupos.

Em uma entrevista, padre Mauricio, ao ser questionado pela atração que a renovação carismática causa e a preferência dos paroquianos por ela, ele respondeu:

[...] a gente vive um esfriamento da consciência social, desde muitos anos, inclusive por culpa da hierarquia da igreja - não falo culpa da igreja por que a Igreja é a sua hierarquia, é o seu povo, a Igreja é o todo - dinamicamente falando, por culpa da hierarquia da Igreja, ela teme ou acha que um certo socialismo, comunismo vai entrar na Igreja e ela mesma começa a esfriar este dinamismo que acontecia dentro das comunidades. Vou te dar um exemplo: fazia parte desse modelo de igreja... digamos assim, mais CEBs, os círculos bíblicos, os círculos bíblicos foram na década de 80 e 90 algo que se espalhou pelo Brasil todo. Os círculos bíblicos atingiam muitas famílias, é uma tentativa parecida inclusive com o que o Dom Vilson fez agora com os chamados discipulados, só que chamaram de discipulados e não de círculos bíblicos. Mas os círculos bíblicos era basicamente o que tenta se fazer com o discipulado hoje, só que na época a dinâmica dos círculos bíblicos era muito mais vivas, os encontros eram celebrativos, eles foram acontecendo rapidamente, foi envolvendo a população, [...], o que aconteceu foi que de repente começou a se quebrar isso e começou a se quebrar vindo de cima pra baixo. E quando isso aconteceu, isso esfria, esfria e deixa as pessoas

sem norte e sem noção, aí a renovação carismática pegou... a renovação carismática tem um caráter mais de massa de que interpessoal, os círculos bíblicos eram interpessoais, pessoa com pessoa, olho no olho, você não tem círculo bíblico com 50 pessoas, você tem círculo bíblico com 8, 9 no máximo 10 pessoas. Mas, por exemplo, as vezes você tinha numa quadra de bairro que tinha 10, 20 círculos bíblicos na quadra. (entrevista concedida em 18 de janeiro de 2024)

O padre tem como hipótese da ascensão da renovação dentro da Igreja inclusive na cidade de Imperatriz, o investimento preferencial do alto clero no movimento carismático e uma anulação sistêmica dos demais grupos de pastorais por ainda haver no imaginário católico o fantasma do socialismo e comunismo que são tratados de forma pejorativa dentro dos seminários, documentos oficiais e missas.

Apesar desta possibilidade, esses grupos que recebem menos prestígio e olhares da Igreja, ainda sobrevivem nas paróquias imperatrizenses e disputam no campo católico seu espaço. Todavia, a RCC em Imperatriz enfrenta tensões dentro da ala carismática, sejam disputas entre grupos de orações ou com as novas comunidades.

Veremos nos próximos tópicos, conflitos e concessões realizadas na disputa no campo religioso católico que envolve diretamente a permanência da RCC no campo e sua posição de dominação e detentora de parte dos bens de salvação em concorrência não só com pastorais, mas com a própria Igreja.

4.1 A TENSÃO ENTRE AS NOVAS COMUNIDADES E A RCC

Com o crescimento da RCC na diocese de Imperatriz, surgiram as “filhas da RCC” conhecidas como as Novas Comunidades, esses surgimentos são habituais de cidades onde a renovação se desenvolveu a tal ponto que surge um líder que se diz inspirado por Deus e propõe esta nova forma de experiência religiosa, mais intensa e desafiadora (esse surgimento não é uma regra). Apesar de receberem o atributo de filhas da RCC, elas são um movimento diferente da renovação carismática, com seus ritos e práticas próprios, se colocam como uma nova forma de catolicismo no campo religioso.

Em 2024 existiam sete novas comunidades. São elas: CASF (Comunidade de Aliança Sagrada Família) e também a mais velha, sua fundação foi em 03 de abril de 1993; CCSM – Comunidade Católica Sim de Maria, esta foi fundada em 03 de

novembro de 2001; COMIC – Comunidade Missionária Católica Sagrado Coração de Jesus e Maria; Comunidade Augusta Rainha dos Anjos; Comunidade Católica Missionária Filhos da Divina Misericórdia. E duas que vieram como missão de novas comunidades surgidas de fora da cidade como a Comunidade Católica Shalom – Missão Imperatriz, iniciada como amigos de Shalom em 2012, atualmente tem 06 anos como parte oficial da Nova Comunidade que tem sua origem em Fortaleza – CE; Comunidade Católica Sementes do Verbo – missão Imperatriz, que por sua vez, tem origem de fundação a cidade de Palmas – TO.

Essa nova forma de catolicismo difere das formas já atuantes no campo. Ela acolhe desde pessoas individualmente e também famílias inteiras através de inspirações específicas. Podemos usar como exemplo a Nova Comunidade CASF, que se inspira nos atributos da espiritualidade familiar como fraternidade, cuidados de pais e mães para adorar e evangelizar na cidade.

A comunidade se difere da RCC, vivendo suas próprias experiências religiosas sem obrigação de participar nos eventos da renovação ou atividades organizadas por ela ou paróquia, possuindo sua própria programação de eventos abertos ao público e formações para membros. Apesar de tomar por empréstimo as práticas da RCC, não gostam de serem confundidas com o movimento da renovação, enfatizando sua identidade de inspiração.

Aqui podemos observar a ênfase na distinção entre os movimentos por parte das novas comunidades. Assim como a renovação carismática enfatizou alguns símbolos e ritos para se distinguir do movimento pentecostal evangélico, o mesmo acontece com as novas comunidades e a necessidade de se diferenciarem com sua identidade própria e suas inspirações.

As novas comunidades em Imperatriz vivem de forma demasiadamente independente na diocese, ou seja, ao contrário de grupos de orações ou pastorais que estão diretamente ligados a alguma paróquia, e consequentemente ao padre da paróquia, elas devem obediência somente ao bispo local e ao Vaticano³⁹.

³⁹ Em termos práticos, algumas novas comunidades podem operar com uma estrutura de liderança própria, seguindo diretrizes pastorais e doutrinárias da Igreja Católica, enquanto outras podem estar mais integradas à vida paroquial ou diocesana, dependendo das circunstâncias locais e das políticas da diocese.

Este modelo de organização cada vez mais chama a atenção de novos membros, sejam de pastorais, grupos de oração, pessoas sem participação em grupos ou até mesmo de não católicos. Isto gera um conflito com os demais grupos, dificultando a parceria dos movimentos católicos dentro da igreja.

O surgimento das novas comunidades provoca um significativo movimento dentro do campo religioso católico. Apesar de serem consideradas "filhas" da RCC, enfrentam desafios internos próprios às dinâmicas comunitárias, somados ao desafio externo de serem aceitas pelos demais movimentos do campo, incluindo a própria RCC. Essa busca por espaço frequentemente resulta em conflitos.

Durante as entrevistas, foi evidente uma tensão entre a RCC e as novas comunidades, as quais, embora originadas da RCC, enfatizam sua autonomia. Essa tensão decorre da similaridade entre os movimentos e da necessidade de diferenciar-se um do outro para assegurar seu próprio espaço no campo religioso. Os conflitos gerados dentro do campo católico representam um dilema que permeia até mesmo os movimentos carismáticos.

As vezes queremos arrumar muito a casa do lado de fora e do lado de dentro está desmembrada, [...] a igreja, quando vejo o Papa Francisco está se reunindo com líderes mundiais de outras religiões, sejam ortodoxas ou de qual for a religião e dentro do movimento (essa é a maior dificuldade), eu não consegui reunir todas as expressões carismáticas da diocese dentro de um ginásio para fazermos um evento incomum, isso pra mim fere o coração. Ítalo Sales ex-presidente diocesano da RCC. (Entrevista concedida em 31 de janeiro de 2024).

Os próprios movimentos carismáticos promovem formas de superar estas diferenças através de convites de pregações de ambos os lados. Pregadores da RCC são convidados a irem pregar nas novas comunidades e vice-versa em busca de se unirem dando ênfase em suas semelhanças. Apesar destes esforços, a união efetiva dos movimentos carismáticos ainda é um objetivo a ser alcançado. Porém, foi observado nas entrevistas que nunca foi convidado uma pessoa dos movimentos pastorais de cunho TdL para pregar em uma nova comunidade ou grupo de oração da RCC, e a mesma observação é feita do lado das pastorais. Isso se deve a várias razões como a diferença ideológica e teológica, as formas de crer, ilustrando as várias formas de crer dentro do catolicismo, disputas de poder e prestígio dentro do campo.

4.2 A PERSONALIZAÇÃO DOS RITOS NAS MISSAS

As missas na cidade de Imperatriz seguem o missal romano⁴⁰ como de praxe em toda igreja, porém entre uma paróquia e outra há “características diferentes” que chamam a atenção. Fizemos observações nas missas em várias paróquias da cidade, e foi notado que em uma especificamente, cuja fundação se deu no período das missões nas periferias e que por muitos anos foi uma paróquia forte para os movimentos de inspiração na TdL, atualmente aderiu às missas de características carismáticas⁴¹.

A inclusão de elementos pentecostais e incorporação de práticas pentecostais, como o Batismo no Espírito Santo e a busca por experiências pessoais com Deus, durante as missas, pode ser vista como uma influência externa que desafia a tradição católica e causa tensões nas relações com outras pastorais.

Essas características são, em sua maioria, criticadas por muitos que prezam pela liturgia tradicional romana e apontam os mesmos como “elementos não litúrgicos”. Essas características são: Músicas de louvor, típica do encontro dos grupos de oração cantadas no lugar de músicas próprias do rito; fundo musical durante a homilia do padre; a glossolalia por parte da equipe de cântico ou, como observado, pelo próprio padre (isso acontece quando o padre faz parte do movimento), entre outros elementos que são melhores observados nas missas de cura e libertação.

As missas com oração de cura e libertação, também chamadas de missas de cura e libertação, são as principais missas celebradas para os membros da RCC aberta para o público e dentro do templo, com a igreja muitas vezes lotada. Este tipo

⁴⁰ O Missal Romano é o livro litúrgico da Igreja Católica que contém os textos e ritos para a celebração da Missa. Ele inclui orações, leituras da Escritura, instruções para os sacerdotes e fiéis, além das rubricas que orientam a maneira como a liturgia deve ser realizada. O Missal Romano foi revisado ao longo dos séculos e atualizado pela última vez em 2002, sob as diretrizes do Concílio Vaticano II, refletindo as práticas e a teologia da Igreja Católica na celebração eucarística.

⁴¹ A missa segue a liturgia romana com Ritos Iniciais, Liturgia da Palavra, Liturgia Eucarística e Ritos Finais, aos quais indicam-se no próprio ritual (missal romano) a orientação de como realizar cada rito com seus gestos e ações simbólicas. A missa típica é igual em todas as paróquias do mundo com os mesmos gestos e símbolos, sendo possível haver elementos particulares como cantos litúrgicos com a musicalidade própria de cada cultura, sem contrariar as orientações litúrgicas universais ou ainda o tipo de missa dadas as características das assembleias, em que alguns elementos rituais podem ser facultativos, além do estilo ou modo de celebrar da comunidade, que não contraria os ritos previstos. São essas particularidades que são alteradas, tanto pelos grupos de inspiração da DSI como pelos grupos da RCC.

de celebração é muito criticado por parte do clero que se nega a celebrar tal missa por acreditar que “toda missa tem oração para cura e libertação”. Afinal, o que tem de tão diferente nesta celebração específica que divide parte do clero?

As missas de cura e libertação consistem em missas com músicas carismáticas, em que a equipe de música se utiliza do estilo worship⁴² nos cânticos, com demasiado apelo emocional e melodias intensas. Foi observado em alguns momentos além da manifestação do dom de línguas, o dom da profecia. Não conseguimos flagrar uma cura sob imposição das mãos, mas a profecia de curas naquele momento.

O momento singular da missa é a exposição do santíssimo e a procissão com ele dentro da igreja, nesse momento há manifestações religiosas típicas do pentecostalismo: muita emoção, gritos, repousos no espírito, algo semelhante a distúrbios de personalidade, onde aparenta não ser mais a pessoa que está controlando o corpo, mas o Espírito Santo em manifestação.

A missa de cura e libertação causou grande repercussão na cidade quando foi celebrada pela primeira vez, no prelúdio do movimento. Ela era celebrada por algum tempo em poucas paróquias onde os carismáticos de toda a cidade iam para participar da missa que, segundo eles, havia verdadeiramente a manifestação do Espírito Santo. Atualmente a missa de cura e libertação é celebrada em boa parte das paróquias da cidade, celebrada até mesmo por padres sem afinidade com o movimento, afim de manter a boa relação com os membros do movimento.

Com o passar do tempo, novos padres adeptos da renovação carismática chegaram e despertaram nos jovens a vocação do sacerdócio dentro de grupos de oração, estes se ordenaram e reforçaram o apoio do clero à RCC, se antes o jovem defendia o grupo como no papel de uma liderança de grupo, agora ele é uma autoridade eclesial, conseguindo uma posição privilegiada no campo como representante da instituição católica e também do carisma da RCC, facilitando sua expansão e atividades.

⁴² A palavra significa adoração. Este estilo de música tem como principais características a semelhança com o pop e folk, a ambientação de sons constantes em instrumentos como guitarra e teclado, tem forte apelo emocional e intuitivo para fazer o ouvinte movimentar-se a medida da progressão da melodia.

Atualmente a missa de cura e libertação é celebrada em quase todas as paróquias da cidade, até a conclusão deste trabalho, conseguimos a informação de apenas três paróquias que não celebram este tipo missa. A propagação das notícias do que acontecia nessas missas levou a autoridade máxima do clero na diocese, o bispo, a decretar normas e diretrizes que orientam os padres quanto ao uso do santíssimo sacramento na adoração eucarística durante tais missas. Apresentamos a seguir um pequeno trecho da Instrução Sobre o Culto Eucarístico⁴³:

O bispo diocesano, primeiro dispensador dos mistérios de Deus, é moderador, promotor e guarda de toda a vida litúrgica na Igreja particular a ele confiada” (Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, Instr. Redemptionis Sacramentum, n. 19; Christus Dominus, n. 15; Sacrosanctum Concilium, n. 22, §1 e n. 41). É nosso dever, portanto, exortar a todos, pastores e fiéis, que sejam observadas as normas litúrgicas e evitados os abusos nas celebrações.[...] Portanto, para que todos tenham clareza quanto ao que se deve seguir no culto ao Mistério Eucarístico, tanto na Santa Missa quanto fora dela, observem-se as seguintes normas, além daquelas já previstas nos livros litúrgicos e nos documentos emanados pela Santa Sé e pelos Sumos Pontífices:[...] Adoração Eucarística deve acontecer fora da celebração da Santa Missa, antes ou depois da mesma ou em outro horário; [...] Durante a exposição do Santíssimo Sacramento proíbe-se a celebração da Missa no mesmo recinto da igreja ou oratório [...] Desta forma, não são permitidas, na Diocese de Imperatriz, “procissões eucarísticas” dentro ou fora das igrejas sem a expressa autorização do Bispo ou prescrição do Missal Romano; (Cúria Diocesana, 2021).

O clero carismático e os membros da RCC sentiram-se prejudicados pelo bispo por proibi-los de manifestarem sua fé de acordo como gostariam. Essa decisão desgastou a imagem do chefe da diocese entre os carismáticos. Ele sofreu algumas críticas por parte de lideranças carismáticas do movimento.

Observamos que algumas pessoas como forma de resistência ou protesto, tomaram algumas atitudes como por exemplo: não participarem das missas em que o bispo esteja presente, desejando sua transferência, ou ainda, não participavam de encontros promovidos pela diocese quando o tema do encontro não era conveniente para o movimento. Este fato, ilustra o conflito direto entre o movimento e a igreja tradicional.

⁴³ A Instrução Sobre o Culto Eucarístico é um decreto juridicamente legal, emitido pela Cúria Diocesana. Essas instruções têm o objetivo de manter a integridade do rito litúrgico, promover a reverência devida ao Santíssimo Sacramento e garantir a participação plena, consciente e ativa dos fiéis e devem ser seguidas rigorosamente, sob pena de procedimentos administrativos para os que não o seguem.

É intrigante o que é observado atualmente nas missas, a não obediência da instrução e a pacificidade por conta do Bispo. Logo após a proibição, as missas foram celebradas de acordo com a instrução, mas não durou muito tempo. Os padres voltaram as práticas desaprovadas pelo chefe da Igreja local, inclusive podendo ser assistidos nas redes sociais. De acordo com interlocutor criou-se uma situação de “vista grossa para evitar desgaste”:

Uma instrução que ficou na instrução tá bonitinha lá no papel, como a gente pode perceber na prática...que a instrução não foi acolhida. [...] O caminho pra um desgaste menor é fazer vistas grossas, a gente sabe que foi dada, sabe que foi recebida, e a gente continua (só que) com outro nome, às vezes sem publicar isso na rede social, mas vamos dizer assim: um acordo de silêncio, não falo mais, ninguém fala mais e fica por isso. (Entrevista concedida em julho de 2024, homem, 34 anos)

Elementos de um entendimento entre as partes podem ser observadas na relação entre RCC e Igreja local. A expressão “acordo de silêncio” indica o elemento que, em nome da unidade eclesial, são mantidas as práticas censuradas, porém com a indicação oficial do bispo de ser contra os abusos feitos por parte dos grupos de orações nas missas e a não postagem nas redes sociais de que as mesmas prosseguiam.

A conveniência é outro recurso de permanência da RCC com sua forma de celebrar e o prestígio por parte do clero que sendo participante do movimento ou não, acolhe e segue a forma carismática de celebração. Sendo por prestígio como citado ou por motivos materialistas, ou ainda por motivos pastorais, cada vez mais padres aderiram ou permitiram tais práticas em suas paróquias.

4.3 A CATEQUESE E ENCONTROS DOMÉSTICOS COMO FORMA DE RECRUTAMENTO

A catequese é um dos principais ministérios da Igreja Católica, sempre esteve presente na vida da igreja. Quem ensina na catequese é chamado de catequista e não professor. A catequese é a escola da fé e da doutrina para aqueles que não a conhecem. Em 1979 o então papa João Paulo II afirmou:

Globalmente, pode-se partir da noção de que a catequese é uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, a qual compreende especialmente um ensino da doutrina cristã, dado em geral de maneira orgânica e sistemática, com o fim de os iniciar na plenitude da vida cristã. Por esta razão, a catequese, sem se confundir formalmente com eles, anda ligada com certo número de elementos da missão pastoral da Igreja, que têm um aspecto catequético, que preparam a catequese ou que a desenvolvem, como sejam: o primeiro anúncio do Evangelho ou pregação missionária pelo «kerigma» para suscitar a fé; a apologética ou a busca das razões de crer; a experiência da vida cristã; a celebração dos Sacramentos; a integração na comunidade eclesial; e o testemunho apostólico e missionário. (Paulo, 1979).

A catequese tem papel fundamental na vida da igreja por poder ensinar os dogmas e costumes católicos. Durante a colonização, ela foi fundamental para conversão e a assimilação com a nova cultura e por fazer crescer os números de adeptos de tal religião. De forma orgânica e sistematizada, ela forma a identidade cristã e os sacramentos nos indivíduos através e durante sua vida.

A catequese é dividida em fases que se relacionam com as faixas etárias do indivíduo, isso quando entra na catequese desde criança e acompanha a formação de cada sacramento⁴⁴. Na igreja, todos os sacramentos são igualmente importantes, contudo, há uma preferência ao sacramento do Crisma⁴⁵ por parte dos catequistas. Geralmente se um determinado catequista já faz parte de um movimento ou pastoral, e fica com uma turma de jovens da crisma significa novos membros em potencial para o seu grupo.

Essa preferência gera frequentemente conflitos entre os movimentos, na verdade é um conflito histórico na cidade. Cada catequista vê em cada turma a possibilidade de continuidade de seu grupo e sua espiritualidade.

É interessante perceber que mesmo na catequese, onde atualmente na maioria das paróquias tem um livro com o passo a passo de como organizar e conduzir o encontro, os catequistas carismáticos conseguem adaptar o encontro para um

⁴⁴ Os sete sacramentos tocam todas as etapas e momentos importantes da vida do cristão: outorgam nascimento e crescimento, cura e missão à vida de fé dos cristãos. Há aqui uma certa semelhança entre as etapas da vida natural e as da vida espiritual. CATECISMO da Igreja Católica. Vaticano: 2005. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html>. Acesso em: 17 de dezembro de 2023.

⁴⁵ Sacramento da maturidade da fé, é o último estágio da “educação da fé” na catequese, esse sacramento é dado aos jovens de no mínimo 15 anos. Eles são procurados por grupos juvenis para participarem de seus encontros e se tornarem membros.

pequeno grupo de oração com momentos de pregação e em alguns momentos, fazem louvor.

As missas, a catequese, os encontros de casais, encontros de jovens, terço dos homens e vários outros grupos, utilizam de práticas carismáticas e cada vez vem aumentando sua preferência para conduzir encontros ou terços nas famílias, etc. gerando conflito pelo fato da utilização de práticas carismáticas para atrair mais membros, vale ressaltar que o conflito gerado neste caso é interno ao grupo que utiliza as práticas, membros do mesmo grupo que não concordam com essa estratégia e muitas vezes acabam se afastando do grupo.

Tive uma experiência que retrata a adoção do ethos carismático através da participação de missas em paróquias carismáticas. Na Paróquia Santa Cruz, inspirada pelo mês missionário⁴⁶ no ano de 2013, pediu para as famílias que desejassem receber a oração do terço em sua residência, podiam colocar o endereço na secretaria que um grupo da paróquia iria lá para rezá-lo. O grupo que eu participava da pastoral da juventude foi para uma residência que tinha solicitado a oração do terço. Chegando lá, fomos bem recebidos, porém, ao final do terço, percebemos um olhar de estranheza da família, então perguntamos se gostaram do terço, e eles confessaram que esperavam violões, músicas de louvores e pregação, e nós só tínhamos levado um pandeiro, meia lua e atabaque (instrumentos comuns nos grupos da PJ). A mãe da família disse que na paróquia que eles participavam, não cantam as músicas que nós cantamos e que eles acharam “interessante”.

Este relato tem o intuito de contribuir para a compreensão da preferência por parte dos fiéis por uma determinada forma de catolicismo. A forma que ganha cada vez mais preferência é a renovação carismática pois, ela está nas rádios, na tv, e nas paróquias, fazendo com que cause estranheza a movimentos diferentes dela.

O segmento carismático domina os canais de comunicação católico, fazendo com que os fiéis sejam educados e familiarizados com os ritos e ethos apresentados, conseguindo aumentar seus números de adeptos e consequentemente, o estranhamento de segmentos que não são carismáticos.

⁴⁶ Outubro é considerado o mês da missão no calendário católico.

4.4 AS CAMPANHAS DE ORAÇÃO

As campanhas de oração são períodos do ano em que grupos de oração de determinada paróquia ou Coordenação Diocesana organiza, divulga e realiza dependendo do local, com a ajuda de outros grupos já atuam nessa paróquia. Embora não sejam da Renovação Carismática, contribuem em nome da pastoral de conjunto. Algumas das campanhas acompanhadas para esta pesquisa incluem o Cerco de Jericó, Talhas de Nossa Senhora e as Chagas de Cristo.

O Cerco de Jericó⁴⁷ é uma campanha de sete dias de oração do Santo Rosário, revelado pela própria Virgem Maria na Polônia:

Em fins de novembro de 1978, 7 (sete) semanas depois do Conclave que havia eleito João Paulo II, a Rainha Vitoriosa do Santo Rosário, Maria Santíssima deu uma mensagem precisa a uma alma privilegiada da Polônia, onde dizia: “Para a preparação da primeira peregrinação do Papa à sua Pátria, deve-se organizar na primeira semana de maio de 1979, em Jasna Góra, um Congresso do Rosário: 7 dias e 6 noites de rosários consecutivos, diante do Santíssimo Sacramento exposto”. (RCC Brasil, 2024).

O Cerco de Jericó foi criado para preparar a chegada do Papa no país em 08 de maio de 1979, porém, segundo o relato no site da RCC, o papa teve visto recusado e Nossa Senhora já sabia disso, por este motivo ela ordenou o “assalto de rosários” (orações consecutivas de rosários) durante sete dias e seis noites. “Foi, então, com redobrado fervor que se organizou a campanha. E, dia 7 de maio, ao mesmo tempo que terminava o Cerco, caíram ‘as muralhas de Jericó’.” (RCC Brasil, 2024). Em 07 de maio, no mesmo dia que encerrava o assalto de rosários, foi feito um comunicado confirmando a visita do Papa à Polônia no mês seguinte.

Em Imperatriz, quando surgiu o Cerco de Jericó, pessoas de toda a cidade iam participar daquele momento de, segundo uma fiel, um “momento de arrebatamento em que podemos sentir o céu”. Hoje, algumas paróquias celebram o Cerco de Jericó, como uma atividade permanente, atraindo a atenção de várias

⁴⁷ É chamado de cerco de Jericó devido a semelhança metodológica aplicada ao cerco da cidade de Jericó narrada no livro de Josué, capítulo 6. Também conhecida como a batalha de Jericó, ela foi vencida pelos israelitas que seguindo as ordens de Deus, deram uma volta ao redor das muralhas que cercavam a cidade durante 6 dias, no 7º dia, deram sete voltas ao redor das mesmas e ao fim da última volta, ao som das trombetas dos sacerdotes e gritos dos guerreiros israelitas, as muralhas caíram e Josué com seus soldados mataram todos da cidade.

pessoas, seja pelas muralhas em suas vidas que precisa derrubar, seja pela curiosidade dessa celebração.

Nessas campanhas, a RCC toma por empréstimo o rito litúrgico da Igreja tradicional, personalizando-o, com seu rito próprio de louvor e adoração. Em determinado momento da missa, é lida a passagem bíblica⁴⁸ que narra o cerco a cidade de Jericó por Josué. Enquanto é lida a passagem bíblica, o santíssimo dá volta pelos corredores do templo, seguido de uma representação da arca da aliança⁴⁹, os fiéis tentam – alguns a todo custo – tocar no santíssimo em busca de uma benção ou milagre.

A campanha dura 7 dias, conforme foi feito no relato bíblico, e no sétimo dia, o santíssimo dá volta pelo templo enquanto a leitura é narrada sete vezes. Uma muralha que é colocada desde o primeiro dia no altar, é derrubada simbolizando a destruição do mal e a vitória de Deus, indicando a realização de milagres e benções que foram pedidas durante a campanha.

Figura 8 - Arca do Cerco de Jericó



Fonte: Arquivo próprio, 2023.

É importante citar a reação dos fiéis durante este momento, um clima eufórico toma conta do ambiente, amplificado pela equipe de música e os intercessores, fazendo com que pessoas entrem em transe (chamado de repouso no espírito), falem em línguas, se emocionem ou gritem irracionalmente. Este último, o intercessor de

⁴⁸ Capítulo 5 do livro de Josué.

⁴⁹ Nesta arca, é colocado por escrito os anseios, curas ou benções desejadas pelo fiel.

maior experiência se aproxima e repreende tal atitude de quem o faz, trazendo de volta a pessoa a si.

Ao final do último dia, muitos relatos são contados sobre bençãos, milagres e curas realizadas com a queda da muralha. A forma como a RCC se utiliza do espaço e liturgia católica para esses momentos, gera direta e indiretamente o receio de alguns fiéis que reprovam as atitudes realizadas pela equipe e pelos participantes. Esses, muitas vezes participam por que (segundo um interlocutor) são “convocados” pelo padre e não podem dizer não pois, é “preciso trabalhar em comunhão com os demais grupos”

Outra campanha de oração muito importante no calendário da RCC em Imperatriz é a Campanha das talhas de Nossa Senhora de Caná. Maria, mãe de Jesus é celebrada como padroeira dos cônjuges e protetora das famílias. Em algumas paróquias ela diferencia no rito, porém, tem alguns pontos em comum como: um tema para cada dia da campanha (cada paróquia tem a sua), os fiéis são convidados a levarem seus pedidos anotados e depositados dentro de uma talha, para que nossa senhora de Caná interceda por ele e realize seus pedidos.

Figura 9 - Campanha N. Sr.^a de Caná



Fonte: Acervo Próprio, 2024.

Há um momento de adoração com o santíssimo em procissão pelos corredores do templo, semelhante ao Cerco de Jericó, onde as pessoas tentam tocar no santíssimo e adorá-lo. Em uma das paróquias que realizam essa campanha, a imagem de Nossa Senhora de Caná é colocada junto com o santíssimo durante a procissão. Não é raro se, durante a missa, seja cantada músicas não católicas de grupos evangélicos conhecidos. Quando uma música evangélica é cantada, a maioria dos fiéis cantam junto, tornando em algumas vezes, um clima de entusiasmo e euforia.

Já a campanha das Santas Chagas de Cristo⁵⁰ em Imperatriz, é uma campanha de 5 quintas feiras, com o rito semelhante as duas campanhas já mencionadas. O padre faz sua homilia e, ao invés de andar com o santíssimo, o padre faz a procissão pelos corredores com a imagem de Jesus crucificado, e os fiéis, assim como fazem com o santíssimo, tentam tocar a imagem, principalmente nas chagas.

Figura 10 Campanha das Santas Chagas



Fonte: Acervo Próprio, 2024.

Apesar de ser uma vez na semana, é uma campanha intensa, os féis relatam muitas curas, milagres e bençãos alcançadas durante a campanha. Algumas pessoas chegam de outras cidades para participar e ter suas preces atendidas. É rezado, em

⁵⁰ As Santas Chagas se referem a 5 feridas causadas em Cristo na crucificação: nas duas mãos, nos dois pés, e do lado do peito, no Brasil, esta campanha foi difundida pelo Reginaldo Manzotti

determinado momento a oração das Santas Chagas, cada dia uma oração para uma chaga diferente.

Nas redes sociais das paróquias é possível ter acesso ao testemunho de fiéis que participaram da campanha e alcançaram a graça desejada ou de como foi intenso sentir a presença de Deus junto a eles. E no final de cada testemunho, um convite para aqueles que ainda não tiveram a experiência. Eis o relato de uma fiel:

Foi uma benção, com certeza valeu a pena todas as quintas feiras que saímos de Amarante as 4hs e voltamos logo após a missa, com a permissão e a graça de Deus e Maria santíssima, com certeza alcançamos as graças que buscamos, me senti muito leve, repousei no Espírito Santo, senti a presença de deus, vale muito a pena. Você que puder, participe das campanhas e sempre que puder esteja aqui nas missas de cura e libertação (Fiel anônima, 2024).

O repouso no espírito ou o falar em línguas sem nunca ter falado antes, chama bastante atenção, com certeza é uma experiência que evidencia a força sobrenatural do evento e é, por ele mesmo, um convite aos curiosos. É importante ressaltar que, cada campanha tem um tema central, e um a cada dia, isso ajuda na homilia do padre, enfatizando e contextualizando a leitura bíblica com o tema, fazendo com que o fiel assimile com maior facilidade a pregação.

4.5 AS LIDERANÇAS DA RCC EM IMPERATRIZ

As lideranças dentro de uma paróquia têm certos prestígios, o respeito pela missão aceita, a participação de decisões importantes da vida da paróquia etc. Foi observado que nas lideranças carismáticas há um prestígio de serem chamados de pessoas de fé, ou próximas de Deus, devido a sua intimidade⁵¹ com Espírito Santo.

Quando há uma situação de não concordância entre o padre e os líderes carismáticos de determinada paróquia, é observado o conflito velado que torna um clima tenso entre os envolvidos. Os motivos da discordância podem ser diversos: a negação do padre de rezar uma missa de cura e libertação; o boicote do grupo em algum evento da paróquia, não participando ou fazendo menos do lhe foi exigido em

⁵¹ A intimidade com o Espírito Santo indica que a pessoa tem o dom do espírito, conforme os descritos no 1º Coríntios, capítulo 12.

festivais, festejo, o padre não aceitar que seja chamado um padre carismático para pregar no território da sua paróquia, etc.

Quando tem uma programação de um grupo que não tem influência da RCC, geralmente não é observada a participação dos carismáticos. As lideranças são cobradas pelo padre, porém, alegam que não podem obrigar os membros a participarem de algo que não gostam. Apesar de ser verdade, a influência e a importância dada a hierarquia carismática é tão forte, que se o líder impusesse aos seus liderados a participação em eventos de terceiros, eles iriam.

Em algumas raras vezes, o padre já foi trocado de paróquia por não se ter uma boa relação com os grupos de oração de onde ele estava. Essa informação apesar de não ser oficial (a igreja jamais assumiria que segue o desejo de um movimento), ela é real, assumida por parte das lideranças e do clero.

Tais lideranças participam de formações frequentemente. Seja formações diocesanas por parte da igreja católica ou por parte do próprio movimento. Ter poder de articulação é essencial para ser um líder de um grupo de oração, ainda mais é exigido para aquele que galgam ser secretário diocesano da RCC. Para isso, é cobrado além de boa articulação política, bom convívio com o clero, para que o movimento não seja prejudicado por conflitos que só o prejudicaria.

4.6 O RECRUTAMENTO DE NOVOS MEMBROS

Além da promoção do grupo de oração na vida da paróquia como convite a novos membros, os grupos de oração têm como estratégias de recrutamento: retiros de primeira experiência, seminários de vida, e festivais. O principal deles é o Festival Minha Vida Tem Sentido. Nos retiros de primeira experiência, são feitos convites nas missas, alguns grupos se dispõem a fazer pedágios para arrecadar dinheiro para o retiro e divulgar a atividade, fazem convites nas turmas de crisma da catequese, que aliás, essa é o principal público, jovens que queiram sentir a presença de Deus.

Os seminários de vida, são retiros de dois dias, dependendo da paróquia, de intensa prática carismática. Há pregações, louvores e adoração, sempre com a presença de um padre. A presença do padre passa um sentimento de legitimação da igreja para os que vão pela primeira vez, e acham estranhos alguns momentos. Nesses seminários, também há relatos de cura, milagres e libertações de espíritos

maus de participantes. Dependendo do pregador, há fala contra práticas de religiões de matrizes africanas, utilização da palavra macumbas e outras. Enraizando ainda mais o preconceito contra essas religiões que ainda é tão forte em Imperatriz.

O Festival Minha Vida Tem Sentido, é o festival de maior concentração de pessoas em um único local, realizado pela RCC. Perdendo somente para a celebração da Festa de Corpus Christi, que começou no estádio municipal Freio Epifânio, mas atualmente é realizado no espaço da Beira Rio, a principal área de lazer em Imperatriz. Lotando todos os anos.

O Festival Minha Vida Tem Sentido, doravante FMVTS, é realizado há 32 anos na cidade, atraindo católicos e não católicos de todas as idades na região. É um festival de quatro dias de carnaval e tem intensa programação. Tem momentos de adoração, louvor, pregação e missas todos os dias como podemos ver nas Figuras 9 e 10. Há também um espaço para aqueles que desejam se confessar, com padres simpaticistas com o movimento, que se disponibilizam para atender os fiéis no local.

Figura 11 Pregação de Lucas Santos



Fonte: Internet, 2024.

Figura 12 Festival Minha Vida tem Sentido



Fonte: Internet, 2024.

O FMVTS atrai milhares de pessoas, não só pela programação, mas também pelos pregadores convidados, que geralmente são personalidades conhecidas na cidade ou em outra diocese. Por ser um festival próprio da RCC, não há preocupação com os apoderamentos feitos pela CNBB ao movimento. É possível encontrar pessoas de outros movimentos prestigiando o evento, e vivenciando as práticas realizadas no FMVTS.

Já fora do festival, quando questionei algumas pessoas por não terem ido ao evento, obtive respostas como: “não era um evento católico”, ou “não gosto desse tipo de coisa”, “não vou porque eles não aparecem em nossos eventos” entre outras justificativas. Essas respostas são de pessoas que em suas paróquias não concordam com o estilo de ser católico da RCC, e lutam por espaço dentro do campo religioso contra ela.

Desse modo, essas e outras formas de recrutamento pela RCC estão se tornando comum dentro da cidade, seus eventos são confundidos com os da paróquia, suas práticas recorrentes geram nos participantes uma legitimidade correta de cultuar a Deus, causando estranheza quando chega um padre que não domina tais técnicas carismáticas ou artifícios semelhantes para celebrar a missa.

4.7 ANÁLISE DA PARÓQUIA MODELO

Foi escolhida uma paróquia para aprofundarmos a investigação. Realizamos um estudo de caso. A escolha de determinada paróquia, adiante denominada

paróquia modelo, se deu pelas características ainda observáveis em sua estrutura, com representação da igreja tradicional, movimentos carismáticos e pastorais, os três agentes do campo estudados nesta pesquisa.

A Paróquia Modelo conta com dois padres, um ligado à RCC e suas práticas, e outro que não tem essa afiliação. Este último parece conviver amistosamente com a ala da RCC na paróquia e não se preocupa com o prestígio que a renovação confere aos seus padres, nem com a influência que as lideranças carismáticas exercem sobre os leigos e, indiretamente, sobre os próprios padres.

Atualmente, ele mantém um bom relacionamento com os grupos carismáticos. Corre entre os paroquianos uma informação de que, anos atrás, ele reprimia o movimento carismático e, conseqüentemente, foi repreendido por seus superiores, o que resultou em seu distanciamento direto do movimento.

Os padres desta paróquia, denominados padre 1 e padre 2, têm funções específicas dentro da missão administrativa dos grupos de leigos. Um é responsável pelos grupos carismáticos (padre 1) e o outro pelas pastorais (padre 2), além de se dividirem no acompanhamento dos ministérios: de coroinhas, liturgia, ministros da eucaristia etc.

Na Paróquia Modelo, é observado o conflito entre os movimentos. Apesar de existirem poucas pastorais, elas ainda tentam em seus limites, disputarem espaço com os grupos de oração, sejam ministérios jovens ou não.

A Igreja Tradicional na pessoa dos padres 1 e 2 e a estrutura paroquial, é o agente dominante do campo. Os padres administram a paróquia e buscam um bom convívio com os leigos e seus grupos, articulando responsabilidades paroquiais entre eles como: responsabilidade em organizar missas, festivais, festejo do padroeiro etc. Participar da estrutura hierárquica da paróquia é um privilégio para os grupos, pois, assim, eles fazem parte da estrutura hierárquica da Igreja.

Na Paróquia Modelo, emergem conflitos que podem ser compreendidos, segundo Pierre Bourdieu, como um questionamento do poder dominante vigente. Nesse contexto, os grupos carismáticos questionam a autoridade estabelecida, desafiando as regras impostas pela Igreja Católica, ao mesmo tempo que utilizam sua estrutura para celebrar a Deus de acordo com suas próprias práticas.

As regras em questão são os ritos litúrgicos, que são de responsabilidade do Dicastério para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. Essas características

do catolicismo romano não devem ser alteradas arbitrariamente. No entanto, os grupos carismáticos personalizam o rito, adicionando elementos próprios do movimento que não são permitidos pela Igreja. Tal prática exige que o bispo local tome medidas para reprimir esses atos, a fim de evitar que se tornem corriqueiros. Foi exatamente isso que ocorreu recentemente.

Como a missa só pode ser presidida pelo padre e não por um leigo, e ele como presidente da celebração, não repreende tais atos, acaba por demonstrar um afrouxamento das regras para agradar o grupo em questão e evitar conflitos. Esse afrouxamento também foi ocasionalmente observado quando a missa era organizada por uma pastoral. Este é um dos elementos de conveniência citado anteriormente.

A alteração do rito litúrgico oficial é negada pelos carismáticos, assim diz uma interlocutora: “não há nada de anti-litúrgico, celebramos a missa como deve ser celebrada, apenas enfatizamos o amor de Deus pelos seus filhos. É importante entender que essas alterações foram sutis, e que foram modificadas ao longo dos anos.

Na ausência do padre 1, o padre 2 não celebra a missa de cura e libertação, justamente por não concordar ou não acreditar com o modo de como querem que ele celebre, porém, ele permite que o grupo convide padre de outras paróquias para que venha na Paróquia Modelo e celebre a missa de cura e libertação. Essa atitude evita desgastes de ambos os lados, e mantém um convívio entre eles.

Com eventos e missas carismáticas frequentes, é notado uma preferência pelo padre 1. Uma fiel, em uma conversa informal afirma: “a missa do padre 1 é muito melhor, ele é engraçado e faz a gente sentir Deus durante a missa. Já o padre 2 tem uma missa tão sem sal”. Fica claro a preferência pelas missas carismáticas, comentários como este são comuns na Paróquia Modelo.

A incorporação dessas preferências nos fiéis da paróquia modelo, são analisados neste trabalho como uma nova proposta de ritual imposto por uma ala do catolicismo que encontrou receptividade em parte da clientela que frequenta aquela congregação, que traz um novo modo de cultuar o divino, melhor e mais eficaz, com respostas rápidas e mágicas, como curas, libertação de espíritos maus e bênçãos solicitadas. Todos esses benefícios são oferecidos pela Igreja Católica, mas a RCC apresenta uma forma de fácil acesso, ganhando preferência pelos fiéis.

A RCC está ganhando cada vez mais espaço na paróquia modelo, conquista mais adeptos a cada dia e já é possível vê-la disputando espaço e poder, exigindo afrouxamento e concessões por parte da igreja tradicional para que a mesma mantenha ou pratique seus rituais, mesmo contra a vontade de muitos.

As pastorais disputam espaço com os grupos de oração, porém estão tomando por empréstimo as práticas carismáticas para poder competir no campo e se manter como agente ativo. Essas pastorais têm músicas próprias, porém usam músicas carismáticas em seus encontros para conseguir atrair mais participantes em seus grupos e manter os já existentes, para evitar que saiam para grupos de oração.

Diante do exposto, é possível concluir que a Igreja Tradicional, apesar de sofrer algumas alterações em suas liturgias e se envolver em conflitos no que se concerne às práticas dentro do seu espaço de domínio particular, não corre risco de perder seu espaço no campo, tendo em vista que não foi observado como objetivo da RCC, tomar o lugar absoluto da Igreja no espaço em disputa, apesar de se apresentar frequentemente, com novas práticas de culto a Deus, não previsto pela Igreja oficial.

Estas novas preferências dos fiéis, no que se diz respeito a forma de cultuar a Deus, revela uma mudança de habitus presente em toda a cidade. Em algumas paróquias a mudança desse ethos católico já ocorreu, tornando a paróquia totalmente carismática, enquanto esse processo ainda está em andamento em outras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muita coisa ainda teríamos a acrescentar nessa reflexão, mas os limites de tempo e outros percalços na caminhada nos impediram de ampliar a análise do material da pesquisa de campo. cabe destacar que a chegada da Renovação Carismática Católica (RCC) em Imperatriz, teve efeitos muito importantes na reconfiguração do campo religioso da cidade impactando tanto os evangélicos, especialmente os pentecostais que disputavam a mesma clientela. impactou também a própria igreja católica ao oferecer uma liturgia e rituais até então desconhecidos pela maioria da membresia. Em um primeiro momento, a RCC surgiu como um movimento minoritário, frequentemente alvo de perseguições e estranhamento por parte de outros grupos religiosos. Entretanto, com o passar do tempo, a RCC experimentou uma ascensão significativa, ampliando sua base de adeptos e incorporando membros da classe média imperatrizense em suas atividades. Esse processo resultou em um aumento de poder simbólico e econômico dentro da diocese.

A estrutura hierárquica bem organizada da RCC facilitou a coordenação e a distribuição eficiente de funções entre suas lideranças. À medida que sua influência se expandiu na cidade, a RCC conquistou espaço e prestígio no campo religioso local, que é caracterizado por sua diversidade. Dentro do escopo católico, a RCC não apenas aumentou a participação de leigos nas missas, mas também assumiu funções essenciais na paróquia, como os ministérios de liturgia, música e catequese.

Esse crescimento e consolidação da RCC em Imperatriz refletem sua capacidade de adaptação e integração nas dinâmicas religiosas e sociais da cidade, marcando sua trajetória de um movimento marginalizado a uma força influente no cenário religioso local e dentro da diocese.

A influência da RCC sobre o catolicismo local em Imperatriz pode ser analisada através de um estudo longitudinal das práticas católicas ao longo de um período de cinquenta anos. Inicialmente, o ethos missionário, fortemente influenciado pela Doutrina Social da Igreja e pela Teologia da Libertação, predominava, caracterizado por discursos de lutas sociais e justiça social. No entanto, ao longo do tempo, observou-se uma transição gradual para um ethos espiritual promovido pela RCC, centrado em temas espirituais e emocionais, que se tornaram mais atrativos para a população local, especialmente a urbana de classe média que nunca

simpatizou com os movimentos católicos mais progressistas e ligados as causas sociais. essa transição, apesar de gerar tensões, levou outros grupos religiosos a adotarem práticas semelhantes para garantir sua sobrevivência e recrutamento de novos membros.

O fortalecimento econômico e político da RCC ao longo desses cinquenta anos, ampliou a independência desse movimento católico no Brasil e em Imperatriz e tem gerado tensões com a diocese. Esse movimento possui um capital político bem articulado, permitindo-lhe negociar conveniências tanto no âmbito diocesano quanto no paroquial. A importância da RCC para o catolicismo local se reflete em sua capacidade de assegurar espaços para retiros, apresentações e festivais, que normalmente seriam negociados com outros valores por diferentes instituições ou movimentos.

Essa dinâmica evidencia a ascensão e consolidação da RCC como uma força significativa no cenário religioso de Imperatriz, demonstrando sua capacidade de adaptação às mudanças sociais e às preferências dos fiéis, enquanto exerce influência sobre outras vertentes do catolicismo local. A análise dessa trajetória revela a complexidade das interações entre diferentes movimentos religiosos e a importância da RCC na reconfiguração do campo religioso imperatrizense.

As tensões geradas pela atuação da Renovação Carismática Católica em Imperatriz resultaram em rupturas significativas no catolicismo tradicional da cidade, perceptíveis por meio de uma análise panorâmica e histórica da religiosidade católica local. Essas rupturas manifestam-se de forma mais evidente nas celebrações eucarísticas. É particularmente durante as missas carismáticas que tais discontinuidades com o tradicionalismo se tornam evidentes, apresentando aos fiéis novos ritos que frequentemente contrariam o Código de Direito Canônico da Igreja Católica para celebrações litúrgicas.

A missa, sendo um momento congregacional comum entre católicos de diferentes segmentos, deveria seguir estritamente o Missal Romano, conforme prescrito pelo Vaticano, com o objetivo de manter a unidade celebrativa entre todas as dioceses no mundo. No entanto, a personalização do rito por qualquer movimento ou pastoral é expressamente proibida. As práticas introduzidas pela RCC nas missas, que divergem das normas litúrgicas oficiais, têm gerado denúncias de outros grupos católicos. Estes grupos, que se opõem à RCC, alegam sentir-se menos privilegiados

quando ritos específicos de um único movimento predominam nas celebrações. Apesar dessas queixas, pouco tem sido feito para conter tais práticas.

A análise dessas tensões e rupturas revela a complexidade das interações e conflitos entre diferentes movimentos dentro do catolicismo imperatrizense, destacando o impacto da RCC na reconfiguração do campo religioso local. Tal dinâmica desafia a manutenção da unidade litúrgica proposta pela Igreja, ao mesmo tempo em que evidencia as transformações e adaptações que o catolicismo local tem vivenciado nas últimas décadas. cabe observar que muito desse conflito pode ser administrado, amplificado ou diminuído a depender da liderança que a diocese possui. o tempo limitou contra nossas investigações, uma vez que não foi possível analisarmos com maior profundidade como a liderança da diocese nas figuras de (Dom Affonso Felipe Gregory, Gilberto Pastana de Oliveira, e Dom Vilson Basso, que ocuparam a cadeira entre junho de 1987 até 2024, administraram a relação entre igreja tradicional e RCC. pretendemos aprofundar essa investigação nos próximos anos, de modo a compreender o papel das lideranças da gestão desse conflito.

O papel do padre é fundamental na celebração das missas, sendo indispensável para a realização completa dos ritos eucarísticos e da liturgia da palavra. Assim, ele se torna uma testemunha e, em certos casos, cúmplice das violações litúrgicas. A passividade dos padres diante das denúncias e práticas carismáticas evidencia as estratégias adotadas pela Igreja para evitar maiores tensões ou até mesmo um cisma, ao acolher e acomodar os grupos de oração em suas paróquias, resolvendo conflitos emergentes sem envolver autoridades superiores.

A promoção de festivais e retiros em nome da paróquia representa uma forma de apoio e acolhimento ao movimento carismático, utilizando a autoridade conferida ao padre para resolver os conflitos paroquiais entre a RCC e outras pastorais. Mesmo os padres que não pertencem ao movimento carismático atuam em nome da unidade da Igreja, adotando uma postura de acolhimento do movimento e evitando atritos.

Essas dinâmicas revelam a complexidade da gestão interna das paróquias diante das transformações provocadas pela RCC. A acomodação das práticas carismáticas dentro da estrutura paroquial é uma estratégia para manter a coesão e a unidade eclesial, ao mesmo tempo em que permite a expressão de novas formas de espiritualidade. A análise dessas estratégias pastorais mostra como a Igreja local

busca equilibrar a preservação da ortodoxia litúrgica com a necessidade de integrar movimentos que possuem forte apelo entre os fiéis.

As dinâmicas de poder e as tensões entre a Renovação Carismática Católica e o catolicismo tradicional em Imperatriz podem ser compreendidas como duas forças concorrentes pela legítima administração dos ritos que agradam a Deus. No discurso carismático, a Igreja é entendida como uma revelação de Cristo no mundo, e a RCC é vista como uma "corrente de graça para toda a Igreja" ou ainda, uma revelação de Cristo para a sua Igreja.

Em Imperatriz observou-se que a RCC conseguiu, de forma sutil e ao longo do tempo, modificar direcionamentos e ritos que anteriormente pertenciam à chamada Igreja Popular. A extinção de círculos bíblicos e de alguns movimentos e pastorais criou um vazio no campo religioso católico, que foi preenchido por grupos de oração e lideranças carismáticas atuantes nas paróquias e comunidades eclesiais. Através desses serviços à Igreja, a RCC conseguiu superar várias tensões com a hierarquia eclesiástica. Em contrapartida, a RCC obteve prestígio no campo religioso, não substituindo a Igreja no serviço de bens e salvação, mas utilizando sua estrutura para participar da administração desses bens e manter sua posição de influência.

As interações entre as lideranças da diocese e a RCC demonstram a absorção, por parte da Igreja, das especialidades do movimento carismático. A estrutura própria da RCC, que inclui as melhores bandas católicas, uma significativa porção das lideranças jovens e a maioria dos católicos mais influentes da cidade, reforça essa absorção. Essas lideranças, por sua vez, agem com sutileza para manter a posição da Igreja no campo religioso enquanto asseguram o prestígio do movimento carismático.

A análise dessas dinâmicas revela como a RCC conseguiu se integrar e influenciar a Igreja local, transformando práticas e estruturas internas, e ao mesmo tempo, mantendo a coesão e a unidade eclesial. Essa estratégia permitiu à RCC não apenas consolidar sua presença, mas também participar ativamente da administração dos bens espirituais e materiais da Igreja, garantindo sua relevância no cenário religioso de Imperatriz.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, L. M. A. IGREJA CATÓLICA: Imaginário, ditadura e movimentos sociais. Caderno Espaço Feminino, Uberlândia-MG, 26, Jul/Dez 2013. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/download/24680/13737/96697>>. Acesso em: 7 setembro 2023.

ARDUINI, Guilherme Ramalho. Em busca da Idade Nova: Alceu Amoroso Lima e os projetos católicos de organização social (1928-1945). 2009. 156 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/282068>. Acesso em: 04/01/2024.

ARAÚJO, E. DEPUTADO EVANDRO ARAÚJO. ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ, 21 SETEMBRO 2023. Disponível em: <<https://www.assembleia.pr.leg.br/deputados/perfil/evandro-araujo>>.

BONNEWITZ, P. Primeiras Lições sobre a Sociologia de P. Bourdieu. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, P. Pierre Bourdieu: Sociologia. Organizado por Renato Ortiz. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais), 1983.

_____. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. Os três estados do capital cultural. In: Escritos de Educação / Maria Alice e Afrânio Catani (organizadores). Petrópolis-RJ: Vozes, 1999. 71-79 p.

_____. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia crítica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004.

_____. O campo econômico. Política & Sociedade, 6:15-58, abril 2005. 15-57.

_____. A economia das trocas simbólicas. Trad. Sergio Miceli. 6ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CATEDRAL DE SÃO JOÃO BATISTA. O plano salvífico de Deus. Disponível em: <https://catedralnf.com.br/2020/08/11/o-plano-salvifico-de-deus/>. Acesso em: 12/01/2024.

CHARIS INTERNACIONAL. Sobre o Charis. Charis Internacional, 23 julho 2023. Disponível em: <<https://www.charis.international/pt/sobre/>>.

GAZETA DO POVO. Renovação Carismática Católica se organiza, conquista cargos e quer mais espaço na política. SEMPRE FAMÍLIA - GAZETA DO POVO, 25 agosto 2016. Disponível em: <<https://www.semprefamilia.com.br/atualidades/renovacao-carismatica-catolica-se-organiza-conquista-cargos-e-quer-mais-espaco-na-politica/>>.

GUIDOTTI, V. H. R. Campo religioso em Pierre Bourdieu: explorando a dinâmica das instituições burocráticas. *Revista Intraciência*, n. 10, dezembro 2015.

INSTITUTO VLADO HERZOG – MEMÓRIAS DA DITADURA. Organizações de esquerda pré-golpe de 1964. Disponível em: <https://memoriasdeditadura.org.br/organizacoes-de-esquerda-pre-golpe-de-1964/>. Acesso em: 20/01/2024.

MACHADO, M. D. D. C. Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar. Campinas, SP: ANPOCS, 1996.

MEMÓRIAS DA DITADURA. Partidos políticos, 20 setembro 2023. Disponível em: <https://memoriasdeditadura.org.br/partidos-politicos/>.

MIRANDA, M. F. Um catolicismo desafiado: igreja e pluralismo religioso no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1996.

NERI, M. Crise metropolitana e Conversão Religiosa. *Revista Conjuntura Econômica*, Rio de Janeiro, junho 2007.

NETA, M. D. S. P. Louvor e ação social: estudo sobre a renovação carismática católica e a associação servo de deus em Goiânia. PUC-GOÍÁS. GOIANIA, p. 110. 2019.

NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (.). Os Três Estados do Capital Cultural. In: _____ Escritos de Educação. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, P. A. R. D. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.) Sociologia da religião: enfoques teóricos. 4ª. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003. 177-197 p.

ORO, A. P. E. A. D. Renovação Carismática Católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo? *Religião e Sociedade*, 2013. 122-144. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/ydp8rBvBTZv5YSmTCS9KNGx/?format=html&lang=pt#>>. Acesso em: 11 setembro 2023.

PIERUCCI, A. F. “Bye bye, Brasil” - O declínio das religiões tradicionais no Censo de 2000. *Estudos Avançados*, 18, 2004. 12.

PRANDI, R. Um sopro do espírito. São Paulo: Edusp, 1997.

RCC BRASIL. Ministério Fé e Política. RCC BRASIL, 20 setembro 2023. Disponível em: <https://novoportal.rccbrasil.org.br>.

SANT'ANNA, Anderson de Souza. O espaço como capital: contribuições à teoria da ação prática de Bourdieu. *Revista Desenvolvimento Social*, v. 21/01, p. 33-52, out. 2017. Disponível em: https://sigpibid.ufpr.br/site/uploads/institution_name/ckeditor/attachments/1347/Os_T

r_s_Estados_do_Capital_Cultural_-_Pierre_Bourdieu__1__1_.pdf. Acesso em: 12/01/2024.

SETTON, M. D. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, maio/jun./Jul/ago. 2002. 60-70. Acesso em: 2 outubro 2023.

SILVEIRA, E. J. S. D. Terços, “Santinhos” e Versículos: A relação entre Católicos Carismáticos e a Política. *REVISTA DE ESTUDOS DA RELIGIÃO - REVER*, março 2008.

SYNAN, V. O Século do Espírito Santo 100 anos do avivamento pentecostal e carismático. Tradução Judson Canto. São Paulo, SP: Editora Vida, 2009.

TOSCANO, R. Renovação Carismática Católica na Perspectiva do Outro: um olhar de fora para dentro. UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS. Goiânia-GO. 2001.

WEBER, M. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, v. I, 1991.